

Meta.Biose

TRANSFORMAÇÃO PROJETUAL
PARA HABITAÇÃO SOCIAL
QUE BROTA DA MANGUETOWN

Autor: Diego Lopes de Brito
Orientador: Pascal Machado
Arquitetura e Urbanismo | UFPE





Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Diego Lopes de Brito
Orientador: Pascal Machado

Recife, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Brito, Diego Lopes de.

Meta.Biose - Transformação projetual para habitação social na Manguetown /
Diego Lopes de Brito. - Recife, 2023.
138 : il.

Orientador(a): Pascal Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Habitação Social. 2. Retrofit. 3. Centro Histórico. 4. Recife. I. Machado,
Pascal. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

META.BIOSE

TRANSFORMAÇÃO PROJETUAL
PARA HABITAÇÃO SOCIAL
QUE BROTA DA MANGUETOWN

META

Abreviação de **Metamorfose**

(latim metamorphosis, -is, do grego metamórfosis, -eos)
substantivo feminino

1. Alteração visível na forma ou na estrutura de algo ou alguém.
= MUDANÇA,

BIOSE

Abreviação de **Simbiose**

(grego sumbiósis, -eos)
substantivo feminino

1. [Biologia] Associação recíproca de dois ou mais organismos diferentes que lhes permite viver com benefício.

MANGUETOWN

Junção das palavras Mangue e Town (cidade)

Mangue
Substantivo masculino

1. [Botânica] Designação de várias árvores rizoforáceas da América e da África, com raízes grossas que sustentam a planta no ar e cuja casca, taninosa, se emprega em curtumes.

2. [Brasil] Floresta junto à praia e na foz dos rios, em que se encontra esse tipo de árvore. = MANGAL, MANGUEZALda água salgada.

Cidade
(latim civitas, -atis)
Substantivo feminino

1. Povoação que corresponde a uma categoria administrativa, geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas,

Fontes: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/metamorfose>; <https://dicionario.priberam.org/simbiose>; <https://dicionario.priberam.org/mangue>; <https://dicionario.priberam.org/cidade> [consultado em 12-04-2023].

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é produto das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, e foi desenvolvido entre os anos de 2022 e 2023, sob orientação do Professor Pascal Machado.

Intitulado “Meta.Biose: Exercício Projetual que brota da Manguetown”, tem como objetivo realizar um anteprojeto de transformação de um edifício abandonado, especificamente o prédio Segadas Vianna, localizado no bairro de Santo Antônio, Recife-PE. Propõe-se a mudança do antigo uso institucional da edificação em um uso habitacional, no intuito de reduzir o déficit habitacional da cidade e colaborar para uma revitalização do centro histórico recifense.

Para Deusziene,
Minha Mãe

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a minha família, que forneceu as bases para quem sou. Agradeço ao meu irmão Guilherme, por ser a inspiração maior na minha vida. Agradeço a minha madrinha Amanda por todo apoio. Agradeço a Marlene por todo o carinho, cuidado e cobranças. Agradeço a Liz por gritar titio quando me ver.

Agradeço enormemente àqueles que me acompanharam de perto durante todo a luta desses últimos semestres: Rebeca, Carol, Gabriella, Jaqueline, Alana e Lucas. Obrigado pela paciência e por me ensinarem tanto, serei eternamente grato.

Também agradeço a pessoas incríveis que passaram pela minha jornada nessa graduação: Clara, Luísa, Ricardo, Letícia e Ronaldo, .

Aos amigos que Recife me proporcionou e que tanto me ensinaram sobre a vida: Sthefanny, Wênio, Francisco, Itallo, Andrio, Tonny e Tais. E aos amigos de longa data por todo o apoio: Marcos, Rosy, Jonas, Mylena, Nadyr, e Joyce.

As chefes e mestres que tive a honra de trabalhar, conviver e aprender: Sandra, Carolina, Mônica Raposo e Fabíola Pimentel. A minha psicóloga Fabiana.

Aos professores e arquitetos que me auxiliaram na graduação e na confecção desse trabalho: Rayane Barcelos. Tássia Tenório, Paulo Raposo e Luciano Medina. Em especial ao meu orientador Pascal Machado que sempre acreditou, estimulou e embarcou no sonho louco desse TCC.

Sobretudo, agradeço a minha mãe. A quem eu devo tudo, a pessoa que me criou, me motivou, me fortaleceu, e que sempre celebrou minhas conquistas, mas que infelizmente não está aqui para me ver concluir esse ciclo. Estivemos e sempre estaremos juntos, aonde quer que eu vá.

RESUMO

O déficit habitacional do Recife é de 71.160 habitações. São milhares de famílias que vivem em condições degradantes e muitas vezes completamente distantes das zonas centrais da cidade. Em contraste a esse cenário, são vistos no centro histórico milhares de metros quadrados de área construída desocupada passível de mitigar esses números, são dezenas de edificações que não cumprem sua função social e que podem ser ocupadas para usos habitacionais. Um exemplo disso vem da ocupação Leonardo Cisneiros que ocorre no edifício Segadas Vianna, localizado no bairro de Santo Antônio, que esteve abandonado por cerca de 20 anos e há 2 vem sendo o lar de mais de 100 famílias. O objetivo do trabalho é propor uma transformação para esse edifício, realizar a conversão de sua tipologia empresarial em uma edificação habitacional; requalificar os espaços internos da edificação; organizar e acomodar as famílias em ambientes adequados; propor novas instalações prediais; conectar o edifício ao seu contexto urbano; além de propor nova fachada, de modo a destacar o novo caráter habitacional contemporâneo da edificação. O projeto toma partido da luta por direitos sociais da ocupação Leonardo Cisneiros, a riqueza cultural do Recife e a proximidade ao Rio Capibaribe para utilizar como conceito norteador da proposta o movimento “Manguebeat.

Palavras-chave: Habitação Social, Intervenção na preexistência, Manguebeat

ABSTRACT

Recife's housing deficit is 71,160 homes. There are thousands of families living in degrading conditions and often completely far from the central areas of the city. In contrast to this scenario, thousands of square meters of unoccupied built area can be seen in the historic center that can mitigate these numbers, there are dozens of buildings that do not fulfill their social function and that can be occupied for residential uses. An example of this comes from the Leonardo Cisneiros occupation that takes place in the Segadas Vianna building, located in the Santo Antônio neighborhood, which was abandoned for about 20 years and for 2 years has been home to more than 100 families. The objective of the work is to propose a transformation for this building, converting its business typology into a residential building; reclassify the internal spaces of the building; organize and accommodate families in suitable environments; propose new building installations; connecting the building to its urban context; in addition to proposing a new facade, in order to highlight the new contemporary housing character of the building. The project takes advantage of the struggle for social rights during the Leonardo Cisneiros occupation, Recife's cultural richness and proximity to the Capibaribe River, using the "Manguebeat" movement as a guiding concept for the proposal.

Keywords: Social Housing, Intervention in pre-existence, Manguebeat

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

01

CONTEXTO 22

A cidade
História
Modernidade
Declínio
Edific. abandonadas

02

OBJETO 36

Segadas Vianna
Estilo Arquitetônico
Histórico
Tectônica
Ocupação

03

REFERÊNCIAS 58

Ocupação 9 de julho
Arq. Pernambucana
Teoria do Restauro
Arq. Desconstrutivista
Herzog & de Meuron
Lacaton & Vassal
Manguebeat

04

PROJETO 80

Conceito
Programa de necessidades
Obra
Base
Corpo

CONSIDERAÇÕES FINAIS 110

REFERÊNCIAS 114

CADERNO DE DESENHOS 118

The image shows a close-up of a weathered wall with peeling paint, revealing a light blue underlayer. A window frame is visible, looking out over a cityscape and the ocean under a cloudy sky. In the foreground, there are black graffiti lines on the wall. The word "INTRODUÇÃO" is written in large, white, bold letters at the bottom.

INTRODUÇÃO



TANTO
TETO SEM
GENTE
E
TANTA
GENTE SEM TETO

Garantido pelo Artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e, no Brasil, pelo Artigo 6 da Constituição da República (1988), todo cidadão tem o direito à moradia, considerado como básico e fundamental. E muito embora seja o papel do Estado garantir que todos tenham acesso à habitação digna, a realidade é muito diferente. Segundo um estudo de 2022, feito pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) e a Ecconit Consultoria Econômica, apenas em Pernambuco o déficit habitacional é de 326.844 unidades; sendo Recife, em 2018, de acordo com o levantamento do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PHLIS), responsável pela falta de 71.160 moradias. Além do mais, segundo a Prefeitura Municipal do Recife, somente em 2019, 1400 pessoas viviam em situação de rua na cidade, número que possivelmente deve ter agravado com a pandemia do Covid-19. (CBN Caruaru)

O cálculo do déficit habitacional considera 4 tipos de situações: o número de domicílios precários; coabitação (o número de famílias que convivem na mesma casa, mas que têm interesse de constituir domicílio próprio); a sobrecarga do valor do aluguel na renda familiar (a partir de 30% da renda sendo destinada ao aluguel; destaca-se que, segundo a FipeZap+, em dezembro de 2022, Recife era a capital com o 2º maior aluguel do Brasil) e o adensamento demais das residências alugadas (identificando e quantificando quando existem mais de 3 moradores por quarto).

No Recife, como em outras metrópoles brasileiras, boa parte dessa população enquadrada no déficit habitacional, se distribui entre as periferias, no fenômeno denominado de espraiamento urbano, em localidades que muitas vezes não são capazes de suprir a demanda de serviços de seus habitantes e, principalmente, ofertar acesso, em suficiência, à educação e a postos de trabalho. Essa distância entre a população periférica e os locais em que precisam ir diariamente é comprovada por um levantamento do aplicativo Moovit, onde a capital pernambucana foi classificada como a cidade, entre 99 municipalidades analisadas globalmente, com maior tempo gasto no deslocamento casa-trabalho (e

vice-versa), com cerca de 96 minutos por trecho, ou seja, aproximadamente três horas e doze minutos por dia são perdidos em transporte. Se somarmos esse tempo às horas gastas em trabalho, pouco sobra para a realização de outras atividades, como lazer, cultura e passar tempo com a família, diminuindo gradativamente a qualidade de vida e o bem estar geral.

Outra parcela considerável desse déficit habitacional é direcionado para a “habitação” em locais inadequados, como zonas de proteção ambiental, regiões de deslizamento de terra e nas margens dos rios e mangues, sobre palafitas; o que contribui para que essa população esteja suscetível a desastres em épocas de chuvas, como alagamentos e deslizamentos, e à infestação de doenças. Nos casos das palafitas e assentamentos informais, a problemática se multiplica devido aos riscos de incêndios e outros acidentes. Mesmo quando as residências improvisadas são construídas em alvenaria, as condições urbanas desses bairros “autoformados” dificultam a chegada e o acesso aos serviços públicos como saneamento básico, transporte, segurança, recolhimento de lixo, etc.

Dessa forma, o déficit habitacional torna-se uma questão diretamente re-

lacionada com a fome e a desigualdade social, na medida em que essa população, majoritariamente pobre, não encontrando serviços que forneçam dignidade e oportunidade de melhoria de vida, continuará sem perspectiva de mudança social. O Estado não chega nas favelas e elas continuam a crescer, invisíveis ao poder público.

Contrastando a esse cenário, o centro histórico do Recife, local de riquíssimo valor cultural e centro de empregos, é marcado por um amplo estoque edificado abandonado e uma reduzida densidade populacional. Os 11 bairros que constituem essa região abrigam apenas 5,08% da população Recifense (JC, 2021), e é um cenário de descaso público, com dezenas de prédios abandonados/desocupados e uma sensação de insegurança latente nos horários noturnos.

A solução para essas duas problemáticas vem da ocupação das edificações destinando essas estruturas à habitação social. A propriedade tem e deve ter função social e é inconcebível a ociosidade e morosidade para dar função a imóveis abandonados há décadas, sem plano de restauro e uso. É preciso pôr para funcionar os mecanismos legais em serviço da habitação: reapropriação por dívidas públicas; usucapião urbano, locação social, etc.

E sobretudo, é preciso reconhecer o papel audacioso que organizações como o Movimento de Luta e Resistência pelo Teto (MLRT) vem realizando na cidade, na medida em que são feitas ocupações “clandestinas” em edificações abandonadas com o intuito de reduzir o sofrimento de uma população tão desassistida pelo poder público. Exemplo maior disso vem da ocupação Leonardo Cisneiros, que atualmente ocupa a edificação Segadas Vianna, que esteve abandonada por 20 anos no bairro de Santo Antônio e hoje é o lar de mais de 100 pessoas.

REVOLTA

19
22

@LEOGOSPEL33

OLHEM O
RECIFE ESTÁ SENDO
OCUPADO!

MLRT

COM RESISTENCIA
ARTE AMOR E
PAZ

@XHICBOY



Figura 01 - Grafite Urbano
Fonte: Diego Lopes, 2022

METODOLOGIA

A ocupação Leonardo Cisneiro, atuante na edificação, mostra que é possível ocupar o edifício sem grandes modificações estruturais, mas que, ainda sim, necessita de uma solução arquitetônica em caráter de urgência, devido a seus problemas infraestruturais e organizacionais. Além disso, o edifício é bastante representativo na cidade como um símbolo de abandono do patrimônio construído, o projeto e a consequente ocupação por trabalhadores do centro tornaria uma referência de convertibilidade de edificações abandonadas no centro expandido da cidade, beneficiando também as políticas de mobilidade urbana, preservação do patrimônio histórico e assistência social.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é de desenvolver uma proposta de Anteprojeto Arquitetônico de intervenção para o edifício Segadas Vianna, no bairro de Santo Antônio, Recife - PE. Como objetivos específicos foram delimitados os seguintes:

- 1. Estudar sobre convertibilidade de edifícios antigos para fins habitacionais
- 2. Desenvolver tipologias de moradia adequadas às necessidades dos habitantes.
- 3. Compreender os impactos de intervenções contemporâneas na paisagem.
- 4. Elaborar um Anteprojeto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos e será apresentado da seguinte forma:

No Capítulo **01 - “Contexto”**, é comentado sobre o contexto histórico do centro do Recife, evidenciando seus bairros como locais de grande importância na cidade e apontando como seu processo histórico criou um território culturalmente rico mas também repleto de cicatrizes que permanecem até hoje. O capítulo finaliza mostrando dados sobre o abandono populacional, do patrimônio edificado e listando edificações possíveis de serem ocupadas.

Em seguida, o capítulo **02 - “Objeto”**, são apresentadas informações sobre a edificação Segadas Vianna, como o contexto vizinho, uma análise sobre sua fachada moderna, dados sobre o seu processo histórico, o estado atual de sua estrutura e um estudo da ocupação Leonardo Cisneiros e de seus ocupantes.

Já no capítulo **03 - “Referências”**, é discorrido sobre as referências utilizadas na elaboração do projeto: as teorias arquitetônicas da conservação; investigações sobre arquitetura contemporânea pernambucana e internacional; análise de edifícios importantes para o estudo; e uma leitura do Maguebeat como forma de interligar os conceitos e atribuir um caráter único à intervenção.

Chegando ao capítulo **04 - “O PROJETO”**, são apresentados dados e imagens da proposta arquitetônica, o programa de necessidades e exibe o rebatimento dos conceitos estudados na arquitetura do edifício Segadas Vianna . Por fim, é exposto as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.



1. O CONTEXTO



A CIDADE

Os bairros do Recife, Santo Amaro, Boa Vista, Cabanga, Ilha do Leite, Paisandu, Santo Antônio, São José, Coelhos, Soledade e a Ilha Joana Bezerra integram a Região Político-Administrativa 1 (RPA1), conhecidos popularmente como os bairros centrais da capital, chamados, muitas vezes, apenas de “cidade”. É nessa “cidade” que o Recife acontece para milhares de pessoas que por ali transitam diariamente, seja a trabalho, a compras, à diversão, à manifestação, mas principalmente, é na cidade onde vivenciam o espaço público. “É a cidade que se apresenta como centro das ambições, para mendigos ou ricos, trabalhadores, patrões, policiais e camelôs” (Nação Zumbi. A Cidade. Da Lama Ao Caos. Gravadora CHAOS, 1994)

Segundo Bernadino, a RPA 1 consolidou-se como polo econômico ao concentrar grande parte da oferta dos postos de trabalho, do comércio, dos serviços, das instituições e dos equipamentos culturais do Recife, o que lhe confere uma grande importância funcional e o caráter de centralidade urbana, e um traço mais marcante dessa característica está na grande oferta de transporte público. Estima-se que cerca de 400 linhas de ônibus atendem a Região Metropolitana do Recife diariamente. Destas, aproximadamente 300 percorrem o centro da cidade (BERNARDINO, 2011).



Figura 02 - RPA 01
Fonte: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/sobre-rpa-1>, acesso 2023



Figura 03 - Bairros RPA 01
Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Area-central-do-Recife-RPA1-e-Centro-Historico-do-Recife-2018_fig1_346537763 acesso 2023

Grande parte dos bairros centrais são conhecidos por suas características particulares, seja pelo tipo de comércio, os serviços, cultura, pontos turísticos, etc. O bairro de São José, por exemplo, se apresenta como um importante polo comercial, reconhecido pela diversidade de produtos, e por seu traçado urbano marcado por becos e vielas, que proporcionam experiências únicas aos transeuntes. Andar no bairro de São José significa se perder entre a multidão, se encontrar de frente a pátios de igrejas barrocas centenárias, descobrir uma diversidade enorme de fachadas e patrimônios, e como bem defende Vasconcellos: é necessário reconhecer os becos como um valor cultural patrimonial e um bem patrimonial da cidade (VASCONCELLOS, et al., 2018)

A utilização e a vivência do espaço público não fica restrito ao bairro de São José. Por toda a RPA 1 é marcante a efervescência de manifestações políticas, eventos cívicos e sobretudo culturais. O centro do Recife transpira cultura, pois como bem disse Clarice Lispector “As ruas e as praças do Recife foram feitas para o carnaval”. Festa essa que movimenta milhões de pessoas e que renova as tradições centenárias da cultura recifense. Cultura que pulsa no ritmo dos tambores do maracatu, no agito das sombrinhas de frevo, nas cores dos caboclinhos, no canto dos sambas e na euforia de outros tantos ritmos pernambucanos e brasileiros.

Apesar de todo esse agito, a “cidade” também é marcada pela ruína. Durante o dia os comércios e serviços tornam os bairros ativos e movimentados, porém, durante a noite é observado uma brusca diminuição de circulação e uma consequente sensação de insegurança pública, que expõe o caráter degradado da região, sobretudo nos bairros de São José e Santo Antônio. O processo de degradação do centro é bastante complexo e não cabe a este trabalho o documentar por completo. Entretanto, torna-se necessário trazer à luz da discussão do seu processo histórico da Ilha de Antônio Vaz, que corresponde aos bairros de Santo Antônio e São José, e de como a arquitetura e o urbanismo foram agentes ativos e também reflexos de todo seu desenrolar até o momento atual.

HISTÓRIA

Segundo o DPPC (Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural), a ocupação da ilha de Antônio Vaz começou através da construção do convento de Santo Antônio em 1606 pelos Franciscanos. Passados alguns anos, a ilha já abrigava algumas residências e armazéns, mas a maior parte da ocupação pernambucana ficava restrita ao Istmo de Olinda, onde hoje está situado o bairro do Recife. Isso mudou drasticamente após a invasão holandesa em 1630.

A decisão por ocupar a ilha de Antônio Vaz veio sobretudo por causa de sua geografia, a planície cercada por mangue favorece a defesa e tem certa semelhança com outras cidades holandesas. Ocupando a Ilha, o Recife então se consagra como um Centro-político administrativo Holandês, nesse momento é realizado a construção de edificações públicas e administrativas e inicia-se o planejamento do tecido urbano para o desenvolvimento de habitações, comércios. A chamada “Cidade Maurícia”, idealizada em 1638 pelo arquiteto e urbanista Pieter Post, ordena o território em um traçado geométrico bastante regular e adequado à topografia e aos cursos de água segundo Loureiro e Amorim (2000, p. 25).



Figura 04 - Imagem paisagem Santo Antônio, 1855
Fonte: Relatório ZEPH-10 DPPC

Com a retomada do poder português, a ocupação da ilha de Antônio Vaz continua durante todo o século com características dispersas e pouco coordenadas. Diversos grupos sociais, sejam eles negros, comerciantes ou irmandades religiosas realizam suas respectivas construções, com pouca hierarquização. No início do século XVIII, a ilha era caracterizada por quadras densamente ocupadas utilizando sobretudo de edificações estreitas e verticalizadas, os chamados sobrados. (PONTUAL e MELO PEREIRA, 2011)

No final do século XVIII, Recife apresenta um traçado urbano bem diferente do plano da Cidade Maurícia, em vez da retilineidade e funcionalismo, há uma cidade dispersa, diversificada que valoriza os percursos, suas perspectivas e seus significados como indica Silvio Zanchetti:

“(...) Entretanto, o caráter aberto do espaço urbano não significa a ausência de uma lógica de formação e composição. Não são formas aleatórias; pelo contrário, seguem uma sintaxe clara, que organiza elementos urbanos simples, usando, basicamente, a perspectiva como sistema de organização”
(ZANCHETTI, Silvio. O RECIFE DO SÉCULO XVIII COMO CIDADE BARROCA.)

E assim, com o tempo o mangue continuou sendo aterrado, o rio foi sendo atravessado por pontes e a cidade do Recife foi criando forma através dessa tessitura. Até que no início do Século XX, o desejo de modernizar a cidade resultou numa completa transformação do centro histórico tendo como custo a destruição de inúmeros patrimônios.



MODERNIDADE

O século XX no Recife é marcado pelo barulho das marretas que destruíram tudo para abrir caminho ao futuro. Seguindo os passos de urbanistas higienistas europeus, os bairros centrais da cidade, sobretudo o bairro do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista, passaram por projetos de saneamento, alargamento de vias e calçadas, e, inevitavelmente, destruição do patrimônio urbano (Meneses, 2015).

Em 1906, é iniciado o processo de reforma do Bairro do Recife. Boa parte do núcleo original da cidade foi demolido para dar lugar a uma malha radial regular influenciada pelo urbanismo francês do século XIX e os antigos sobrados coloniais foram substituídos por edifícios ecléticos; o objetivo era transformar a antiga cidade colonial em um local próspero, belo e civilizado, segundo os padrões da época. Esse processo elitizatório logo chegou também aos bairros de Santo Antônio e São José.

“Pouco a pouco desaparecia aos olhos não um bairro, mas um cenário de milhares de criaturas no seu presente e no seu passado. [...] famílias modestas das habitações baratas em últimos andares de sobrados, quitandas e vendas, quiosques e barracas, “raparigas” de fáceis leitos e pequenas pagas, arraigados moradores da freguesia por devotos do Senhor dos Passos ou da Conceição do Arco, tudo, tudo se deslocava enquanto as picaretas golpeavam e os tetos se abatiam. [...] e o Corpo Santo também se desmanchava [...] Poucos fariam ainda desse burgo onde Recife nascera, tão enviesado de ruas e ruelas [...] tudo no chão. Nunca se vira uma loucura assim.” (Mário Sette)



Figura 05 - Imagem paisagem Santo Antônio, 2014
Fonte: Relatório ZEPH-10 DPPC

Por volta de 1931, é apresentado um plano urbanístico desenvolvido pelo arquiteto e urbanista Nestor Figueiredo, que define a praça da Independência como espaço de convergência e ponto inicial que iria guiar a ampliação da cidade. O plano foi bastante alterado até que, em 1938, são iniciadas as demolições do traçado existente para dar espaço às atuais Avenida Guararapes e Avenida Dantas Barreto.

O Plano contava com o desenvolvimento de uma série de edifícios monumentais seguindo uma estética Art Déco ou Proto-modernista [Referência ao artigo de Fernando], como a sede dos Correios, o edifício Sul-america e o Sulacape. E no decorrer de um período de 20 anos, foram desenvolvidos outros edifícios modernos de grandes mestres da arquitetura pernambucana, como o Bancipe (1963), projetado por Acácio Gil Borsoi, o Edifício Sede da Secretaria da Fazenda (1939-1942), de autoria Fernando Saturnino de Brito. Em todos eles havia uma semelhança: a priorização dos usos corporativos ou institucionais em detrimento de habitação, e segundo Outtes, é uma tendência na maioria dos edifícios dessa época.

“Os usos propostos para as novas edificações erradicaram o uso habitacional: os pavimentos térreos e as sobrelojas poderiam ser ocupados apenas por cafés, restaurantes, casas de moda e outros negócios similares. Os pavimentos superiores eram destinados a escritórios, restaurantes e ao comércio de luxo.” (OUTTES, 1991).



O monofuncionalismo, somado à perda da herança cultural devido às demolições e ao surgimento de outros polos comerciais e habitacionais na cidade, começam a gerar problemas nessa região. O que era um bairro movimentado e dinâmico, se transforma pela noite em um ambiente bastante sem vida. Após as reformas do século XX, seguiu um constante decréscimo populacional no bairro de Santo Antônio onde, hoje, se constata que o mercado habitacional, englobando compra, venda e aluguel de imóveis residenciais, praticamente deixou de existir (BERNARDINO e LACERDA, 2015). Segundo os últimos dados censitários, o bairro de Santo Antônio registrou uma enorme queda de quantidade de habitantes entre os anos de 1910 e 2010 (figura 06). Demarcando um bairro com uma reduzida densidade habitacional comparada com o restante da cidade.

A ausência de moradores impacta diretamente a vivência urbana no período noturno, fora do horário comercial. Antiga e famosa noite boêmia do bairro de Santo Antônio é substituída pela quantidade de equipamentos públicos fechados (bares, cinemas, teatros, museus) e por uma constante preocupação com a violência urbana.

E isso reflete diretamente na Arquitetura e no Urbanismo. Ainda hoje é possível observar o estado degradado das fachadas das edificações, a presença de inúmeros carros estacionados nas ruas, o abandono e o desuso de praças e parques. Mas, sobretudo, o elemento mais simbólico desse processo de declínio é a quantidade de edificações vazias ou subutilizadas.

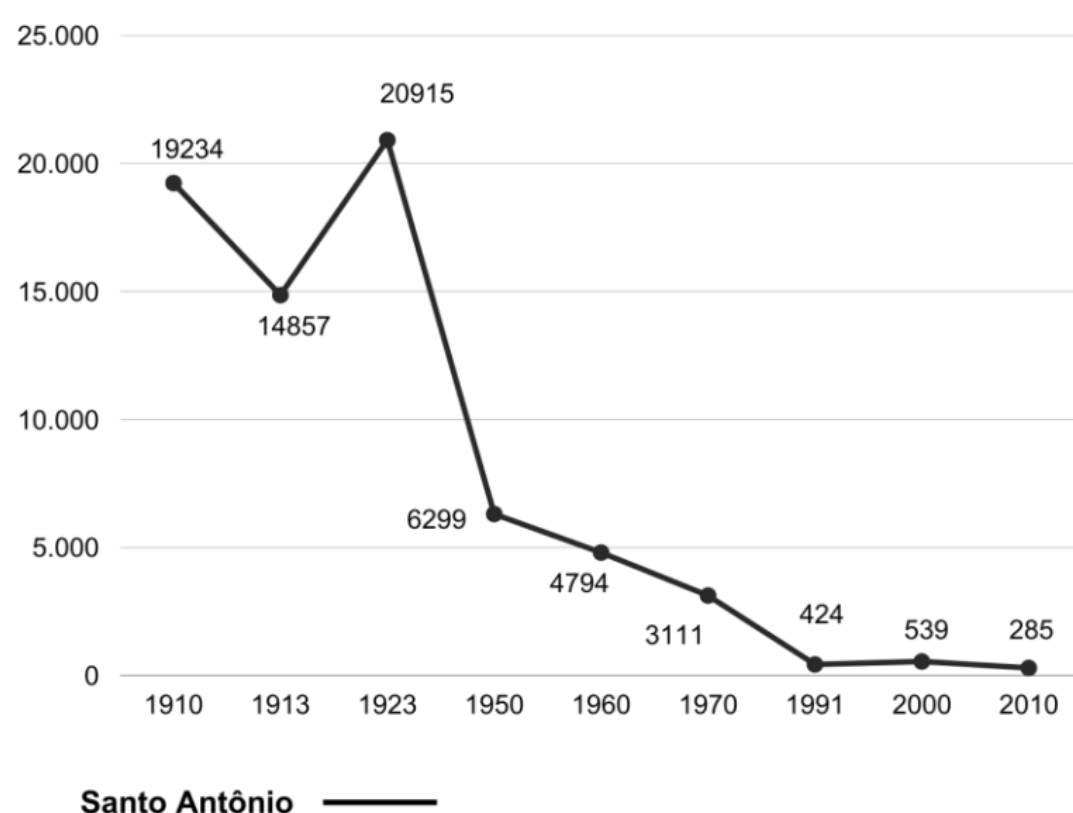


Figura 06 - Gráfico da evolução populacional de Santo Antônio (1910 - 2010)
Fonte: Lubambo (1991); Silva (1979); Censos IBGE 1991, 2000 e 2010, organizado pela Rayane Barcellos (2023)



Figura 07 - Edifício do Diário de Pernambuco, abandonado desde 2004
Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/12/14919906-historia-em-ruinas-predio-do-diario-de-pernambuco-no-recife-e-memoria-indo-pelo-ralo.html>, acesso 2023

EDIFICAÇÕES ABANDONADAS

A ONG Habitat Brasil produziu, em 2018, um levantamento de edificações abandonadas no bairro de Santo Antônio através de dados do ESIG (Sistema de Informações Geográficas do Recife) e pesquisa de campo. Foram analisados 112 lotes que continham edificações de 5 ou mais pavimentos (parâmetro estabelecido para filtrar os imóveis com maior potencial de reabilitação para habitação). Desses 112 lotes, 42 estavam com pouca ou nenhuma ocupação (Figura 08). Nos casos em que havia menos da metade ocupada verificou-se que somente o térreo apresentava-se, em sua maioria, para fins de comércio ou serviço. Aplicando parâmetros de ocupação chegaram ao total de 105.325,71 m² de área construída desocupada no bairro. (Figura 09)

Considerando todo o contexto já mencionado: a urgência na solução do déficit habitacional, a necessidade da cidade de solucionar os problemas de mobilidade e a demanda por restabelecer a habitabilidade do centro. Torna-se imperativo a reocupação dos edifícios abandonados e a consequente destinação deles para habitação, sobretudo habitação social. Já que é a classe dos trabalhadores que precisaram sair do centro e só encontram locais para morar na periferia da cidade e da região metropolitana.

O centro abandonado acaba impactando a vida dos milhões de moradores da RMR (Região Metropolitana do Recife), e por isso, sua reestruturação atravessa diversos obstáculos, e perpassa por várias discussões públicas. O Estado deve ser o principal agente promotor de soluções, mas a sociedade, a Academia e o poder privado podem e devem participar ativamente das discussões. É nesse cenário que o trabalho se insere, como incentivador desse debate e na proposição soluções.

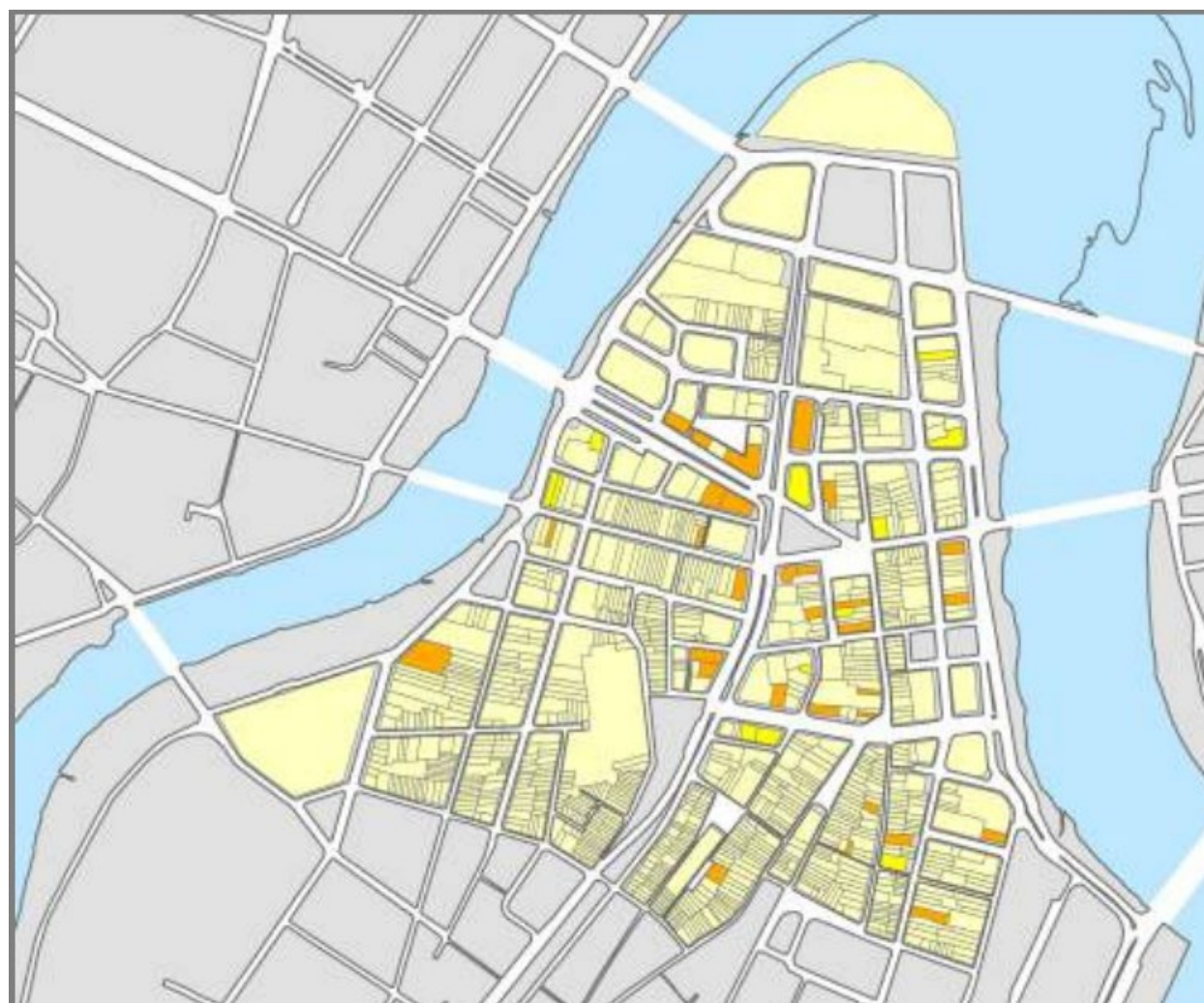


Figura 08 - Mapa de edificações abandonadas no bairro de Santo Antônio
Fonte: MORADIA NO CENTRO: da reflexão à ação, ONG Habitat, para a humanidade Brasil, 2018

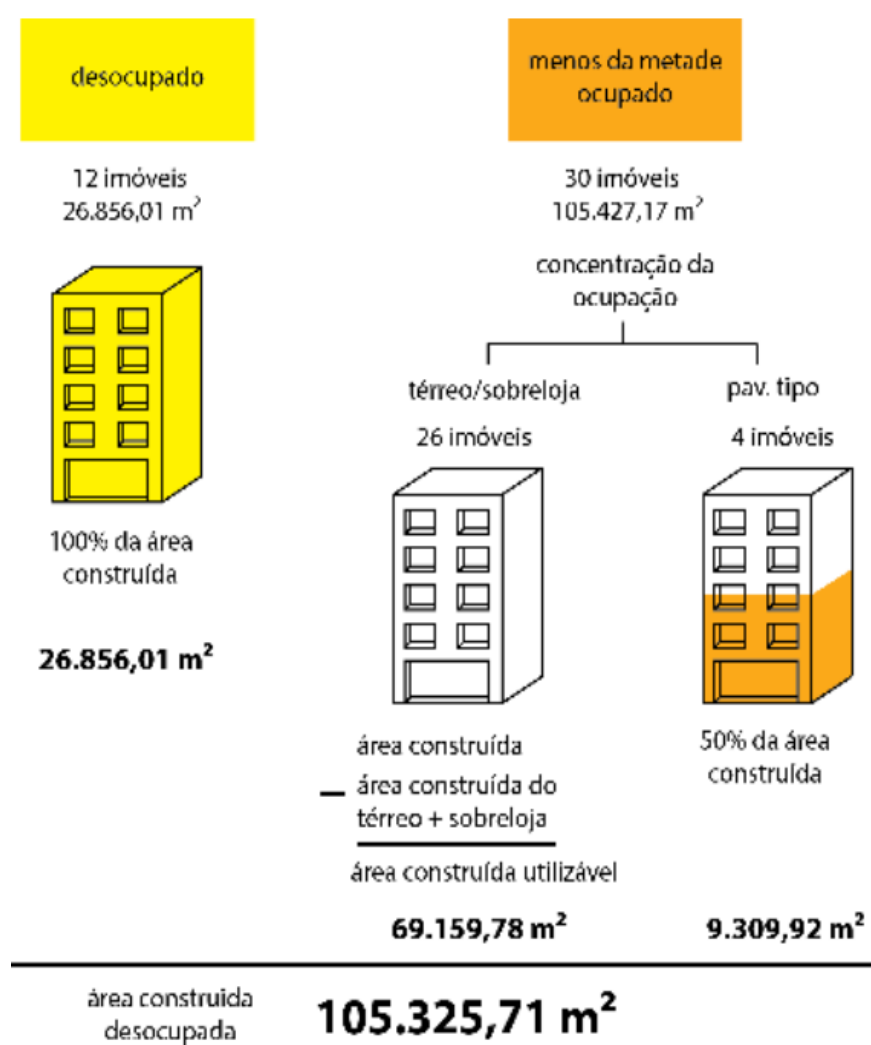


Figura 09 - Estudo do potencial de reabilitação de imóveis.
Fonte: MORADIA NO CENTRO: da reflexão à ação, ONG Habitat, para a humanidade Brasil, 2018

Levando em consideração os 42 edifícios abandonados localizados no bairro de Santo Antônio, segundo a pesquisa da ONG, foram apontados diversos quesitos para a definição de um objeto a sofrer intervenção, como a localização, o tamanho, a relevância na paisagem e a estrutura existente. Após uma análise foram considerados os edifícios como o Segadas Vianna (Figura 10), o Sulamerica (Figura 11), o Sulacap, o edifício JK (Figura 12), e até edificações como o edifício Garagem Piratininga (Figura 13), e a estrutura em ruína do edifício Siqueira Campos. Mas, desta lista, o mais viável e pertinente para a pesquisa, seria o edifício Segadas Vianna, seguindo alguns critérios:

- **O edifício diversas vezes é estampado em capas de jornais como um símbolo do abandono do patrimônio na cidade;**
- **Sua construção, apesar de antiga e repleta de danos tectônicos, não apresenta risco de desabamento;**
- **A localização é privilegiada, dispondo de diversos equipamentos públicos no seu entorno;**
- **Excelente exemplo de Arquitetura Moderna que se destaca na paisagem da ilha;**
- **Tamanho e formatos adequados para receber habitação, pois apresenta uma lâmina estreita, com várias aberturas externas;**
- **Planta livre estrutural, o que possibilita diversos arranjos arquitetônicos;**
- **Mas sobretudo, a emergência de uma proposta para a ocupação Leonardo Cisneiros que ali existe e resiste;**



Figura 10 - Edifício Segadas Vianna,
Fonte: Diego Lopes, 2022



Figura 11 - Edifício Sulamérica
Fonte: Google Street view, acesso em 2023



Figura 12 - Edifício JK,
Fonte: <http://gnewsblog2.blogspot.com/2020/12/ca-entre-nos-ed-122020.html>. Acesso em 2023



Figura 13 - Edifício Garagem Piratininga
Fonte: Diego Lopes, 2022





2. OBJETO

SEGADAS VIANNA

Como já mencionado, o edifício Segadas Vianna localiza-se no bairro de Santo Antônio, rua Marquês do Recife, número 42, esquinas da Rua do Imperador e da avenida Martins de Barros, que margeia o Rio Capibaribe. Segundo o ESIG (Sistema de Informações Geográficas do Recife), seu lote possui 407,52m² e tem uma área construída de aproximadamente 3.700m², distribuída em 10 pavimentos. Tendo fachada para as quatro orientações: norte, sul, leste e oeste. A edificação possui aberturas para as orientações leste, com fachada de 42m e sul, com 15m.

Sua quadra segue a tendência de outras quadras modernas do bairro, conformada por edifícios em altura ocupando seu perímetro e um vazio central para iluminação, sem qualquer recuo entre eles. Nesse caso, observa-se uma quebra no padrão das quadras, na medida em que um dos lotes não se encontra construído, abrigando hoje um estacionamento, ladeado por duas empenas cegas que se destacam e maltratam a paisagem.



Figura 14 - Localização do edifício

Todo o bairro de Santo Antônio é protegido pelos parâmetros da ZEPH 10 (Zona Especial de Preservação do Patrimônio Cultural) promulgada pela Prefeitura através do Decreto N° 11.693, com base na Lei 13.957/1979. Através do Plano Diretor da cidade (Lei No 17.511/2008) A lei apresenta subdivisões chamadas de Setores: o de Preservação Rigorosa (SPR) e o de Preservação Ambiental (SPA). A quadra do edifício está incluída no parâmetro SPA-5.

Para uma compreensão mais aprofundada do entorno e do contexto da edificação, foi estipulada uma área de estudo com raio de 250 metros. Nessa área é possível encontrar diversos equipamentos públicos, edifícios históricos, uma variedade de estabelecimentos comerciais e muitas minúcias de um bairro historicamente importante para a cidade.



O mapa edilício (figura 15) atesta a diversidade temporal e estilística das edificações dessa região, que fica evidente ao analisar os diversos patrimônios históricos existentes nesse curto espaço, tombados ou não pelo poder público: Edifícios do período colonial como o Convento franciscano (barroco); o Gabinete de Leitura Português (ecletico); o patrimônio moderno como o edifício Sede da Fazenda, o Edifício Santo Antônio, o edifício JK; o complexo edificado da Praça da República, composto pelo Tribunal de Justiça, Teatro Santa Isabel, Palácio do Campo das princesas; as próprias praças que são marcos no paisagismo, como a praça da República projetada por Burle Marx e a tão marcante no tecido espacial da cidade, Praça da independência,

O mapa de uso (Figura 16) mostra uma grande quantidade de equipamentos comerciais, serviços e de usos misto. Destaque para o Policlínica Centro, equipamentos, edifícios institucionais como a OAB e Ministério público; a praça do sebo, armazém do campo, pagode do Didi. Boa parte desses locais são utilizados pela população majoritariamente no período diurno, no entanto, fora do horário comercial, é acompanhado na área a tendência do bairro de fechamento e a diminuição brusca da circulação de pessoas. Há apenas duas exceções, o pagode do Didi e o Armazém do Campo.

A peculiaridade desses espaços é bastante considerável. São dois ambientes bastante pontuais que mantêm seu funcionamento noturno e geram uma grande movimentação de pessoas. O pagode do Didi se apresenta como um local de grande resistência, já que se encontra em funcionamento há cerca de 40 anos, diferentemente de muitos outros equipamentos vizinhos que acabaram por fechar as portas, sobretudo na pandemia. E no caso no armazém do campo, é um local ligado ao MST que de dia faz a venda de produtos orgânicos e naturais e no período da noite funciona como um bar bastante ativo, onde, ocasionalmente, são realizadas atividades culturais, como shows e manifestações políticas.

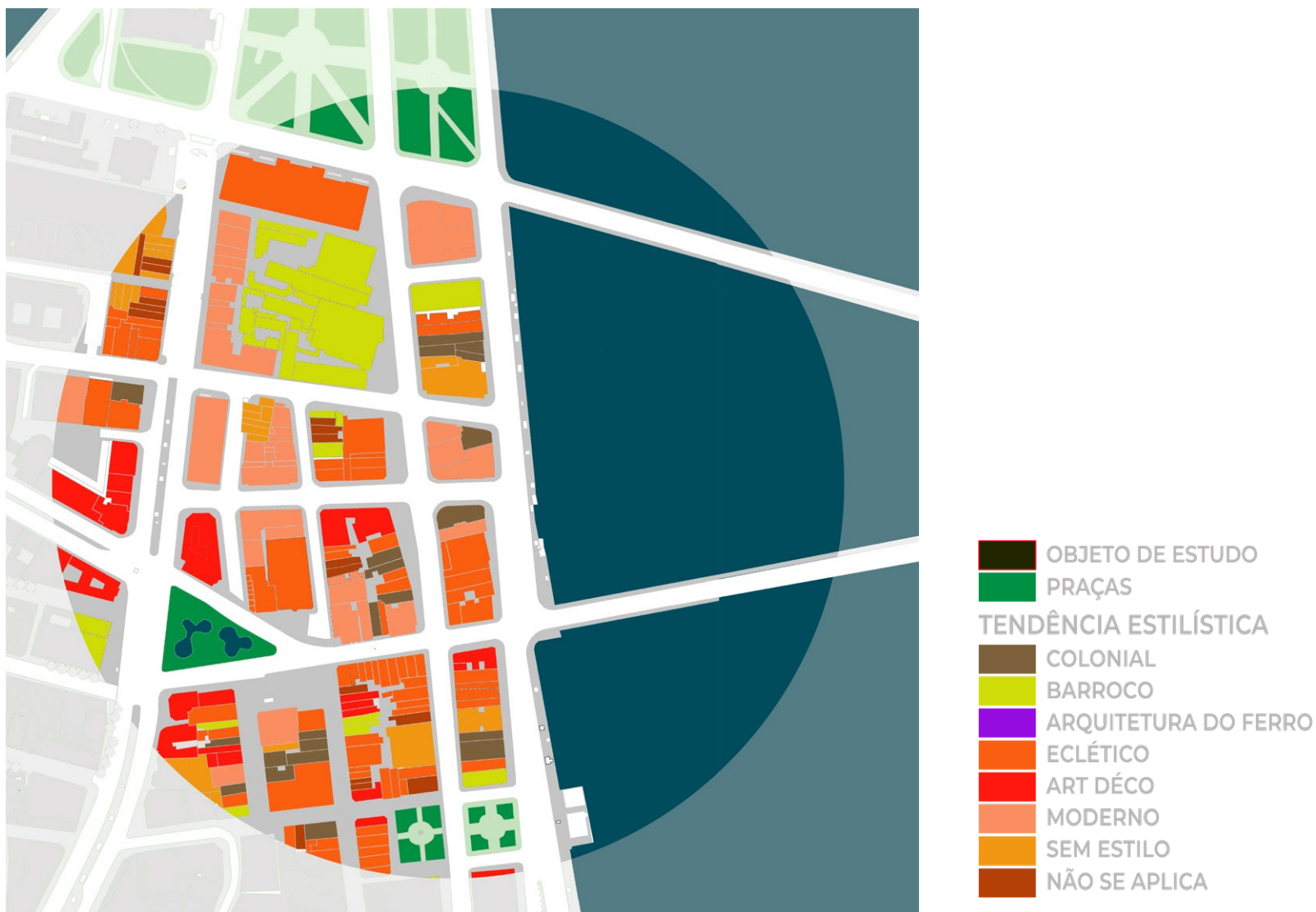


Figura 15 - Mapa Edílico
Fonte: Diego Lopes, 2023

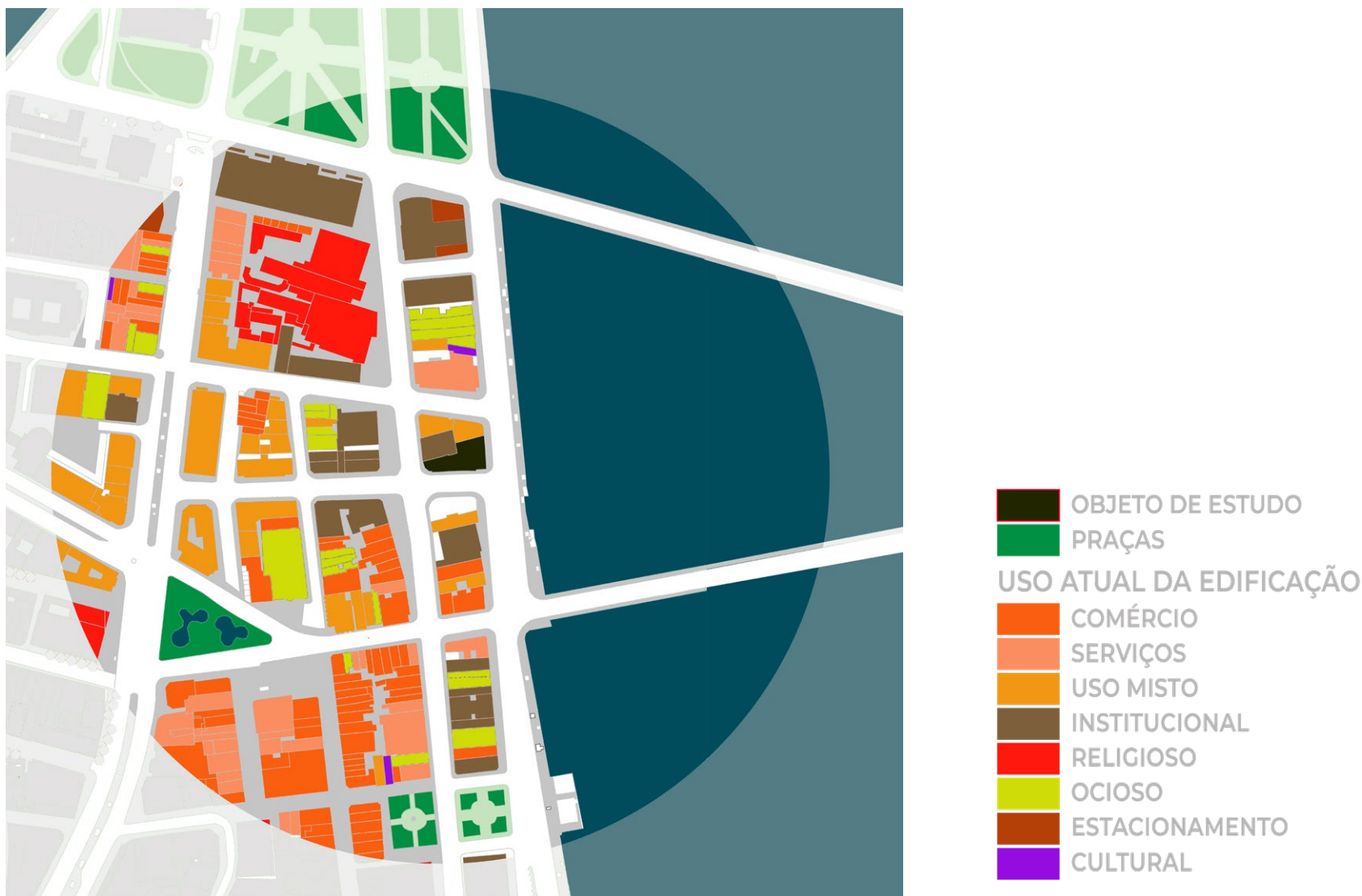


Figura 16 - Mapa de uso
Fonte: Diego Lopes, 2023

No que tange ao transporte público, seu entorno, como já explanado no capítulo 01, é repleto de infraestrutura viária, mas nem sempre possuir estrutura significa boa qualidade no serviço. A estação de BRT próxima atualmente se encontra sem uso. Ainda há uma parada de ônibus na rua Siqueira Campos, vizinha a edificação, que, segundo o aplicativo Cittamobi, recebe 3 linhas de ônibus. Diferente da praça de independência que se apresenta como um verdadeiro polo de transporte, somente em 3 paradas de ônibus que margeiam a praça, passam 23 linhas, e somados com as 9 linhas de BRT que percorrem as estações na Av. Guararapes e na Av. Dantas Barreto, tornam esse núcleo do bairro um ponto de ligação entre diversos bairros da cidade e de toda RMR, como pode ser acompanhado na Figura 17.

Vizinho a edificação está presente o edifício garagem Piratininga (figura 18), que possui inúmeras vagas dispostas verticalmente. Mas é nas ruas vizinhas que uma grande quantidade de carros ficam estacionados diariamente. A rua Marquês do Recife é marcada pela presença de carros estacionados e, consequentemente, pela baixa circulação de pessoas.

Em frente a edificação há um píer bastante rudimentar que veio resistindo às mudanças urbanas e até hoje funciona como ponto para pescadores locais. Essa conexão com o rio é vista em poucos trechos da ilha, a potencialidade do Capibaribe como meio de transporte, turismo ou lazer é pouco ou quase nada utilizada. Não há equipamentos de lazer por toda sua orla, com exceção de um café privado localizado em frente a praça dezessete, também não existem estações de transporte nem previsão de quando haverá.

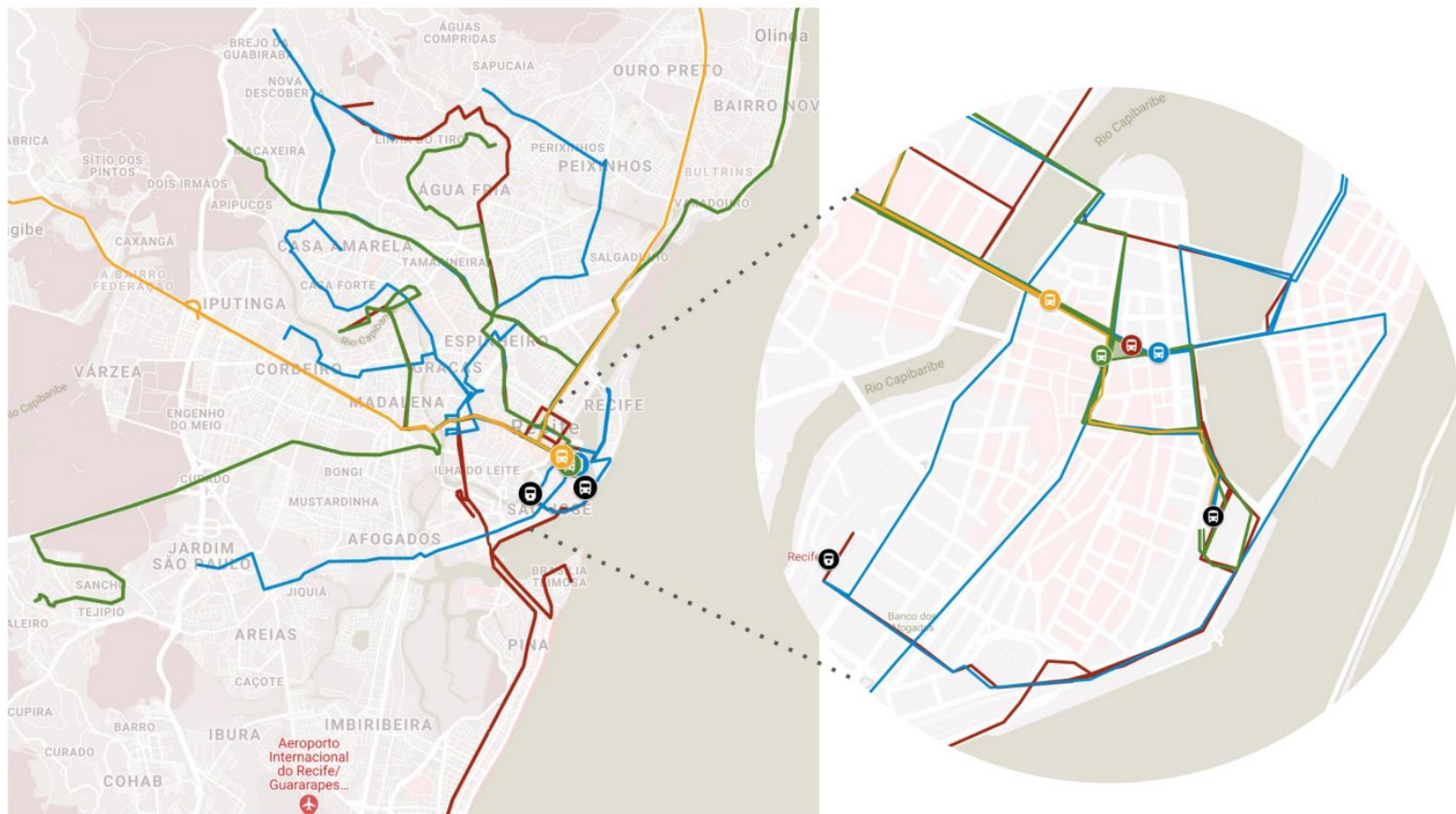


Figura 17 - Trajeto de linhas de ônibus de 4 paradas
Fonte: Diego Lopes, 2021



Figura 18 - Edifício garagem Piratininga
Fonte: Diego Lopes, 2022

ESTILO ARQUITETÔNICO

Como já mencionado, a década de 1940 representou para o centro do Recife um período de modernização e de grandes transformações. A construção de edificações modernas em altura resultou em uma grande mudança da paisagem, a antiga visão para os sobrados coloniais foi substituída pela vista de grandes fachadas modernas e proto modernas, seguindo tendências estilísticas internacionais. Essa tendência também pode ser observada na concepção do edifício Segadas Vianna.

Apesar da completa diferença de escala e tipologia, a Villa Savoye (Figura 19) do arquiteto francês Le Corbusier pode ser referenciada neste estudo como uma edificação de grande influência para a composição final da fachada da edificação aqui estudada. A Villa Savoye, construída em 1928, representa um momento de síntese na obra de Le Corbusier, quando o arquiteto teve a possibilidade de concretizar integralmente suas proposições apresentadas nos cinco pontos para uma nova arquitetura (Carlos Alberto Maciel, 2002). Assim como na residência, os 5 pontos de Le Corbusier também são encontrados nessa edificação:



Figura 19 - Ville Savoye, Le Corbusier, 1929.
Fonte: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/villa-savoye/villa-savoye-le-corbusier-2/>, acesso em 2023

- 1. Pilotis** - Com o intuito de liberar o edifício do solo e tornando público o uso deste espaço antes ocupado, Solução muito utilizada no bairro para abrigar galerias comerciais;
- 2. Terraço jardim** - Transformar as coberturas em terraços habitáveis, ou fazendo o uso de jardins, em contraposição aos telhados inclinados das construções tradicionais;
- 3. Planta livre** - Resultado direto da independência entre estruturas e vedações, possibilitando maior diversidade dos espaços internos, bem como mais flexibilidade na sua articulação;
- 4. Fachada livre** - Também permitida pela separação entre estrutura e vedação, possibilitando a máxima abertura das paredes externas em vidro, em contraposição às maciças alvenarias que outrora recebiam todos os esforços estruturais dos edifícios; e
- 5. A janela em fita** - Também consequência da independência entre estrutura e vedações, se trata de aberturas longilíneas que cortam toda a extensão do edifício, permitindo iluminação mais uniforme e vistas do exterior.

Uma outra forma de observar como as influências internacionais tiveram relevância na concepção do edifício é refletir sobre os conceitos de divisão estética que o arquiteto e teórico Louis Sullivan desenvolveu na chamada escola de Chicago, que acabaram por definir regras que o movimento internacional incorporou. Essa teoria foi bastante influente e permanece até hoje no modo contemporâneo de produzir arquitetura, a divisão da fachada em 3 partes: base, corpo e coroamento.

“Acreditando que a forma deveria ser a expressão direta e honesta da função, Sullivan chegou à sua clássica conclusão de que a forma ideal para o edifício alto deveria partir de sua divisão em base, corpo e coroamento. A base, geralmente ocupada por lojas comerciais, deveria estabelecer uma relação adequada com a rua e com o porte do edifício. Acima dela, seguiram os pavimentos-tipo de escritórios, refletindo a multiplicação daquele elemento e, no topo, o ático que, com “seu peso e caráter”, amarraria a composição. Além disso, dever-se-ia enfatizar a verticalidade do edifício, pois ele deveria demonstrar “sua força e o poder da altura”

MOREIRA, Fernando Diniz; FREIRE, Ana Carolina de Mello. O Edifício-quintal de Wandenkolk Tinoco. Reflexões sobre a moradia em altura nos anos 1970. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 129.04, Vitruvius, fev. 2011 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3749>>

Trazendo a discussão para um campo mais particular, o edifício não é apenas uma replicação de conceitos elaborados por arquitetos estrangeiros, o aspecto físico do sítio e do programa nele especificado também tiveram repercussão em sua fachada.

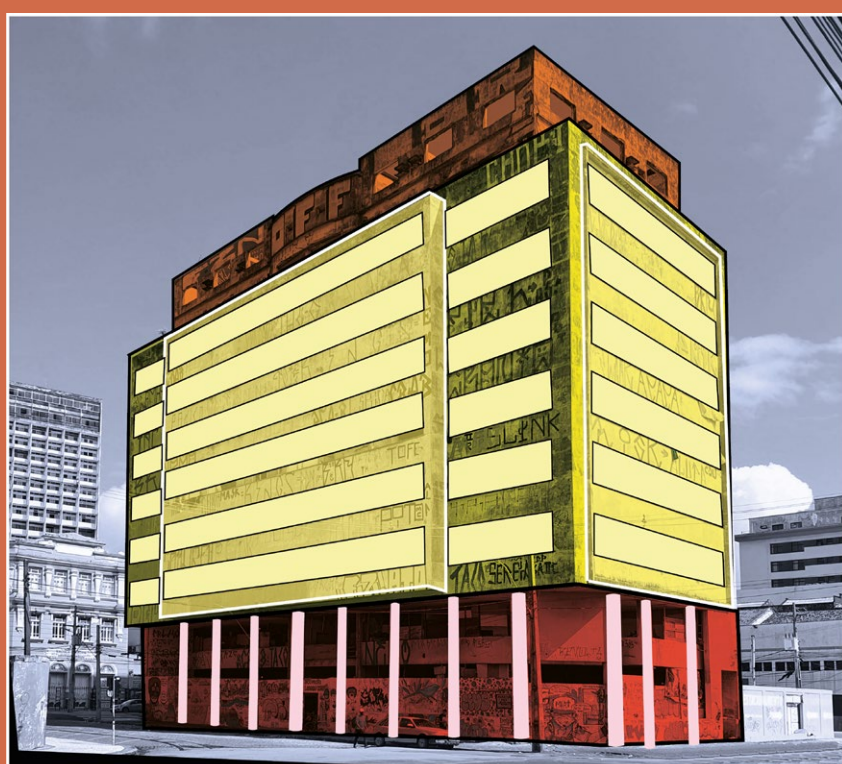
Os quase 42 metros de largura da fachada leste deixariam a composição do edifício bastante pesada, pensando nisso, a adição de um bloco que saca 1 metro do volume central dos pavimentos tipo foi provavelmente pensada para deixar o aspecto visual mais confortável, seguindo a modulação das salas centrais internas. Esse discreto saque reduz a sensação de ser um bloco massivo emparedando a quadra do bairro. Também está presente uma espécie de moldura na fachada sul que, novamente, ajuda a reduzir o peso da composição.

A fachada oeste não apresenta nenhuma janela ou abertura, a principal razão tende a ser a questão climática, visto que essa orientação representa a zona de maior incidência solar no período da tarde, aumentando a sensação de calor nos ambientes, sobretudo no verão. Essa ausência de aberturas também é vista na fachada norte, porém por outras razões.

A existência de um plano de quadra impôs ao edifício a quase completa ocupação do lote, impedindo aberturas para os vizinhos pois nesses locais seriam instalados outras edificações completando a quadra. Isso pode ser notado com a existência de outros 2 prédios na quadra que não apresentam janelas laterais. Porém o edifício que deveria ser construído na porção Norte/Leste da quadra acabou nunca sendo edificado, gerando um vazio urbano que fica ainda mais latente com a empena cega das duas edificações vizinhas.

O diagrama explicativo (figura 20), representa os pontos discutidos:

Por fim, a edificação segue com exatidão os preceitos arquitetônicos modernos de sua época. Com características adequadas ao tempo de construção e uso proposto inicialmente. Mas hoje as marcas do tempo se impõem e dão ao edifício um caráter natural, quase que bruto. Nesse sentido, vale destacar o processo histórico que decorreu na edificação até restar apenas seu esqueleto e vestígios do seu passado.

1 - BASE**2 - PILOTIS****3 - CORPO****4 - SALIÊNCIAS****5 - RASGOS HORIZONTAIS****6 - COROAMENTO**

HISTÓRICO

Segundo o ESIG, o edifício foi construído em 1953 para abrigar o antigo Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS). Em 1990, o instituto foi fundido com o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) para formar o INSS, mas, em 2002, o INSS deixou de funcionar no edifício que ficou abandonado até 2005. Este ano, houveram algumas tentativas de reforma. (Jornal do comércio, 20xx)

Através de uma entrevista ao JC, o então chefe do serviço de engenharia e patrimônio do INSS, Marco Valério Revoredo Lima, informou que em 2005 houve uma tentativa de reforma. “Mas a empresa faliu e o projeto parou. Chegamos a pensar em vender o edifício e construir outro em um terreno no bairro de Santo Amaro. Mas, com a reforma, vimos que podemos contribuir para a revitalização do Centro”.

1960

Figura 21 - Imagem histórica do Segadas Vianna
Fonte: DPPC

2011

Figura 22 - Imagem histórica do Segadas Vianna
Fonte: Google Street View, acesso 2022

Em 2011, inicia-se uma nova tentativa de reforma, que não é concluída. Nesse momento, o edifício já sofre com diversos danos estruturais que acabam impactando os edifícios vizinhos, na medida em que há o descascamento de estruturas de concreto e a consequente queda no passeio público e nos lotes vizinhos, ainda há o acúmulo de lixo e móveis antigos nos corredores. Em quase todas as salas, fios elétricos saem do teto e há cacos de vidro pelo chão. Os dois elevadores estão desativados (Jornal do comércio)

Em 2012, é produzido um laudo técnico estrutural pelo engenheiro Fábio Pereira, que faz um diagnóstico dos danos tectônicos, indicando soluções para os problemas. Em 2015, o jornal do comércio informa que há um orçamento previsto para o restauro, que inclui recuperação estrutural e das partes elétrica e hidráulica, no valor de R\$12 a R\$15 milhões.

Em 2016, foi edifício cedido pelo estado ao Porto Digital, que tinha interesse em expandir seu aglomerado de empresas para o bairro de Santo Antônio. Mas, desde então, não há um planejamento estatal ou privado para solução dos problemas tectônicos, que se acumulam e geram outros problemas que serão explicados no próximo capítulo.

2020



Figura 23 - Imagem histórica do Segadas Vianna
Fonte: Google Street View, acesso 2022

2023



Figura 24 - Imagem do Segadas Vianna
Fonte: Diego Lopes, 2023

TECTÔNICA

Utilizando os dados históricos fornecidos pela DPPC, como também os dados do laudo técnico estrutural realizado em 2012 pelo engenheiro Fábio Pereira, além de levantamento fotográfico e observações realizadas in loco, foi possível caracterizar a edificação e construir as bases de análise. A tectônica da edificação acompanha os princípios da arquitetura moderna ao atribuir um sistema estrutural independente das paredes de alvenaria.

Em linhas gerais, a estrutura é composta de lajes maciças duplas de 55 centímetros em cada pavimento (laje caixa) apoiadas em vigas de concreto armado que se apoiam em pilares também de concreto armado, como pode ser visto na figura 25. No térreo (Figura 25) está presente 28 pilares, quase todos os pilares tem seção circular com diâmetro de aproximadamente 40cm. Seis desses pilares centrais morrem no pavimento mezanino, os demais pilares vão até o nono pavimento, apresentando capiteis no sentido da viga. No oitavo pavimento todos pilares mudam de seções circulares para seções retangulares de aproximadamente 30x40cm. Os pilares dos poços da escada e do elevador apresentam seção retangular, assim como os que estão “dentro” das paredes externas.

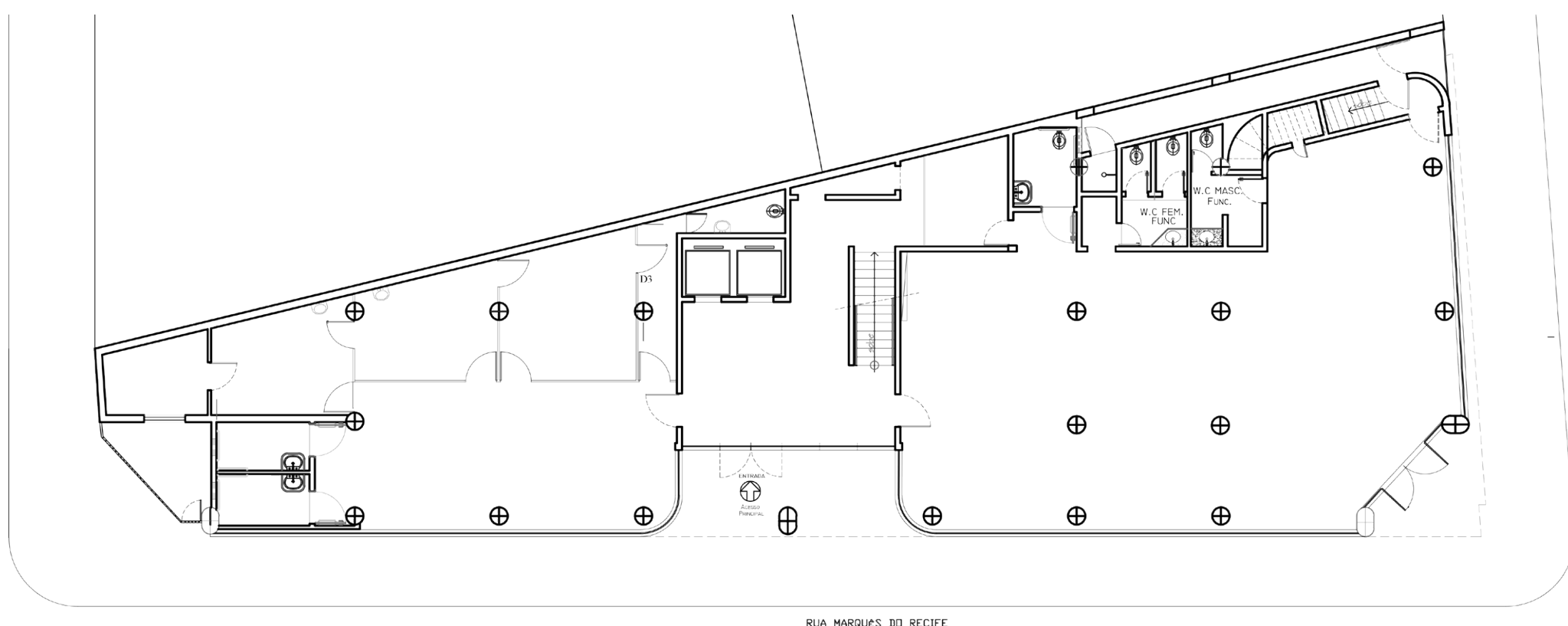


Figura 25 - Planta baixa térreo da edificação
Fonte: Diego Lopes

O posicionamento dos pilares está afastado Cerca de 60 centímetros da fachada principal, tornando possível a utilização de janelas por quase toda sua extensão, seu ritmo de 4,20 metros distribuídos lateralmente relaciona-se diretamente com o tamanho das salas de escritório dispostas nos pavimentos-tipo (Figura 26), que apresentam dimensões de 4,05m por 5,70m, um total de 23,3m².

A circulação vertical existente na edificação é composta por fosso para dois elevadores apresentando no total 5,10m² e uma escada de concreto de dois lances sem a presença de antecâmara. Por trás dos espaço dos elevadores há um espaço para depósito que pode ser acessado através do patamar da escada, assim como uma tubulação para lixo dentro da parede. Ainda há dois poços de ventilação que percorriam toda extensão do edifício segundo o levantamento histórico, mas hoje apresentam uma laje de cobertura no mezanino, o que acaba isolando o térreo. Nos Pavimentos-Tipo ainda há a existência de um bloco de banheiros na posição mais ao sul da edificação no tamanho de 19,50m², e um trecho de banheiro próximo ao fosso de ventilação na porção mais oeste.

Segundo laudo técnico, o não aparecimento de nenhuma fissura no piso do térreo pode garantir que no momento a estrutura não apresenta nenhum problema estrutural nas fundações. A estrutura apresenta razoável estado de conservação, constatando-se apenas a ocorrência de avarias esparsas em alguns elementos estruturais, comuns a uma edificação com a sua vida útil. Segundo o engenheiro Fábio, essas avarias são possíveis de serem solucionadas quando passarem por intervenções reparadoras.

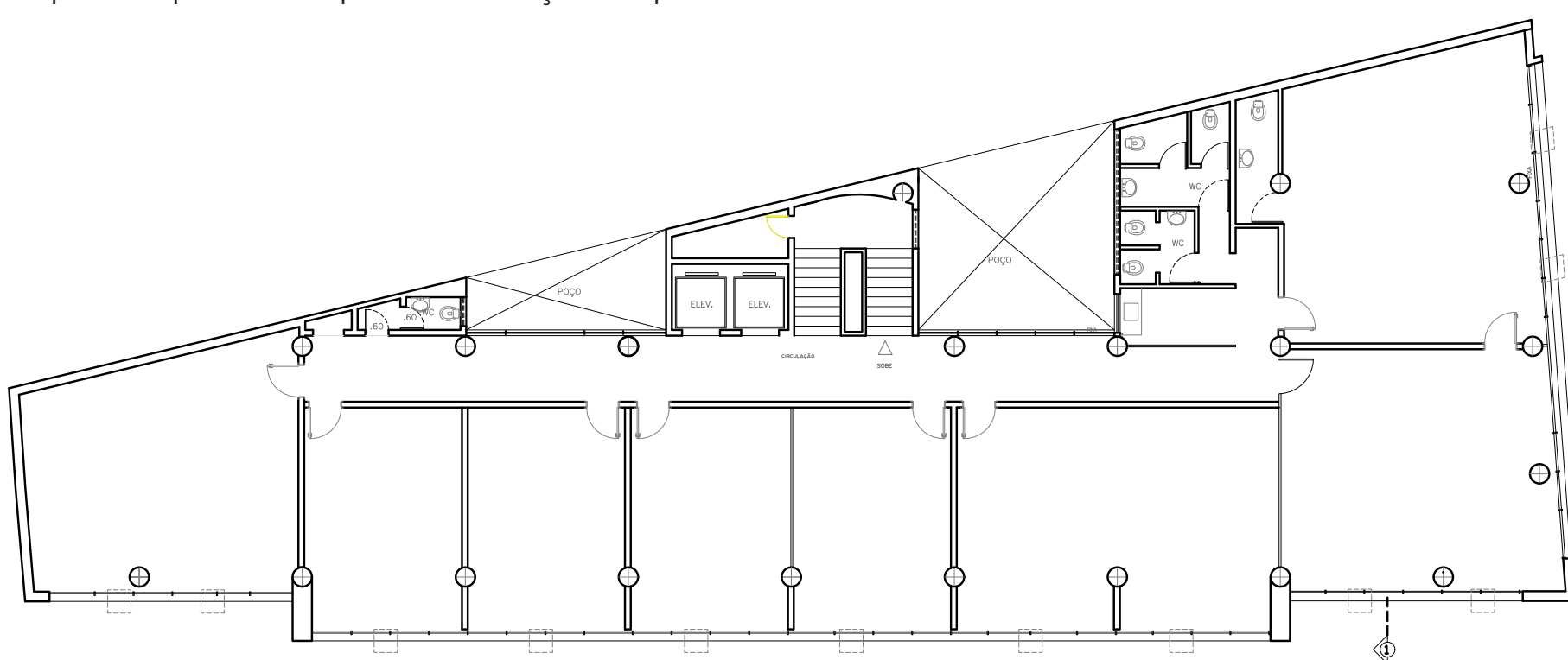


Figura 26 - Planta baixa pavimento-tipo da edificação
Fonte: Diego Lopes

Durante as visitas realizadas e conversas com o organizador da ocupação, ficou latente a quantidade de fissuras e danos que a edificação sofreu com o tempo. Os mais de 15 anos de abandono fizeram com que a edificação sofresse com:

- Enferrujamento de tubulações de água e esgoto,
- Furtos de instalações elétricas e de todas as esquadrias,
- Acúmulo de lixo sobrecarregando lajes superiores,
- Trincas nas paredes,
- Danos nos revestimentos de piso de todos os pavimentos e das escadas,
- Descascamento do forro e de camadas de concreto dos pilares,
- Retirada de equipamentos das áreas molhadas,
- Retirada de elevadores e suas portas de proteção,
- Vazamentos e infiltrações por todo o 8º pavimento,
- Ausência de todo sistema de armazenamento de água.

Mesmo com todas as avarias, segundo laudo técnico, apesar das avarias e danos, “A estrutura total do edifício não apresenta nenhuma patologia para por em risco a estabilidade da edificação”. Ainda sim, os diversos problemas citados acabam por dificultar a ocupação por moradia no edifício, contudo os moradores da ocupação Leonardo Cisneiros realizaram diversos mutirões para solucionar ou mitigar alguns dos problemas citados.

Diversas modificações foram realizadas pelos atuais moradores, destacando a criação de um sistema amador de energia elétrica, reforma ou substituição de tubulação de água encanada, limpeza do lixo acumulado, criação de barreiras para as aberturas de elevador e sistemas de vedação para as aberturas na fachada devido a ausência das esquadrias originais. Mesmo com esse trabalho coletivo, as condições da edificação não está totalmente adequada a moradia.

Vale reconhecer e evidenciar a ocupação Leonardo Cisneiros como um agente importante na recuperação do edifício e também como um público que sofre diretamente com os danos do abandono público.



Figura 27 - Antigo bloco de banheiros
Fonte: Diego Lopes, 2022

OCUPAÇÃO

Utilizando o nome de um reconhecido professor, ativista e militante de direitos urbanos no Recife, os mais de 150 moradores da ocupação Leonardo Cisneiros frequentemente debatem sobre formas de contornar as dificuldades e criar juntos um ambiente saudável e adequado para todos que precisam, definindo regras de convivência, como horários para abertura e fechamento de portões, divisão de tarefas condominiais como coleta de lixo e abastecimento de água. Mesmo com as dificuldades e a ausência quase completa de intervenções por parte do poder público, “o homem coletivo ainda sente a necessidade de lutar”(Chico Science, monólogo ao pé do ouvido).

Baseando-se nos dados da pesquisadora Rayane Barcelos, foi possível entender quem faz parte da ocupação. Segundo a pesquisa, realizada em 2022, 76% dos moradores possuem menos de 40 anos, com destaque a 58% correspondendo a pessoas com menos de 18 anos. Desse total, 46% dos grupos familiares residentes da edificação é composta por 01 a 02 moradores, enquanto 54% é composta por famílias de 03 a 05 integrantes, Como pode ser visto nas figuras 28 e 29

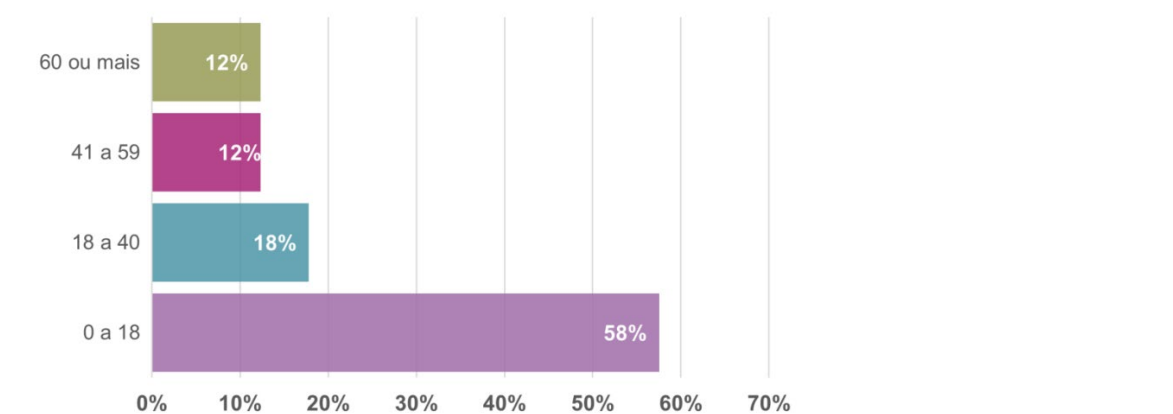


Figura 28 - Idade dos moradores da ocupação Leonardo Cisneiros
Fonte: Rayane Barcellos, 2023

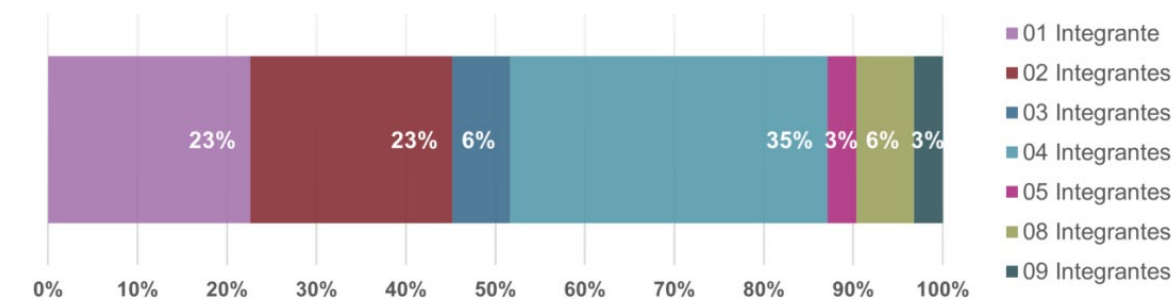


Figura 29 - Número de pessoas na composição familiar
Fonte: Rayane Barcellos, 2023

A organização desses moradores no espaço acaba variando bastante nos pavimentos, muitas vezes a acomodação dos módulos habitacionais acaba não sendo completamente adequada às necessidades físicas e sanitárias. Todo o espaço é precioso e ocupado, até mesmo os que não têm acesso às janelas.

De modo geral, nos locais onde não há alvenaria, como no térreo, mezanino ou em alguns salões maiores do edifício, os moradores se dividem em pequenos módulos habitacionais semelhantes a “estúdios”, onde há pouca ou nenhuma divisão entre os cômodos. A forma de separação entre os módulos é bastante precária, com a utilização de lonas ou restos de materiais de construção, gerando um local com pouca ou nenhuma privacidade visual, acústica ou proteção térmica. Apesar do pouco espaço, muitas vezes famílias de 4 ou 5 integrantes utilizam desse espaço para viver.

Nos trechos dos pavimentos-tipo, em que há as divisões de alvenaria seguindo a modulação dos pilares, são ocupados também por estúdios, e novamente pode verificar uma quantidade superior a 4 pessoas por módulo. Nesses locais, o mobiliário é bastante diversificado, mas em comum a muitos há a existência de equipamentos de cozinha, de lazer (TV ou rádio) e de descanso, como colchões ou sofás.

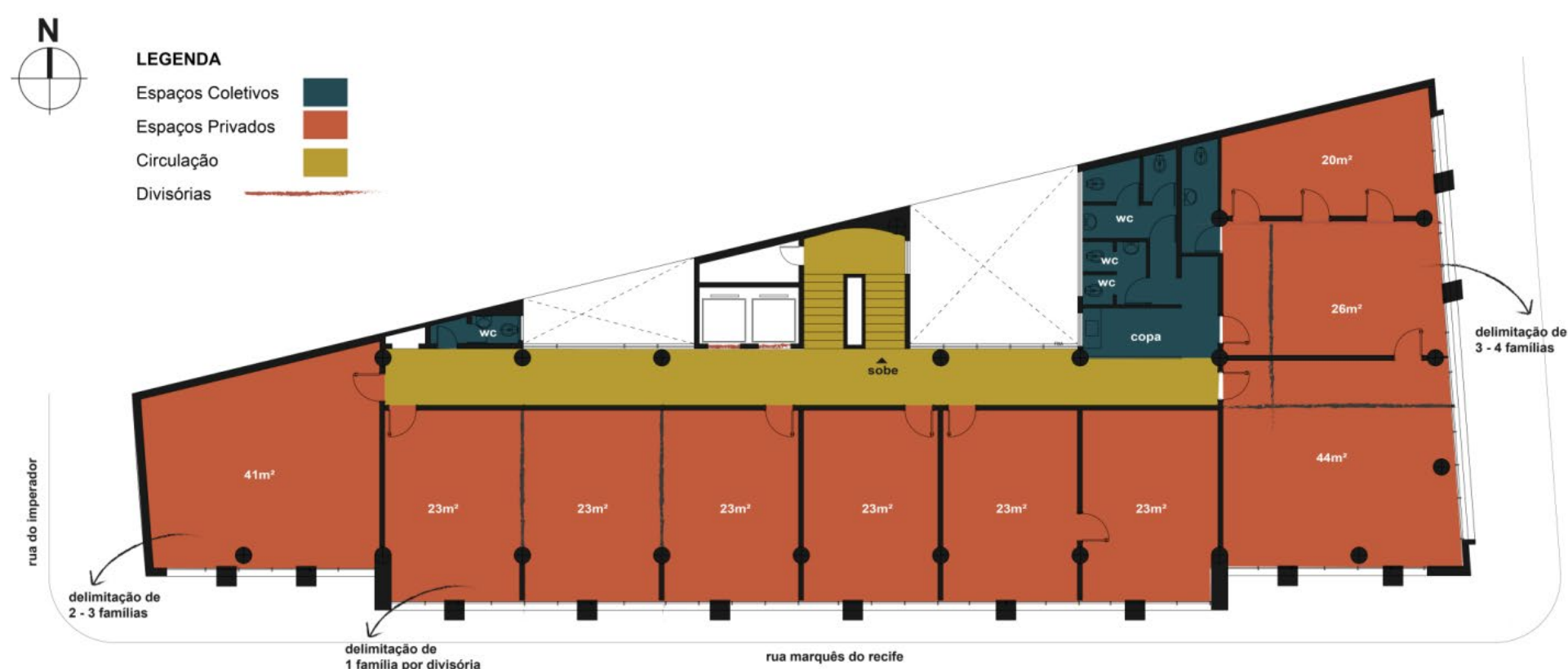


Figura 30 - : Distribuição das famílias no Edf. Segadas Vianna.
Fonte: Rayane Barcellos, 2023

O corredor para as unidades ganha um caráter similar às ruas de pequenos bairros, onde os moradores se sentam para conversar, ouvir rádio, jogar dominó e observar as crianças brincando. Também são vistos trabalhos domésticos, como lavagem de roupas, devido a presença de caixas d'água coletivas. Os antigos banheiros, mesmo em péssimas condições, continuam com a mesma função já que são os únicos pontos com acesso à água e esgoto encanados.

A coletividade e a cooperação são elementos bastante presentes, tendo em vista o compartilhamento de responsabilidades sobre o cuidado das crianças, como por exemplo uma dinâmica de “levar ou trazer as crianças da escola”. Moradores que realizam atividades de comércio, como venda de almoços e lanches, serviços de salão de beleza, também há uma mercearia para os residentes e moradores vizinhos, como pode ser visto na.

O mezanino (figura 31) é o local mais utilizado para reuniões, festas coletivas e é onde as crianças costumam brincar. Ocasionalmente, são realizados cultos e cerimônias religiosas, distribuição de doações de roupas e alimentos, almoços e refeições coletivas. Em conversa com moradores também foi dito que havia aulas de capoeira e outras artes marciais.



Figura 31 - Reunião sendo realizada no mezanino da edificação.
Fonte: Marllon Diego, 2021

De modo geral, apesar dos problemas, o grau de satisfação com a organização espacial e com a conformação habitacional é bastante satisfatório, como pode ser observado nos gráficos da figura 32, baseados na pesquisa. Contudo, é válido ressaltar que para esses moradores não há outras opções além das condições existentes. Mais vale viver em um ambiente estreito e sem iluminação natural do que em situação de rua. Seja pela ausência de iluminação e ventilação natural, ou pela precariedade nas estruturas, a vida nessa ocupação é bastante difícil, sobretudo para os moradores que possuem problemas de locomoção, como idosos, gestantes e PCD que ali residem.

Portanto, é extremamente necessário uma intervenção nesse espaço para acomodar de forma digna essas pessoas. Corrigindo os problemas estruturais e tectônicos, organizando de forma adequada os moradores e respeitando as vivências coletivas já estabelecidas. Um trabalho bastante complexo que necessitou de muita pesquisa de referências para auxiliar na produção, é o que mostrarei no próximo capítulo.

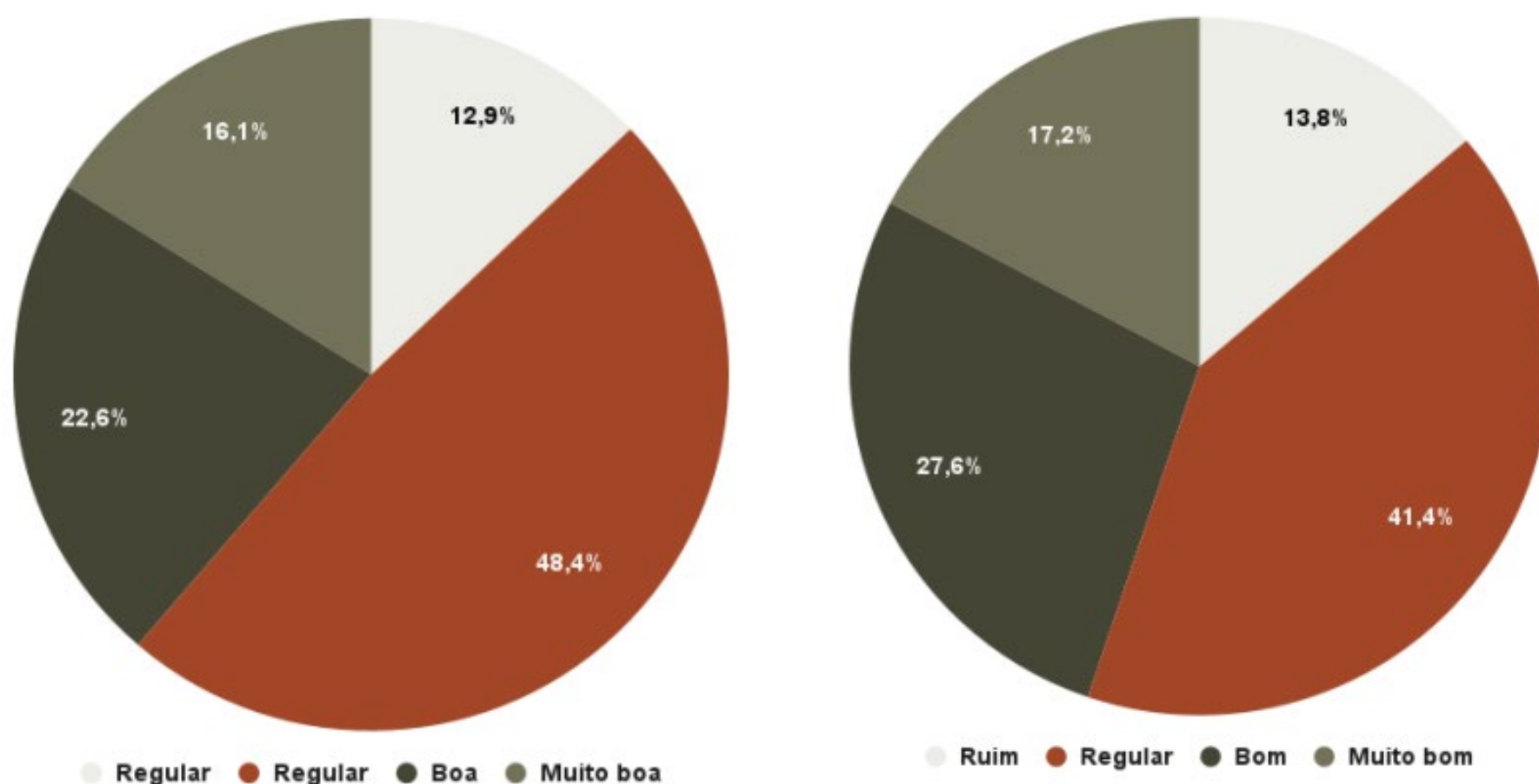


Figura 32 - Grau de satisfação dos moradores com a organização espacial e com a configuração habitacional
Fonte: Rayane Barcellos, 2023



Foto: Marllon Diego, 2021



3. REFERÊNCIAS

Compreender o que fazer no edifício, e solucionar as diversas questões que a intervenção suscita, levou a uma busca e seleção de projetos e temáticas relevantes para estudo. São temas e obras necessárias de se compreender antes e durante o processo projetual, que se misturam com um arcabouço pessoal adquirido por toda a graduação e norteiam as decisões projetuais. Foram analisados diversos projetos e temáticas, mas para resumir estará descritos as mais relevantes para a proposta

Inicia-se com um estudo sobre como uma ocupação informal se organiza e quais as diferenças básicas para uma edificação tradicional; após, são feitas discussões acerca da arquitetura pernambucana e de sua busca pela criação de uma tipologia habitacional em altura; em seguida, são estudadas reflexões teóricas acerca do restauro de edificações e de como a arquitetura pode atuar para destacar o existente e criar uma obra contemporânea; e por fim, como tudo isso se mistura na lama energética recifense através de uma interpretação sobre o movimento Mangubeat.

Para dar início, trago algumas informações acerca da ocupação 9 de julho, sobretudo os usos realizados pelos moradores e de como tornaram o espaço um exemplo de organização e coletividade no Brasil.

OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

O contraste de uma cidade com elevado índice de déficit habitacional e um centro histórico urbano repleto de edifícios abandonados não é uma exclusividade recifense. Diversas capitais do Brasil sofrem com essa mazela, e ao mesmo tempo, as comunidades encontram formas parecidas de solucionar: ocupar e resistir. A ocupação 9 de Julho em São Paulo se apresenta como uma ótima referência de estudo sobre como uma população consegue prover espacialidades adaptadas ao contexto e adequadas ao seu modo de vida.

Localizado na Avenida Nove de Julho, centro de São Paulo, a ocupação hoje é o lar de 124 famílias, cerca de 500 pessoas, distribuídas em 14 andares de, coincidentemente, um antigo edifício do INSS que permaneceu vazio por mais de 20 anos e, desde 2016, vem sendo recuperado pelo MSTC(Movimento Sem Teto do Centro).

As centenas de pessoas que vivem no edifício, realizam diversas atividades em locais comunitários para todos os públicos. Existe uma brinquedoteca e livraria para as crianças; centros de aprendizagem para jovens e adultos, locais para atividades artísticas e profissionais como marcenaria, oficinas de arte; horta coletiva; salas de convivência e reunião; brechó e galeria de artes; e uma cozinha comunitária (El Pais).

É um local bastante extraordinário que foi sendo organizado pelos moradores em um caráter mais vernacular. Mas é necessário compreender como uma intervenção arquitetônica poderia ter sido feita na sua totalidade? Como criar um local adequado à moradia?. Respostas a essas perguntas serão discutidas no próximo capítulo.



Figura 33 - Ocupação 9 de julho
Fonte: <https://nararoesler.art/en/news/553/>,
Acesso 2023

ARQUITETURA PERNAMBUCANA

Como já foi referido no capítulo 02, a edificação segue com êxito diversos pontos da arquitetura moderna internacional, seja na ótica Corbusiana ou seguindo os conceitos da escola de Chicago. Nesse sentido, o edifício serve bem ao uso anterior de escritório, ele apresenta um aspecto bastante adequado, padrão, controlado, sério e frio. Mas ao comparar com a tipologia habitacional tradicional, sobretudo adequada ao nosso clima tropical, é possível verificar uma diferença e até oposição entre esse aspecto frio e monótono da tipologia institucional. Os apartamentos de residências buscam muito mais uma estética pessoal, íntima, viva e, em diversos casos, divertida e conectada com as funções existentes internamente. A fachada da edificação é um reflexo da personalidade de seus moradores e não de um valor de uma empresa.

O processo de formação de uma tipologia habitacional em altura perpassa por um longo caminho histórico e cultural. Desde os sobrados portugueses até os grandes arranha-céus contemporâneos. Mas esse processo, sobretudo aqui no Recife, foi marcado por uma série de questionamentos entre os arquitetos sobre como fazer a conversão de elementos tradicionais locais para a nova tipologia habitacional em desenvolvimento na cidade do século XX.

“Como respeitar hábitos tradicionais e padrões culturais ligados ao rés-do-chão em um edifício alto? Como estabelecer relações entre o ambiente e o clima local nessa nova forma de morar? Como reinterpretar formas tradicionais de vedação e de proteção solar nessa nova escala?”

MOREIRA, Fernando Diniz; FREIRE, Ana Carolina de Mello. O Edifício-quintal de Wandenkolk Tinoco. Reflexões sobre a moradia em altura nos anos 1970. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 129.04, Vitruvius, fev. 2011 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3749>>

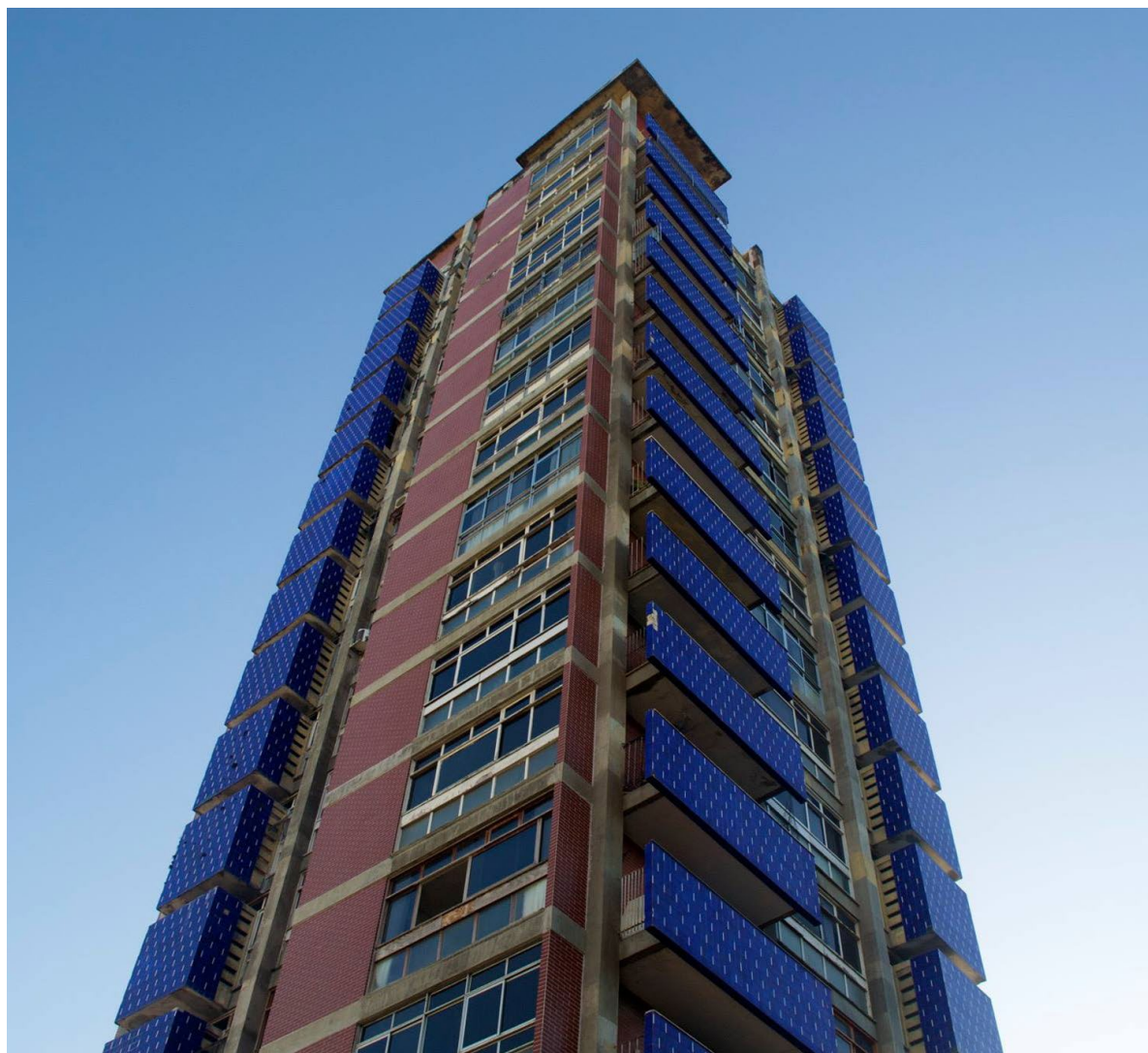


Figura 34 - Edifício Barão do Rio Branco, Delfim Amorim - Recife, 1969.
Fonte: <https://www.facebook.com/prediosdorecife/photos/pcb.319934615012891/319934481679571/?type=3&theater>, acesso 2023



Figura 35 - Edifício Mirage, Acácio Gil Borsoi, 1967
Fonte: Revista continente -<https://revistacontinente.com.br/edicoes/161/arquitetura--desprestigio-do-projeto-moderno>, acesso 2023

Diversas soluções foram encontradas por mestres da arquitetura como Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Wandenkolk Tinoco, que, respectivamente, projetaram edifícios icônicos no cenário construtivo recifense e nacional, como o Edifício Barão do Rio Branco (Figura 34), Edifício Mirage (Figura 35) e o Edifício Villa Mariana (Figura 36). As respostas dos questionamentos vieram da utilização de elementos típicos locais e adaptados às condições climáticas, como o uso do cobogó, do azulejo, da exploração e variação volumétrica e sobretudo do uso de varandas e sacadas. Como bem cita Wandenkolk “todas as edificações feitas num clima tropical, devem ter características apropriadas para o clima tropical”.

Esse último elemento está presente no vocabulário arquitetônico local desde a chegada dos portugueses (Brandão e Martins, 2007), instalados sobretudo em sobrados, e casas de vários andares, esse elemento é de uma riqueza cultural que permanece existindo em todos os bons exemplos de arquitetura residencial. A utilização de varandas é marcante devido as suas vantagens em proporcionar o controle na entrada de luz, ventos e ruídos; criar volumetria que proporcionam sombreamento de toda a fachada, e sobretudo possibilitar vistas paisagens e entrada de ventilação natural, tão necessária ao clima local.



Figura 37 - Edifício Villa Mariana, 1976
Fonte: Bruno Firmino

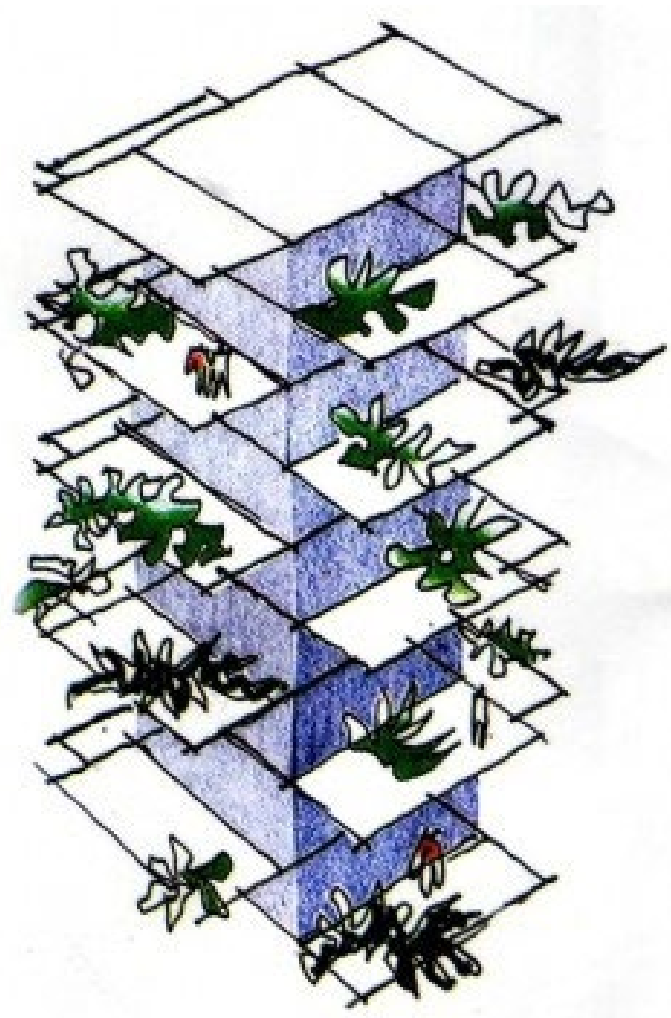


Figura 38 - Croqui Edifício Quintal, wandenkolk
Fonte: Revista Sim, n. 45, abr., 2006, p. 44
acesso: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3749>

Ao intervir numa edificação tão marcada por seu estilo empresarial, é necessário compreender que a transformação para o uso residencial não pode ser exclusivamente nas divisões internas e no quesito funcional. O objeto precisa expor uma arquitetura adequada ao seu novo uso. Os moradores precisam identificar aquele objeto como uma casa e não somente uma estrutura que abriga seus pertences. Sua arquitetura precisa de uma conversão total.

A criação de um objeto arquitetônico adequada aos usos e as experiências de seus moradores é uma tarefa bastante complexa, tornar um edifício existente em uma moradia torna-se bastante complicado, mas ao fazer isso em uma edificação tão imponente na paisagem recifense, e tão carregado de história como o Edifício Segadas Vianna, torna-se indiscutivelmente mais complexo. A intervenção precisa ser transformadora para demonstrar a mudança de uso, mas também precisa haver respeito à preexistência. O caminho utilizado para tal fim veio da teoria do restauro que será explicado no próximo tópico.



Figura 39 - Edifício Segadas Vianna
Fonte: Diego Lopes, 2022

TEORIA DO RESTAURO

A intervenção em um objeto arquitetônico impõe, à primeira vista, a utilização de duas visões opostas: a conservação integral do antigo ou a completa negação do existente. São visões há muito discutidas, tendo como expoentes no primeiro caso o arquiteto francês Viollet-le-Duc, e opondo-se a ele o escritor inglês John Ruskin.

O contorno dessa dicotomia veio no início do século XX, quando começou na Itália um movimento capitaneado por Camillo Boito em oposição às duas abordagens mencionadas. Boito defendia uma intervenção arquitetônica em nível intermediário, ou seja, incorporando as duas teorias de forma equilibrada. Baseado, sobretudo, na definição de que se a intervenção for necessária, ela deverá ser bem marcada, diferenciando a obra antiga da moderna, através desse modo, que ele inicia as bases da teoria de conservação contemporânea

A busca pela essência da obra começou a ser valorizada, independente de qual caminho o arquiteto decida trilhar, seja por utilizar de uma abordagem minimalista ou opositiva, a essencialidade da obra original precisa ser vista e as novas adições precisam ser diferenciadas

Giovanni Carbonara, teórico italiano, se utilizou dos conceitos de Boito e de teorias posteriores para elaborar uma tripartição de teorias contemporâneas acerca do restauro (Vieira). São elas: a crítico-conservativa e criativa; a postura de conservação integral e a manutenção-repristinação. Esse trabalho se baseou sobretudo na crítico-conservativa, que segue as premissas do restauro crítico de Brandi. Dentro dessa categoria, existe uma subdivisão em conceitos: contraste e oposição; destaque e indiferença; distinção e não assonância. Todas são caracterizadas por intervenções que vão da discordância linguística entre antigo e novo, com inserções que assemelham-se a contaminações ou convivência parasitária à total autonomia entre a arquitetura do passado e a nova arquitetura. (NAHAS, Patricia Viceconti)

Seguir o caminho da oposição foi uma decisão bastante natural, devido a observação de todo o contexto, intencionalidade e objetivos do projeto. Inicialmente a paisagem em que o edifício se encontra, já é marcada pela grande oposição entre tempos históricos, o edifício vizinho a edificação, o gabinete de leitura português, apresenta uma distintiva arquitetura eclética, outras edificações se encaixam na categoria de arquitetura contemporânea. E também, como já discutido, a mudança de um uso corporativo para um uso habitacional impõe a utilização de elementos na sua fachada de forma bastante significativa de modo que não seria compatível com as posturas mais próximas da conservação integral.

Também é possível pontuar que um dos propósitos deste trabalho é despertar debates acerca de um tema relevante socialmente. A transformação para um edifício habitacional utilizando de uma arquitetura contrastante com o contexto, que é marcado pelo abandono e pela degradação, incita discussões que amplificam a mensagem. Passar essa mensagem de forma chocante só é possível através de uma arquitetura que choca, que transborda emoções,. A abordagem utilizada foi seguir os passos dos chamados arquitetos desconstrutivista

ARQUITETURA DESCONSTRUTIVISTA

O movimento, hoje conhecido como desconstrutivista, é marcado pelo uso acentuado de estruturas complexas, sobretudo metálicas e envidraçadas (fonte?). Não se trata de um movimento arquitetônico definitivo, nem um estilo artístico, pois não segue regras claras nem apresenta um manual teórico, os arquitetos que comumente são associados a essa abordagem se baseiam em diversas motivações para compor seus edifícios.

O termo ganhou destaque a partir de uma exposição no MOMA (Museu de Arte Moderna, Nova Iorque) no ano de 1988, que, através da seleção dos arquitetos Philip Johnson e Mark Wigley, aglutinou a produção de diversos arquitetos como Zaha Hadid, Peter Eisenman, Bernard Tschumi e Daniel Libeskind, em conjunto com pintores e artistas. Segundo Dima Stouhi, o movimento pode ser considerado “uma mistura de construtivismo e modernismo, influenciado pelo pós-modernismo, pelo expressionismo e também pelo cubismo”



Figura 40 - Tatlin Tower
Fonte: <https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2012/inventingabstraction/?work=226>



Figura 41: Museu de História Militar de Dresden, Daniel Libeskind, 2011
Fonte: <https://www.dezeen.com/2022/06/06/museum-military-history-dresden-daniel-libeskind-deconstructivism/>, acesso 2023

“Os projetos reunidos nesta exposição possuem uma sensibilidade única e particular, onde a ideologia da formalidade pura e simples é contestada. Chamamos de desconstrutivistas aqueles projetos que têm a capacidade de desestabilizar a nossa maneira de perceber o mundo. A exposição examina um episódio, um ponto de intersecção entre vários arquitetos, onde cada um deles apresenta uma estrutura inquietante, a qual explora o potencial oculto do modernismo.”

- Phillip Johnson e Mark Wigley, trecho do livro *Arquitetura Desconstrutivista* publicado pelo MoMA.

Em geral, o movimento é caracterizado pelo destaque ao aspecto formal da edificação e suas repercussões emocionais, filosóficas, estéticas ou experimentais, a forma já não segue mais somente a função, ela vai além. A intenção do arquiteto, o valor do objeto na paisagem, a emoção provocada nos usuários, a expressão da cultura local, tudo é levado em consideração pelo profissional.

A arquitetura desconstrutivista é muitas vezes chamada de arquitetura parasita devido a existência de projetos de destaque realizados em contextos históricos. Exemplos como o Museu dos Judeus, de Libeskind; Edifício no Porto de Antuérpia, de Zaha Hadid: Elbphilharmonie (Figura 42), de Herzog & de Meuron; entre muitos outros. Em todos esses casos fica nítido o contraste entre o novo e o antigo, e como essa diferença acaba evocando as melhores qualidades de ambas as arquiteturas. O novo se destaca pelo brilho de suas estruturas metálicas e envidraçadas e convive com o antigo, que se opõe a essa cintilância com sua nítida sobriedade ritmada.

É nesse cenário que a arquitetura desconstrutivista, muitas vezes tida como parasitária, consegue potencializar e harmonizar dois opostos, se tornando uma arquitetura que podemos chamar de simbiótica.

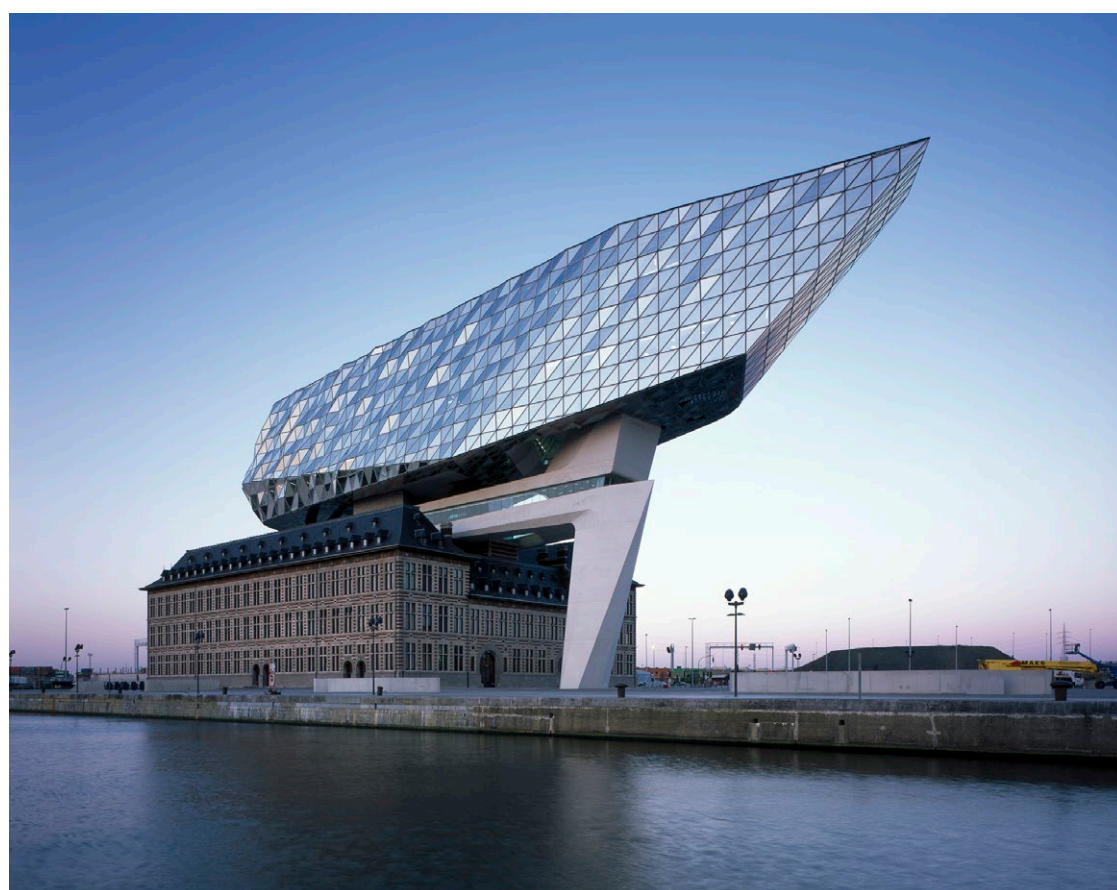


Figura 42: Edifício no Porto de Antuérpia, Zaha Hadid Architects, 2016
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/795945/edificio-no-porto-de-antuerpia-zaha-hadid-architects>, acesso 2023



Figura 43 - Filamonica Hamburgo
Fonte: [https://www.archdaily.com.br/804569/filarmonica-de-hamburgo-herzog-and-de-meuron](https://www.archdaily.com.br/br/804569/filarmonica-de-hamburgo-herzog-and-de-meuron), acesso 2023

HERZOG & DE MEURON

Trago o exemplo do escritório Herzog & de Meuron como uma referência do processo arquitetônico para produção de estruturas complexas que se alinham com a temática do desconstrutivismo de proporcionar emoções através da não linearidade e obviedade das estruturas; e no caso da edificação ao lado (figura 43), a completa oposição entre o novo e o antigo e como tornar a relação deles de uma forma equilibrada.

A Filarmônica de Hamburgo, localiza-se na zona portuária da histórica cidade de Hamburgo, Alemanha, nas margens do rio Elba, que dá nome Elbphilharmonie. É uma estrutura composta por dois edifícios: o primeiro é um antigo silo de grãos datado de 1963, e, o segundo, uma coroa de vidro e metal localizada na parte superior, construída em 2016, para abrigar um hotel, apartamentos residenciais, além de duas salas de concertos e uma praça pública (Archdaily).

Em depoimento, o arquiteto Jacques Herzog informou que todos os percursos e a volumetria da fachada foram projetados de modo bastante artesanal, através de maquetes físicas, os arquitetos analisaram precisamente todas as proporções, escalas e visadas do projeto

LACATON & VASSAL

Outro exemplo contemporâneo que segue bastante os preceitos comentados, é o escritório francês Lacaton & Vassal. Especializados em intervenções em edifício, a dupla francesa recebeu o Prêmio Pritzker 2022, justamente por seu longo trabalho com a reabilitação de edifícios e produção de uma adequada e eficiente habitação social sem perder qualidade estética.

O exemplo ao lado é a tradução desse princípio que o escritório segue. Localizado em Bordeaux, na França, o projeto é uma intervenção em três edifícios modernos que contam com 530 apartamentos e há muito necessitavam de requalificações para solucionar os problemas técnicos e espaciais das habitações

A solução encontrada pelo grupo foi de requalificar a parte interna e acoplar na fachada módulos semelhantes a varandas que expandem a área útil dos apartamentos e permitem uma integração interno/externa muito maior (Figura 44). As edificações ganham um caráter muito mais contemporâneo e impactam positivamente na paisagem e na autoestima do bairro

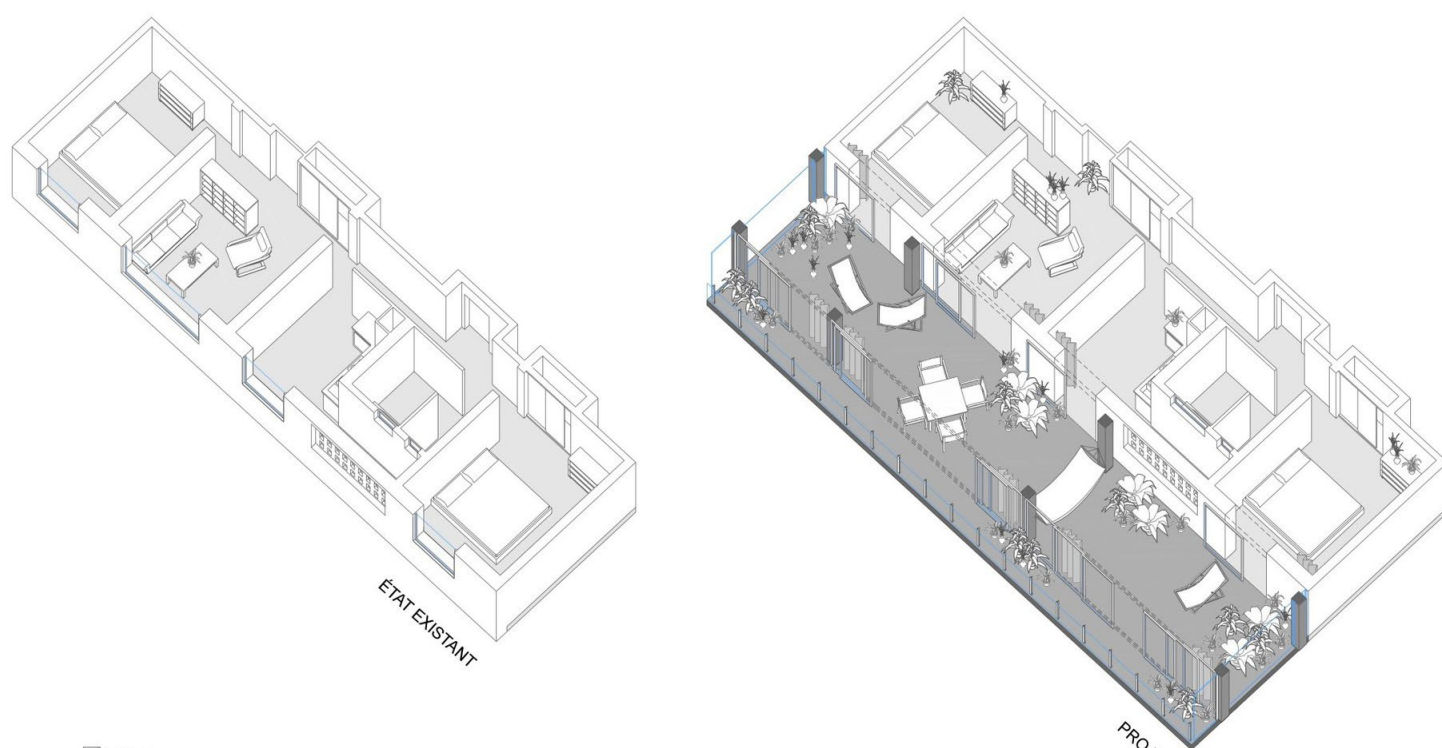


Figura 44 - Diagrama explicando o acoplamento de módulos na fachada
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/933180/transformacao-de-530-unidades-habitacionais-em-bordeaux-lacaton-and-vassal-plus-frederic-druot-plus-christophe-hutin-architecture>, acesso 2023



Figura 45 - Colagem antes e depois de intervenção
Fonte: <https://www.fad.cat/en/news/2599/lacaton-vassal-guanyen-el-premi-eu-mies-van-der-rohe-2019>, acesso 2023

MANGUEBEAT

Projetar compreendendo as características físicas do sítio é extremamente necessário para uma boa solução arquitetônica, mas também se faz necessário compreender todas as camadas históricas e culturais do local que a edificação está instalada. Discuti no decorrer desse documento vários pontos e temáticas que abrangem esse território, como também foi falado sobre inspirações nacionais e internacionais que fazem parte da discussão arquitetônica/urbanística contemporânea sobre o tema.

A junção desses dois mundos: o da história local e o das referências externas, é que foi o verdadeiro desafio e desejo desse trabalho. Felizmente, o solo fértil do mangue recifense fez brotar na década de 1990 uma referência inspiradora para justamente fazer a mistura desses conceitos.



Figura 46 - Computadores fazem arte, imagem gerada através de inteligência artificial para representar antena parabólica no mangue
Fonte: Midjourney, 2023

Antenas parabólicas fincadas num manguezal. O movimento manguebeat surgiu como uma perfeita alegoria para as discussões que eu gostaria de trazer a tona com o projeto. O figura da antena apontada para o mundo e capaz de captar as ondas externas, mas ainda sim, fincada no solo fértil e diverso do mangue recifense, tendo a capacidade de emitir um sinal completamente novo, genuíno e rico, assim como os manguezais da cidade.

Assim como movimentos já previamente citados o manguebeat também pode ser considerado como um pensamento de vanguarda. O “beat” foi um sufixo adicionado erroneamente para mudar o “bit”, termo retirado da informática. Essa associação deve a ligação intrínseca com as músicas eletrônicas (sobretudo o estilo punk) e a a crença que a tecnologia e o futuro são o caminho pra mudança social, uma completa novidade junto a seu cenário contemporâneo.

Os Sinais emitidos por essa antena são carregados de música, arte e cultura periférica, recifense e nordestina. Os batuques do maracatu, ciranda, embolada e coco simbolizam nas suas músicas todo o arcabouço histórico que bandas como Nação Zumbi, Mundo Livre S/A e mais recentemente, Cordel do fogo encantado, agregaram ao movimento. A tradição popular recifense ganhou um espaço de divulgação muito maior, transmitidas pela rádio e pela tv, as ondas chegaram aos ouvidos dos urubus, dos patos e dos gabirus.

Ondas carregadas de música periférica e de denuncia das desigualdades sociais que maltratavam o povo. Inspirados pelo escritor pernambucano Josué de Castro através do seu livro Homens e Caranguejos, músicos e artistas discorriam em suas obras sobre as dificuldades que o povo passava, como a transporte publico, ausência de moradias dignas, acesso a serviços públicos, violência policial e principalmente a fome.

A grande relevância no cenário e cultura pernambucana. A proximidade ao rio, a localização em um bairro marcado por aterros e a consequente destruição do mangue, a luta dos moradores da ocupação, a necessidade de fazer um choque no cenário recifense colaboram para a decisão de incorporar esses elementos simbólicos do manguebeat como forma de dar partido ao projeto.

Em 1992 o escritor e músico pernambucano Fred Zero Quatro, fundador da banda Mundo Livre S/A., Produziu um manifesto chamado de “Caranguejos com cérebro” que representa bem o movimento, e trago em sua íntegra.

MANGUE, O CONCEITO.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os **mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.**

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas de casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

MANGUETOWN, A CIDADE

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de **miséria e caos urbano.**

MANGUE, A CENA

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! **Basta injetar um pouco de energia na lama** e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: **uma antena parabólica enfiada na lama.**

Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais.

Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.



Foto: Diego Lopes, 2021



4. PROJETO

CONCEITO

A energia contagiante de um dos biomas mais diversos do mundo entrou no edifício através de seu esqueleto exposto. Invadindo, evidenciando o essencial, demolindo o desnecessário, criando o pertinente, contaminando com vida suas entranhas e expondo a paisagem do Bairro de Santo Antônio um caótico jogo de volumes e texturas.

O mangue que outrora esteve aterrado, foi eletrificado e ocupou o edifício, abrigando e expondo a vida que nele reside.

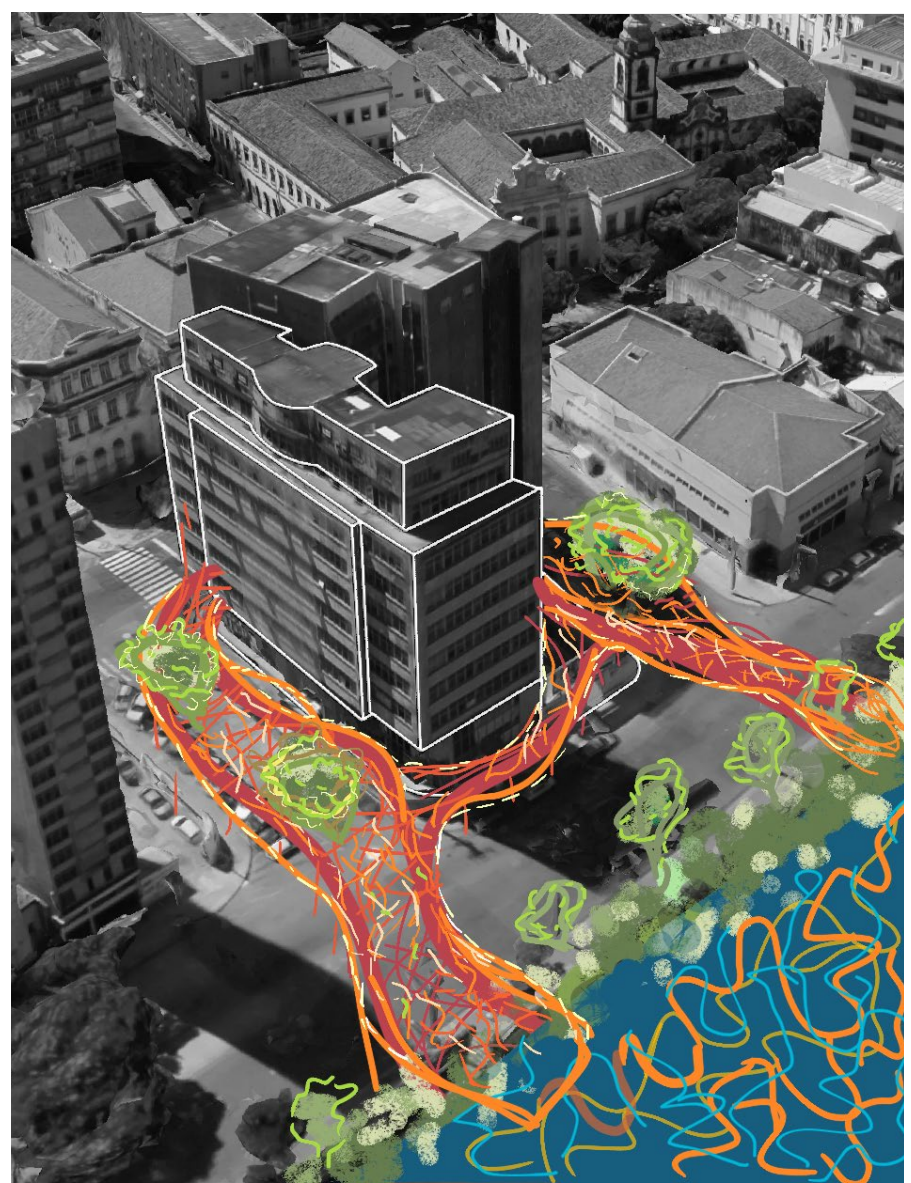
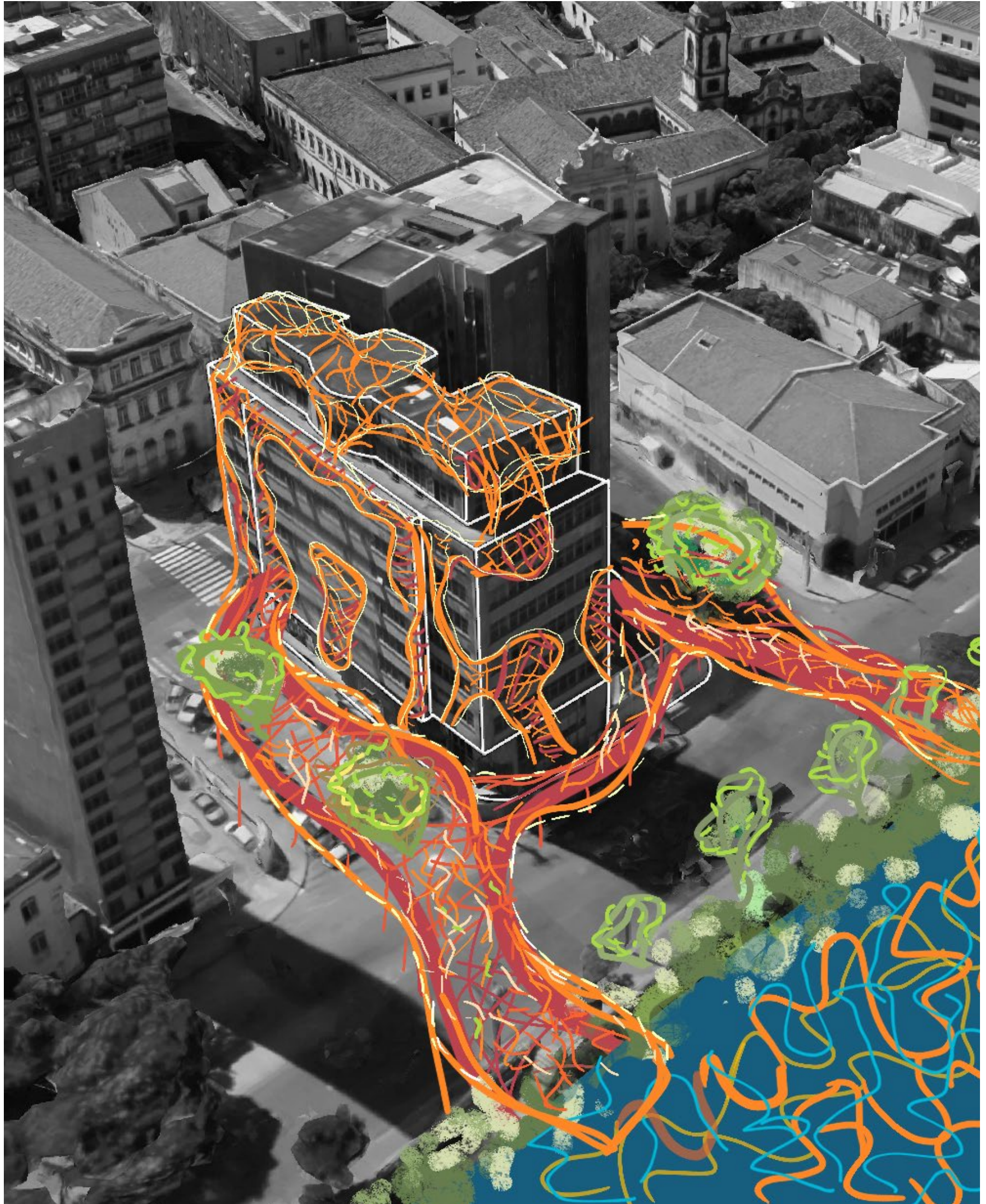


Figura 47 - Sequência de croquis conceituais
Fonte: Diego Lopes, 2023



EXOESQUELETO

A tradução arquitetônica para esse conceito se inspirou nas formas orgânicas das águas do Capibaribe e na maior característica dos caranguejos, seu exoesqueleto. Uma ossatura que surge no mangue, ocupa as ruas do bairro do santo Antônio e sobe no edifício para o envolver e o penetrar.

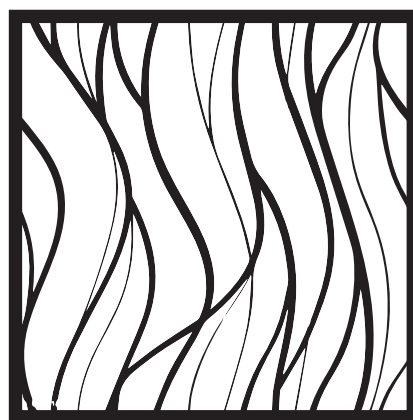


Figura 48 - Padrão utilizado
Fonte: Diego Lopes, 2023

Formada por uma leve tela metálica perfurada sustentada por pilares circulares chão e elevada a uma altura de mais de 4 metros, se desmancha pela zona pública como um pergolado, protegendo os transeuntes do sol intenso, delimitando zonas de permanência pedestrianizadas e gerando um espaço único para os recifenses.

Se liga a edificação por meio de travamentos junto a suas paredes e consegue evidenciar sua volumetria original, proteger as aberturas da incidência solar direta, e indicar a intervenção sem descaracterizar o existente. Se assemelha a tradição arquitetônica pernambucana do cobogó e do jogo compositivo dos azulejos, porém com uma leitura e um material contemporâneo.



Figura 49- Imagem renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2023

PROGRAMA

Através de toda a pesquisa realizada e esplanada nos capítulos anteriores, visitas e conversas com os moradores para entender suas dinâmicas e desejos, foi chegado a estruturação de um amplo programa de necessidades para a edificação.

No térreo foi pensado em ser um local para conexão com a cidade, para isso foi proposto usos comerciais e uma praça pública utilizando o terreno vazio vizinho à edificação. No mezanino é destinado a usos coletivos dos moradores, com salas flexíveis voltadas para todos os públicos.



Figura 50- Usos e Programa
Fonte: Diego Lopes, 2023

Nos Pavimentos-tipo, de 01 a 06, foram alocados 57 unidades habitacionais, 40 delas de um quarto para abrigar casais ou solteiros; 14 apartamentos de 2 quartos para alojar famílias de 3 a 4 integrantes, e 3 apartamentos de 3 quartos para famílias de até 6 integrantes. Também foram alocados usos coletivos como 3 lavanderias e 4 áreas de convivência,

Na cobertura foi também foram pensados ambientes comunitários, dividindo em dois níveis, o terraço e um pavimento acima, denominado horta. No terraço há uma cozinha coletiva, uma sala de reuniões e um ambiente aberto. No nível acima foi alocado uma horta comunitária e um trecho destinado a painéis solares e instalações técnicas.



Cobertura

Equipamentos Comunitário + Instalações prediais

Horta Comunitária, Cozinha, Terraço, Sala de Reuniões, Reservatório água, Casa de máquinas, Painéis Solares.

Pavimento-tipo

Habitação Social + Equipamentos coletivos

Estúdios, Habitação 2 quartos, Habitação 3 quartos
Lavanderia, Elevadores, Áreas de convivência

Mezanino

Área de Lazer + Biblioteca

Salas multiuso, Brinquedoteca, Terraço, Biblioteca

Térreo

Fachada ativa + Praça pública

OBRA

A formação do projeto acabou por necessitar da retirada de elementos específicos. A planta de demolição abaixo (Figura 51) representa a retirada de paredes de alvenaria do térreo para possibilitar a transformação completa do edifício, antes recluso e desconectado do seu contexto em uma edificação passagem que se abre para uma praça publica e possibilita a permeabilidade urbana .

Um elemento significativo que precisou ser demolido foi a escada existente. Para se adequar às normas atuais dos bombeiros foi preciso retirar a antiga escada aberta de concreto para a criação de uma escada enclausurada que se distribui por todos os pavimentos.

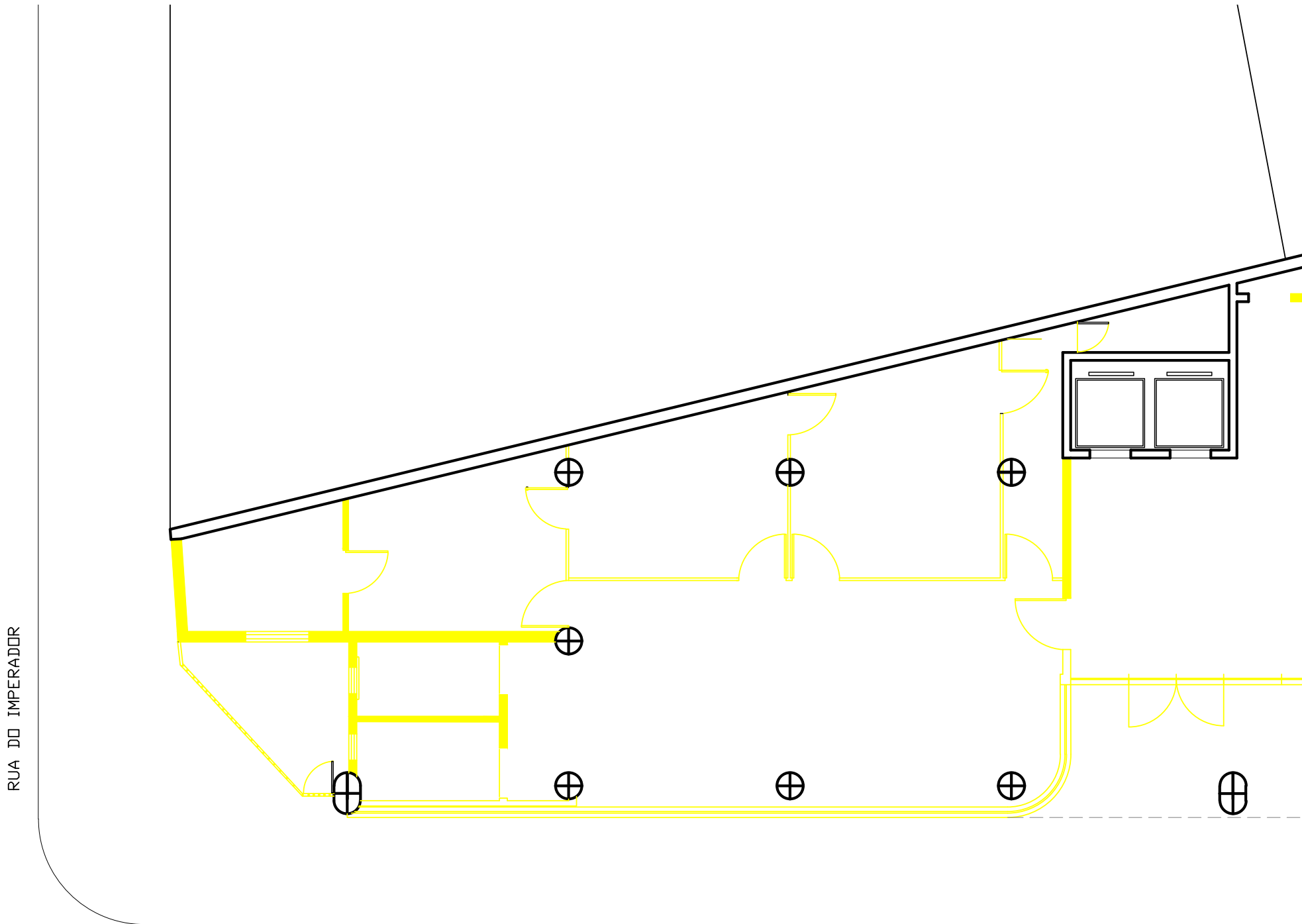
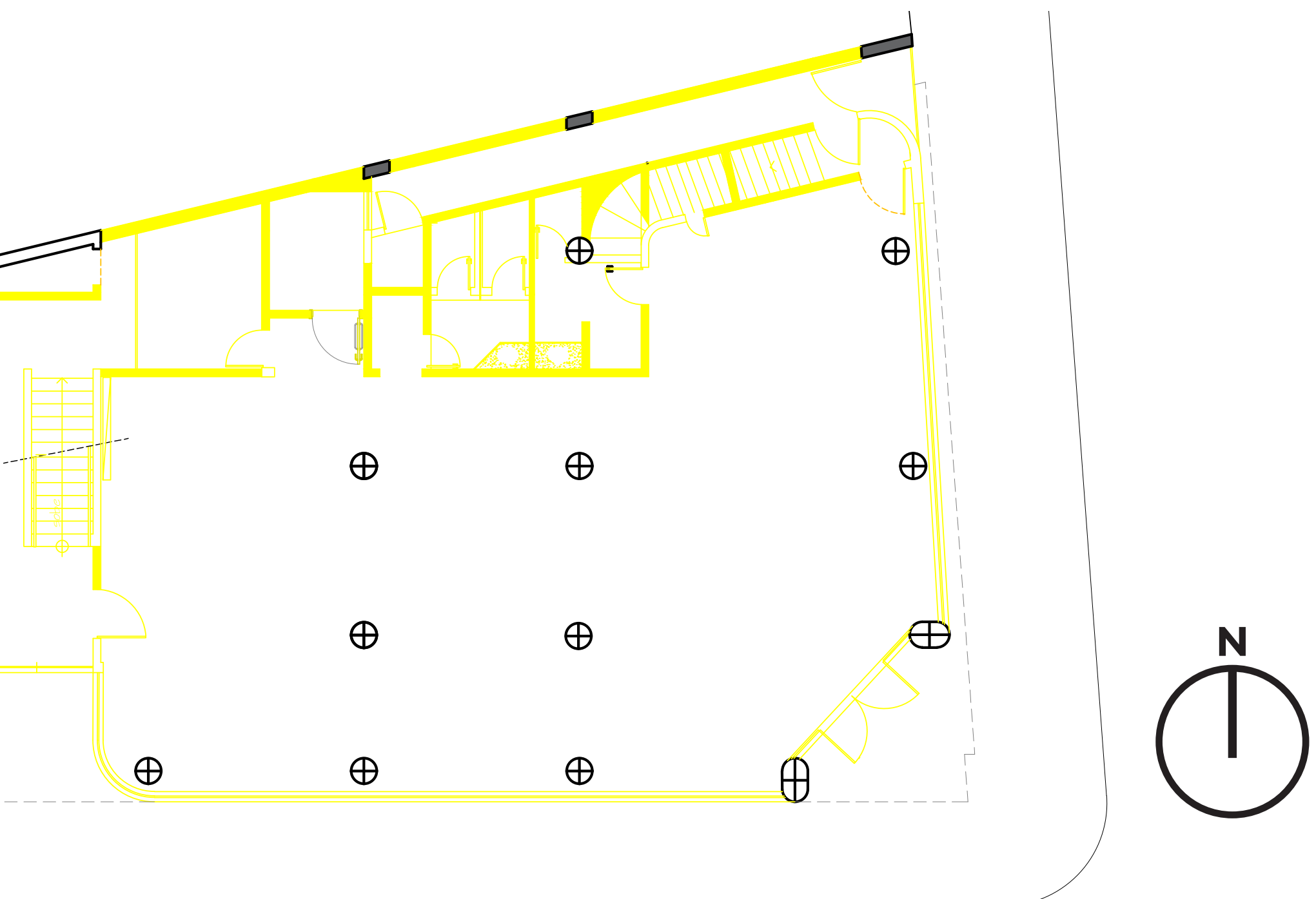


Figura 51- Planta baixa Térreo - Demolição
Fonte: Diego Lopes, 2023

De modo geral todas as paredes de alvenaria internas foram removidas nos pavimentos superiores. Também foi necessário fazer aberturas nas fachadas norte e oeste a fim de viabilizar a ocupação total da lâmina.



BASE

Para a compreensão adequada de todos os pontos do projeto, a explicação desse capítulo seguiu, assim como sua fachada moderna, a subdivisão de 3 subtópicos: a base, o corpo e o coroamento. Serão expostos tanto informações acerca da vista externa quanto planimétricas

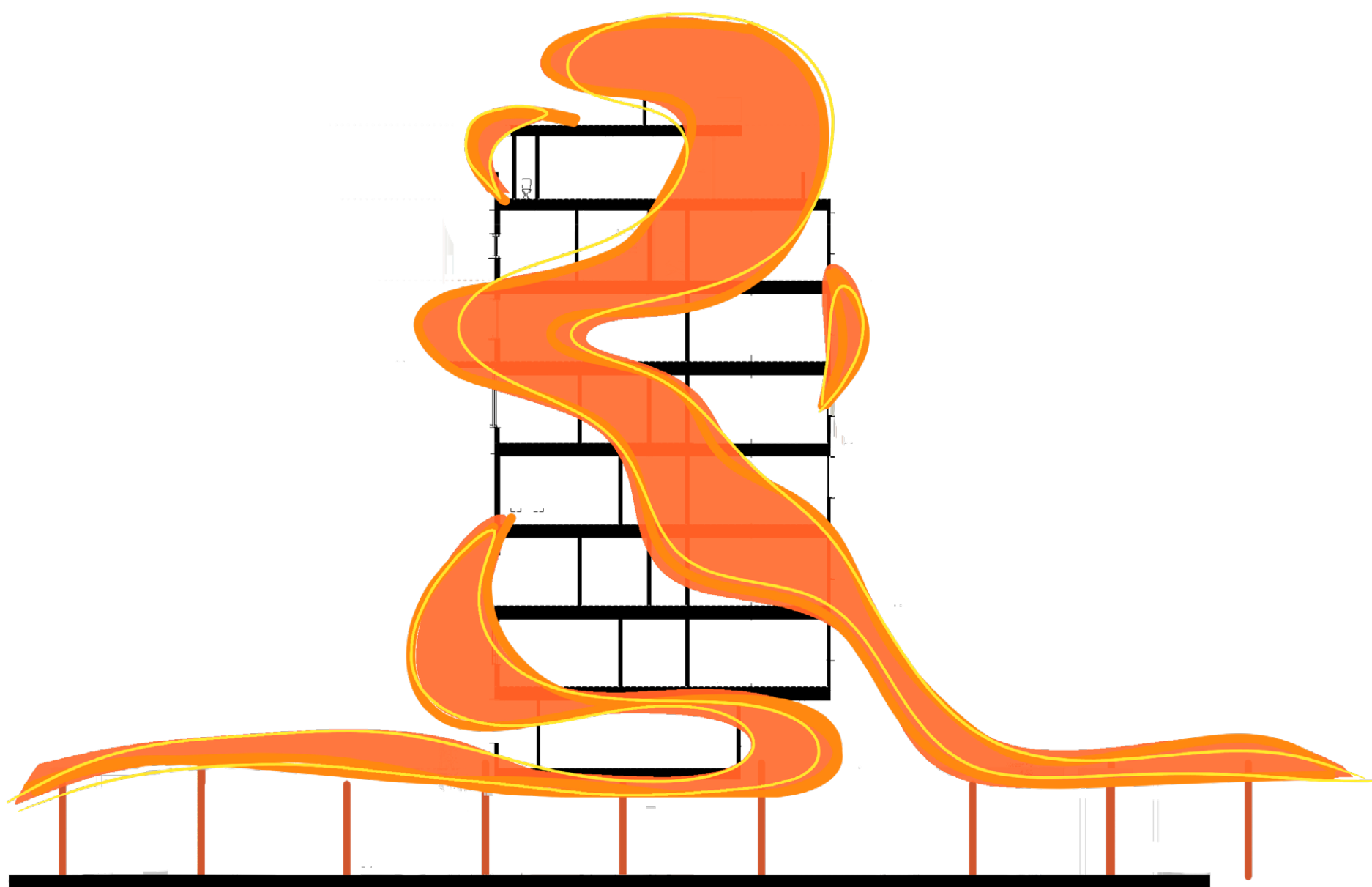


Figura 52- Corte conceitual
Fonte: Diego Lopes, 2023



Figura 53- Imagem Renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2023

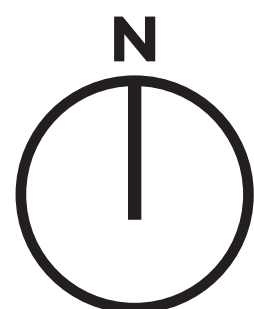
No térreo a principal diretriz foi de reconectar o edifício ao contexto urbano vizinho. Retirar os muros e as divisões internas possibilitou a criação de pontos comerciais e a conexão com o terreno vizinho, transformando o objeto em um edifício de passagem e um local vivo, que favorece a dinâmica urbana caótica do bairro.

Os dois pontos comerciais localizados na porção mais oeste do edifício se conectam com o fluxo intenso da rua do imperador, que como foi visto no mapa de usos, está repleta de pontos comerciais e de serviços. O tamanho dos pontos são suficientes para abrigar pequenos comércios ou serviços. Usos tão importantes para a dinâmica urbana e que hoje também estão presentes na ocupação

Próximo a avenida martins de barros foi pensado a alocação de um ambiente público, com trechos voltados a alimentação, através de pequenos quiosques ou estruturas como food trucks; outro sendo uma praça aberta pensada para ser um palco de atividades culturais, esportivas ou efêmeras, tão vistos por toda a cidade. Ainda há um banheiro público para dar apoio às atividades.



Figura 54- Planta baixa - Térreo escala 1/50
Fonte: Diego Lopes, 2023





94

Figura 55 - Imagem Renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2023

A imagem ao lado evidencia o contato que o pergolado tem no chão e do posicionamento de aberturas para permitir o crescimento de vegetação e a consequente criação de sombras. Foi pensado para serem dispostos junto a essa arborização bancos de concreto em formato orgânico, que possibilita a permanência das pessoas, gerando um ambiente vivo e agradável

CORPO

A fachada da edificação é marcada pelas formas orgânicas do pergolado e pela presença de varandas que brotam da fachada num jogo compositivo. As janelas internas são alinhadas às aberturas existentes da edificação e emolduradas para evidenciar a leitura horizontal das janelas em fita, tão importantes para a composição inicial da edificação. Apesar da retirada dessas janelas, e a substituição por esquadrias em locais pontuais, ainda há uma leitura similar a preexistência, como pode ser vista na figura 56.



Figura 56- Colagem de fachada existente em comparação com fachada proposta
Fonte: Diego Lopes, 2023



Figura 57 - Imagem Renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2023

Nos pavimentos-tipo, como já exposto, foram alocados às unidades habitacionais, locais de convivência e em alguns pavimentos, uma lavanderia coletiva, tendo como base as dinâmicas das famílias. São 3 tipos de unidades: Um estúdio de 1 quarto, um apartamento de 2 quartos e outro com 3. As unidades apresentam pequenas variações nas suas plantas para permitir uma variabilidade maior da fachada, mas todos compartilham do mesmo princípio de otimização dos equipamentos para possibilitar um uso adequado às necessidades básicas.

O pavimento 2 representa bem a multiplicidade de tipologias na edificação. Tendo como guia a modulação dos pilares, foi colocado no centro da edificação módulos individuais, destinados a pessoas solteiras ou casais.

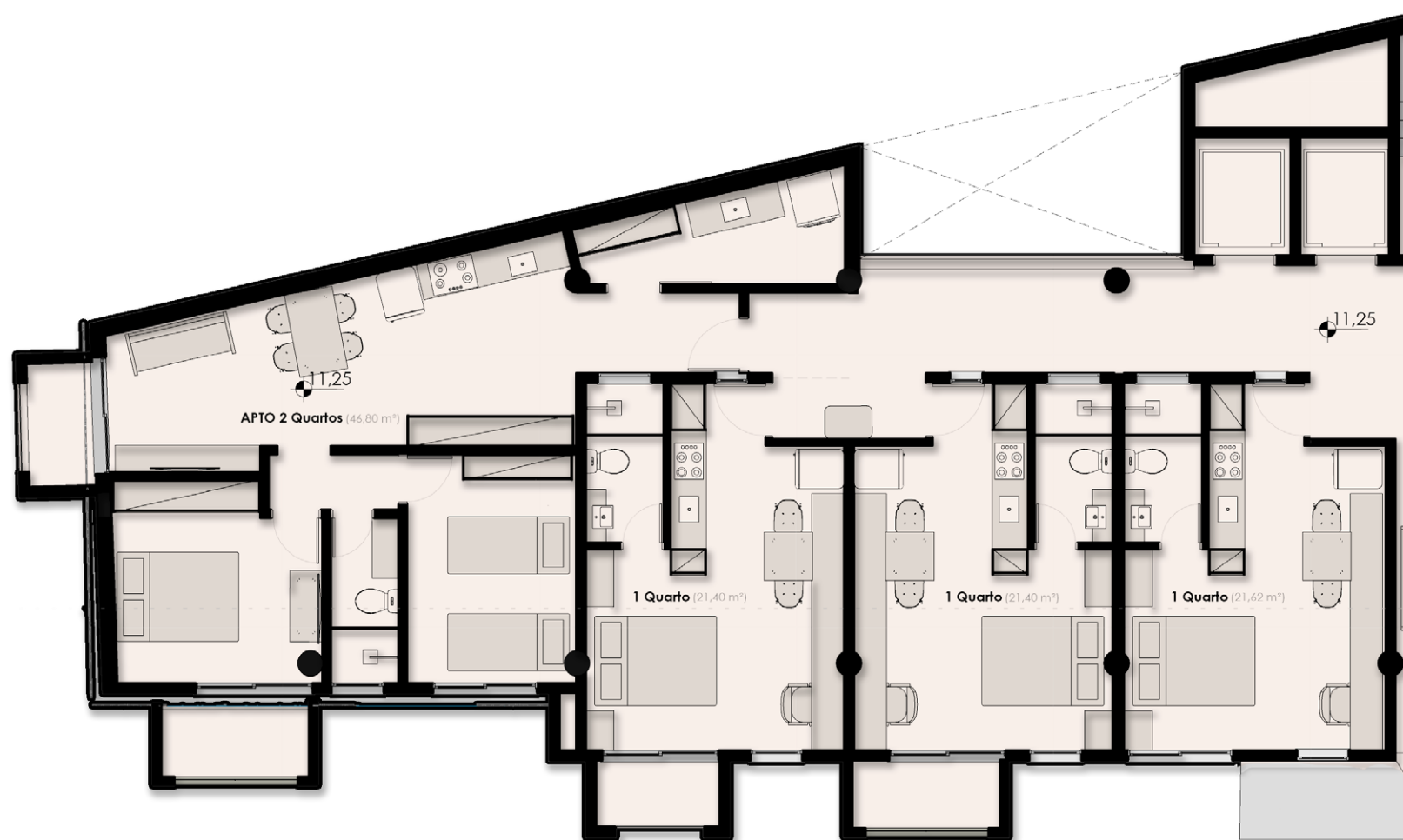


Figura 58 - Planta baixa 2º Pavimento - Escala 1/150
Fonte: Diego Lopes, 2023

Os apartamentos individuais possuem, em média, 23m², onde se distribuem todos os usos essenciais para o dia a dia. Apresentam uma entrada recuada do corredor para proporcionar a criação de um terraço, e aumentar a privacidade dos moradores. Em resumo, é um grande espaço aberto com cozinha, área de jantar, dormir e lazer conectados. O único espaço recluso é o banheiro privativo que possui janela alta para o corredor. Em alguns há a existência de varandas que ampliam a metragem da unidade e permitem uma maior conexão com a paisagem, além de filtrar a entrada de iluminação e de ruídos.



Outra tipologia presente é a dos apartamentos de 2 quartos que mantém a conexão visual e funcional entre os espaços da cozinha, jantar e estar, porém há uma separação dos quartos para garantir privacidade maior dos membros da família. Apresentam uma diferença substancial: os apartamentos no oeste contam com uma área de serviço privativa, enquanto que os apartamentos da porção leste necessitam de utilizar das lavanderias coletivas dispostas no pavimento, e por isso a diferença de metragem, enquanto o primeiro exemplo conta com 52m², o segundo possui 47m².

As lavanderias são dispostas nos pavimentos 2, 4 e 6, possuindo 16,39m² e tem espaço para 3 máquinas de lavar e secar, junto a bancadas de lavagem a mão, e espaços para dobrar e secar as roupas.

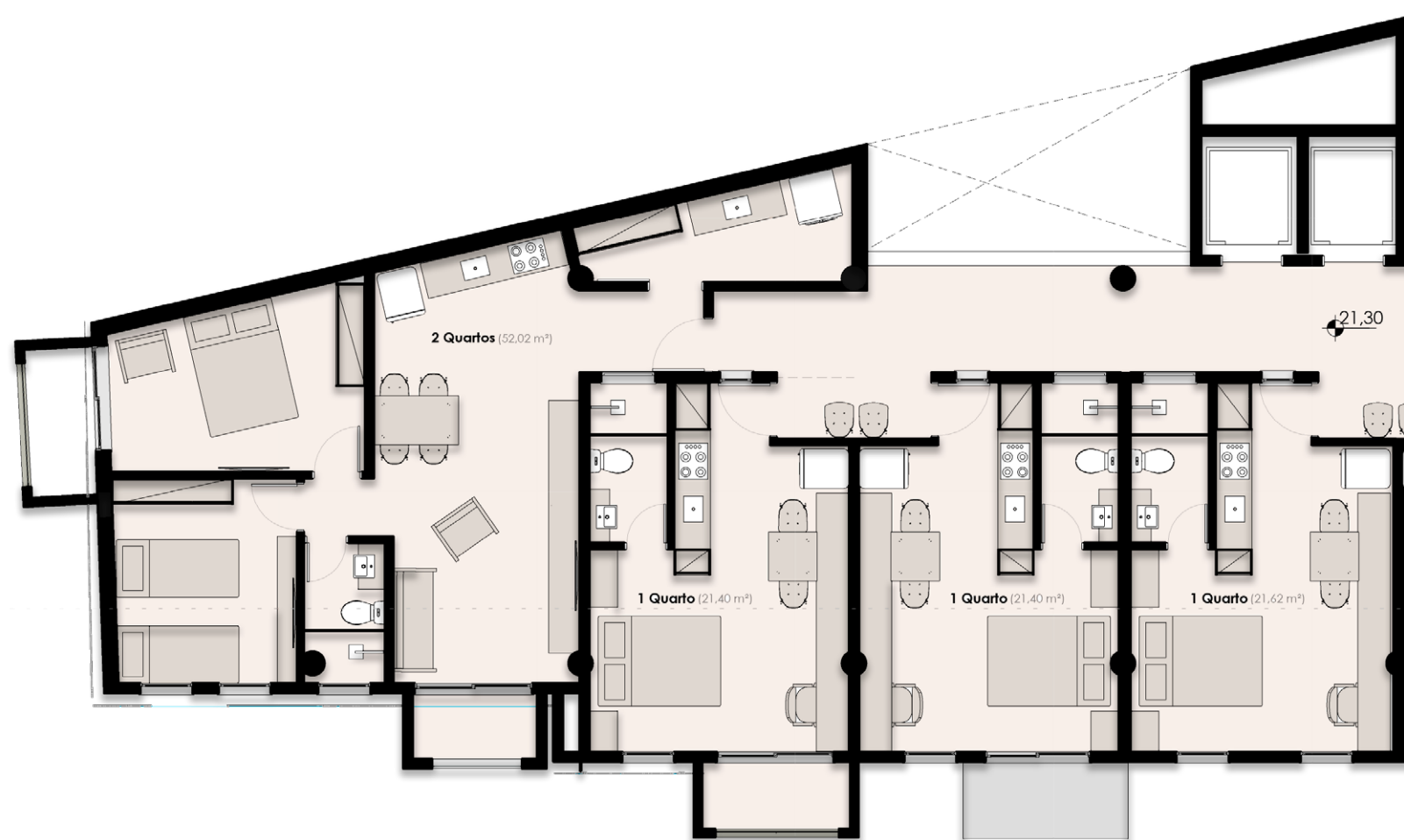


Figura 59 - Planta baixa 6º Pavimento
Fonte: Diego Lopes, 2023

A tipologia de 3 quartos apresenta 71m² e segue com a mesma tendência das outras tipologias de apresentar uma área comum aberta e conectada, com exceção dos banheiros e quartos. Nesse modelo também há uma área de serviço com lavanderia.

Na planta do 6º pavimento abaixo (figura 59) é possível identificar uma diferença no posicionamento da área coletiva, devido a composição da fachada. Mesmo com a variação ainda está presente um espaço para integração entre os moradores, com sofá e poltronas e mesas para permitir e acomodar os usos já estabelecidos na dinâmica existente, a de conversas e jogos entre vizinhos.



A processo da concepção da fachada foi bastante demorado e exigente, como já mencionado, a mudança de uso e a transformação do edifício para um objeto arquitetônico contemporâneo seguiu os conceitos do desconstrutivismo e do conceito do manguebeat e também norteados por diversas referências projetuais durante o decorrer da graduação.

Foram inúmeros testes utilizando de isométricas do edifício para compreender o objeto em sua totalidade e não apenas em uma visão planimétrica única. Trago 8 exemplos que mostram o processo projetual ate chegar na forma escolhida para a edificação (Figura 60). Os critérios para a escolha foram tanto compositivos, quanto conceituais e técnicos.

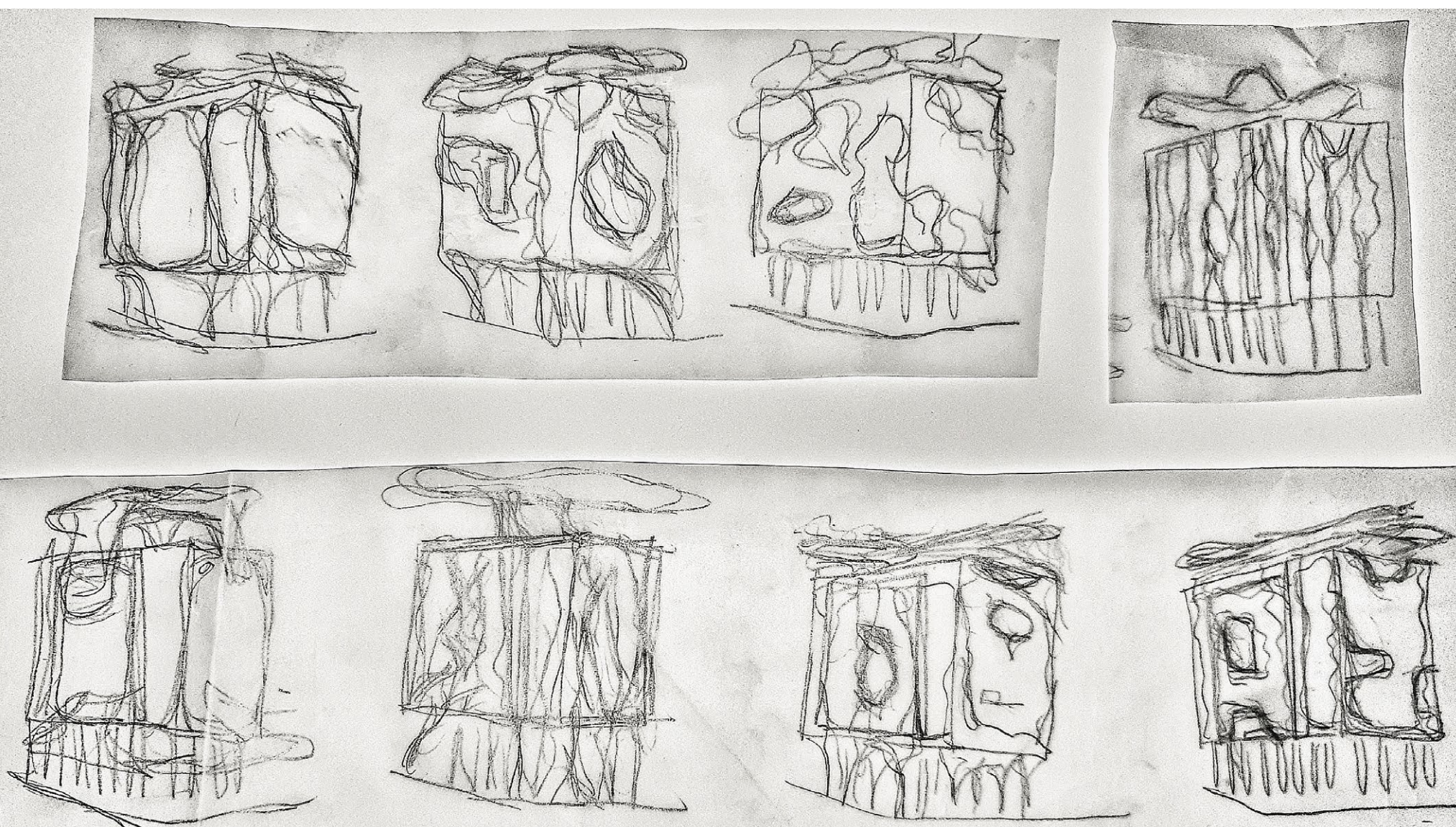


Figura 60 - Croquis fachada
Fonte: Diego Lopes, 2023

1. Relaciona-se com a volumetria e composição existente no edifício
2. Representa a invasão conceitual do mangue na edificação,
3. Adequa-se às aberturas e ao uso habitacional proposto



Figura 61 - Croqui fachada
Fonte: Diego Lopes, 2023



Figura 62 - Imagem Renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2023

O exoesqueleto sobe através do pergolado no térreo e recobre a edificação sem dar a impressão de que ele foi dominado por completo. A intenção é mostrar um processo no qual o edifício está iniciando, mas que ainda fica latente o estado original “não transformado”.

A textura contorna trechos evitando algumas quinas do volume para assim manter a leitura do purismo volumétrico do edifício moderno como pode ser visto na Figura 63. A forma também evita as aberturas dos quartos e das salas e quando se encontra nesses ambientes, é gerado uma varanda para seccionar o elemento e assim não impactar na visão da paisagem externa.

O elemento ainda adentra na edificação através das varandas das áreas de convivência, assim estabelece uma relação de completa troca entre as partes: o edifício se abre para possibilitar a vista da paisagem natural e a paisagem penetra e ocupa através de suas formas sinuosas.

A fachada oeste não apresenta molduras nas janelas devido a inexistência de aberturas no edifício existente. Portanto foi possível “brincar” com as aberturas e criar uma fachada marcada pela instabilidade e o não alinhamento dos elementos.



Figura 63 - Fachada da edificação com marcações evidenciando vazios e preenchimentos
Fonte: Diego Lopes, 2023

COROAMENTO

Para finalizar a volumetria foi pensado numa coberta mais simplificada devido a complexidade das fachadas abaixo. São propostos lajes que sacam suavemente do alinhamento da fachada para dinamizar e enquadrar o volume e acompanhar as saliências criadas pelas varandas.



Figura 64 - Corte CC
Fonte: Diego Lopes, 2023



Figura 65 - Imagem Renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2023

A cobertura da edificação foi imaginada para conter usos coletivos, que podem ser utilizados por todos os moradores. Há uma grande sala de reunião de 33m² na porção Oeste que foi idealizada para acomodar os usos já existentes na edificação: o de realização de reuniões, cultos religiosos e exibição de filmes. Próximo a ele contém um banheiro acessível. (Figura 66)

No lado oposto, contém a presença de uma cozinha coletiva junto a mesas de jantar para possibilitar o uso de diversas pessoas, e assim como a ocupação 9 de julho, colaborar para um senso de comunidade entre os moradores. Ainda há um banheiro comum como apoio.

A última coberta da edificação é disposta a horta coletiva, espaço tão desejado pelos moradores. Seguindo o pavimento há um trecho de laje em que é imaginado a alocação de painéis solares e um trecho em que saca da linha da edificação para criar um terraço com vista panorâmica da cidade. (Figura 67)

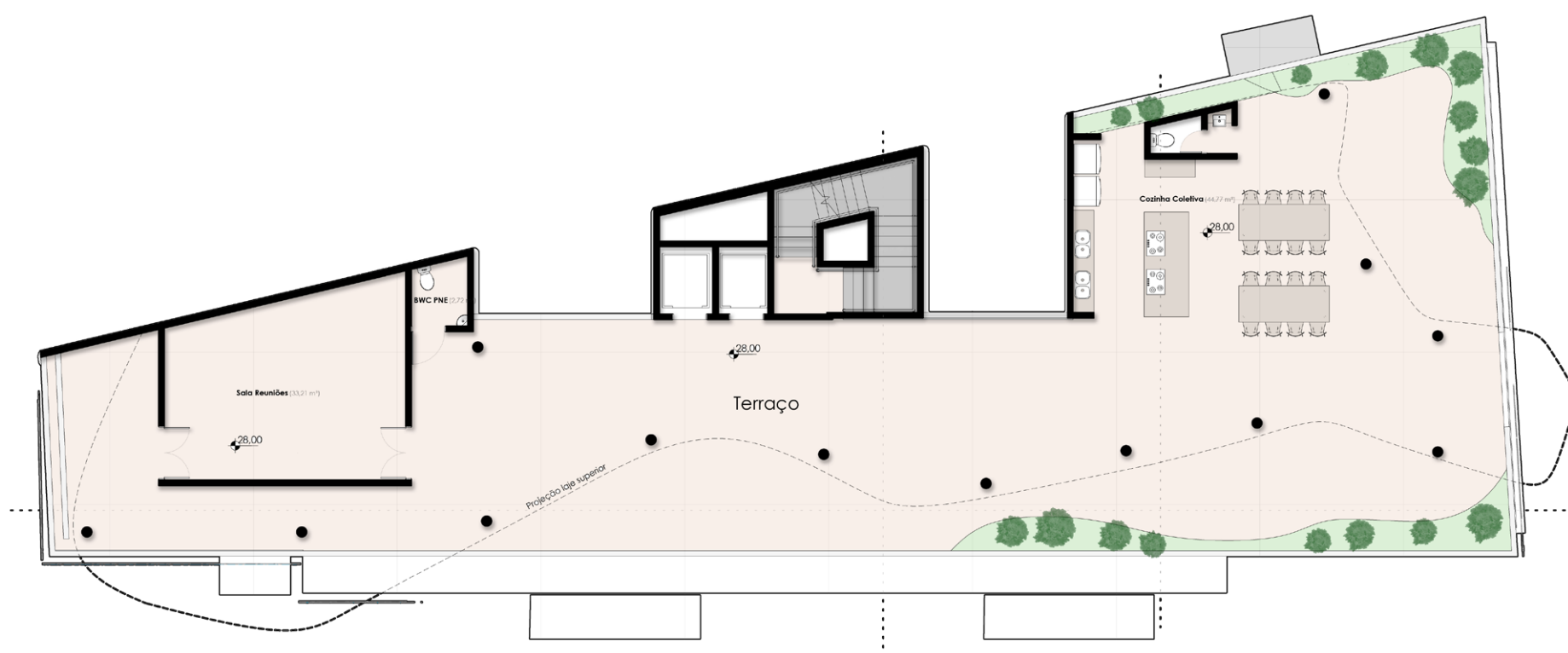


Figura 66 - Planta baixa 8º Pavimento - Terraço
Fonte: Diego Lopes, 2023

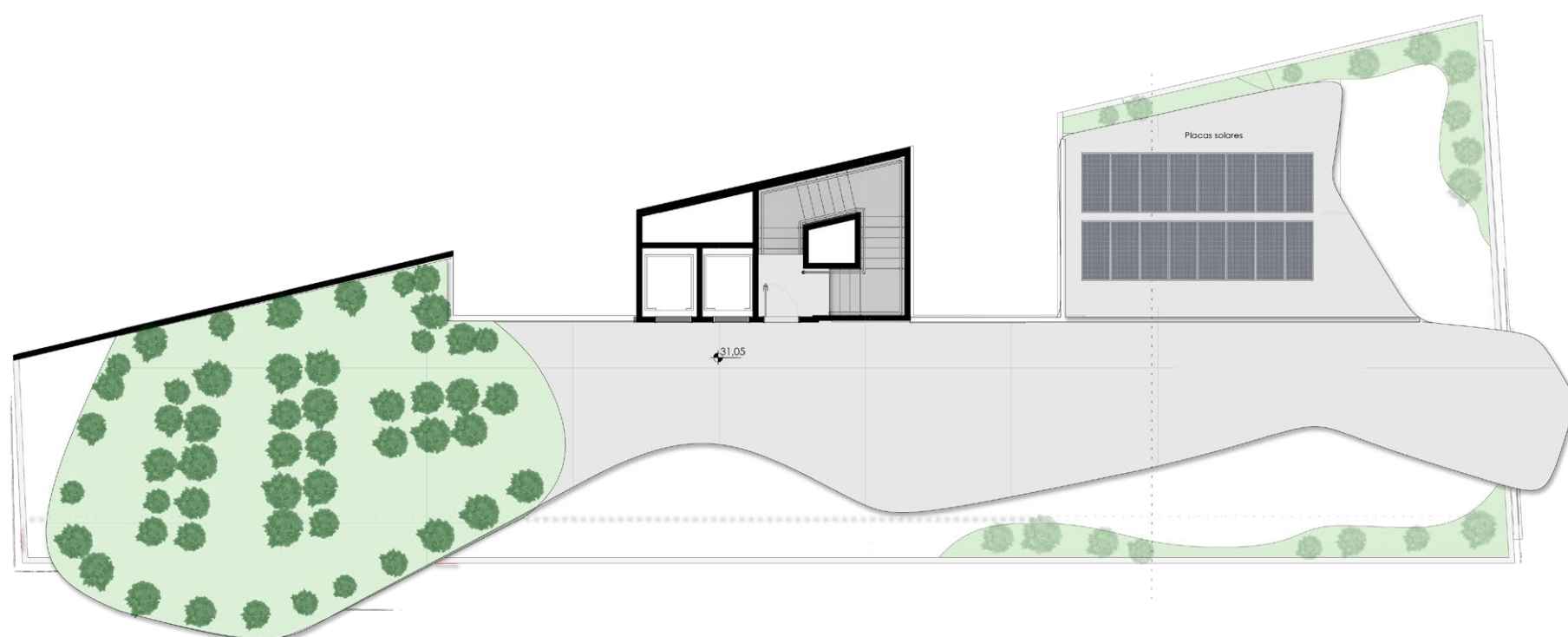


Figura 67 - Planta baixa 9º Pavimento - Horta
Fonte: Diego Lopes, 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como intuito a elaboração de um anteprojeto para o Edifício Segadas Viana, localizado na cidade do Recife, buscando converter o tipo empresarial da sua planta para o de apartamentos, visando contribuir para a diminuição do déficit habitacional na cidade. Ressalta-se que o projeto conseguiu alocar 57 unidades habitacionais no edifício, sem o acréscimo de área construída para tal e preservando a estrutura original, diminuindo os impactos antrópicos, como a produção de resíduos no canteiro de obras e preservando o patrimônio modernista presente no centro da cidade.

É necessário pontuar que, com movimento de esvaziamento dos centros históricos presente em diversas cidades brasileiras, é imprescindível realizar esforços conjuntos, tanto da sociedade civil, quanto do poder público, para se apropriar desses espaços e garantir a sua preservação que, só ocorrerá, de fato, através do seu devido uso. Dessa forma, reabilitar edificações vazias presentes nos tecidos históricos é uma alternativa não só viável, como também mais sustentável de se prover moradias dignas e reavivar os centros das cidades.

Salienta-se, também, que é dever do poder público prover moradia digna para as populações mais necessitadas e especialmente vulneráveis, seja pela falta de moradia em si, ou por habitarem áreas de risco espalhadas pela cidade. Nesse sentido, se apropriar de estoques edificados ociosos como os do centro histórico pode diminuir, também, o número de vítimas fatais em desastres climáticos, através da realocação dessas famílias para edificações inabitadas em áreas seguras.



Figura 68 - Foto Segadas Vianha
Fonte: Diego Lopes, 2022

Um outro ponto importante a ser destacado é o papel das ONGs e movimentos sociais na luta pelo direito à habitação. Com o crescente número de pessoas sem moradia espalhadas pelos grandes e pequenos centros urbanos, é através da união de forças desses movimentos que muitas ocupações conseguem prover, ainda que provisória e improvisadamente, o direito à moradia. É necessário que o poder público reconheça o importante papel dessas entidades no tecido social urbano, agindo em conjunto para mitigar os números dos desabrigados.

Por fim, o exercício projetual aqui elaborado mostra que é possível prover moradia digna para famílias vulneráveis sem a necessidade exclusiva de construção de novos conjuntos habitacionais, através da ocupação das edificações ociosas presentes nos tecidos urbanos das cidades, especialmente os sítios históricos, promovendo a apropriação de tais espaços e contribuindo diretamente para a preservação do patrimônio histórico, se firmando no passado que resiste para traçar as linhas de um futuro mais socialmente responsável.



Figura 69 - Imagem Renderizada
Fonte: Diego Lopes, 2022

REFERÊNCIAS

ArchDaily Brasil. **Filarmônica de Hamburgo / Herzog & de Meuron**. ArchDaily Brasil, 5 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/804569/filarmonica-de-hamburgo-herzog-and-de-meuron>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

BERNADINO, Iana L. **PARA MORAR NO CENTRO HISTÓRICO: condições de habitabilidade no Sítio Histórico da Boa Vista no Recife**. Dissertação -Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife-PE, Brasil, 2011. Acesso em: 10 abril de 2023.

BERNARDINO, Iana Ludermir; LACERDA, Norma. **Centros históricos brasileiros: tensões entre a obsolescência imobiliária e a construção de novas espacialidades**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 17, n. 1, p. 61-61, 2015. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4992/4675>. . Acesso em: 10 abril de 2023

BRANDÃO, H. C. L.; MARTINS, A. M. M. **Varandas nas moradias brasileira: do período de colonização a meados do século XX**. Revista tempo de conquista, n. 1, mar. 2007. Disponível em: <http://www.revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC1/HELENALACE1.pdf>. Acesso 10 de abril de 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 Abril de 2023.

CBN CARUARU. **Estudo revela que Pernambuco sofre com déficit habitacional de 326.844 unidades**. 18 de março de 2023. Notícias. Disponível em: <https://www.cbncaruaru.com/artigo/estudo-revela-que-pernambuco-sofre-com-deficit-habitacional-de-326-844-unidades>. Acesso em: 10 abril de 2023.

Declaração Universal dos direitos humanos. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 Abril de 2023.

DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL. **Plano de Preservação do Patrimônio Cultural do Recife: Diagnóstico das Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural.** Histórico-Cultural. Recife: Prefeitura do Recife, 2020. Acesso em: 10 abril de 2023.

El País Brasil. **Ocupação 9 de julho pende entre apoio de vizinhos abastados e perseguição do Estado.** El País Brasil, 5 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/politica/1562304011_256672.html. Acesso em: 10 de abril de 2023.

Habitat Brasil. **Levantamento de imóveis vazios e ociosos no bairro de Santo Antônio.** Disponível em: https://habitatbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/09/MO-RADIA-NO-CENTRO_HABITAT-BRASIL.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2023.

JOHNSON, Philip; WIGLEY, Mark. **Catalogue of the exhibition: Deconstructivist architecture**, Nova Iorque: Museum of Modern Art (MoMA), 1988. Disponível em: https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_1813_300062863.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2023.

Jornal do Commercio. **Aluguel Recife: Recife tem o segundo aluguel mais caro do Brasil.** Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2023/01/15161611-aluguel-recife-recife-tem-o-segundo-aluguel-mais-car-do-brasil-veja-os-bairros-mais-caros-e-tambem-os-mais-baratos-para-morar.html> . Acesso em: 10 Abril de 2023.

Jornal do Commercio. **Novo uso para outro prédio abandonado.** JC Online, 31 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2011/12/31/novo-uso-para-outro-predio-abandonado-27246.php>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

Lispector, Clarice. **Restos de Carnaval**, 1971. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2015/01/30/clarice-lispector-restos-de-carnaval/>. Acesso em: 10 Abril de 2023.

LOUREIRO, C.; AMORIM, L. **Vestindo a pele do cordeiro: requalificação versus gentrificação no Recife.** URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2013. DOI: 10.20396/urbana.v1i1.8635114. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635114>. Acesso em: 03 fev. 2023

MACIEL, Carlos Alberto. **Villa Savoye: arquitetura e manifesto.** Arquitectos, São Paulo, ano 02, n. 024.07, Vitruvius, maio 2002. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.024/785>Plug-in. Acesso em: 10 Abril de 2023.

MORAES, Katarina. **Esvaziamento do Centro do Recife deixa área histórica à beira do abandono.** Jornal do Comércio, 18 de março de 2023. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/04/12048967-esvaziamento-do-centro-do-recife-deixa-area-historica-a-beira-do-abandono.html>. Acesso em: 10 Abril de 2023.

MACIEL, Carlos Alberto. **Villa Savoye: arquitetura e manifesto.** Arquitectos, São Paulo, ano 02, n. 024.07, Vitruvius, maio 2002. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.024/785>Plug-in. Acesso em: 10 Abril de 2023.

MOREIRA, Fernando Diniz; BARRETTO, Diogo Cardoso. **Ruskin, Sullivan e Loos. Sobre o conceito de ornamento industrial.** Arquitectos, São Paulo, ano 15, n. 178.01, Vitruvius, mar. 2015 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/15.178/5492>>.

MOREIRA, Fernando Diniz; FREIRE, Ana Carolina de Mello. **O Edifício-quintal de Wandenkolk Tinoco. Reflexões sobre a moradia em altura nos anos 1970.** Arquitectos, São Paulo, ano 11, n. 129.04, Vitruvius, fev. 2011 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/11.129/3749>>. Acesso em: 10 Abril de 2023.

NAHAS, Patricia Viceconti. **A capacidade de “escutar” o monumento. O limite entre a criatividade projetual do novo e a conservação do antigo na obra de Giovanni Carbonara.** Resenhas Online, São Paulo, ano 16, n. 184.06, Vitruvius, abr. 2017 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/17.184/6510>>. Acesso em: 10 Abril de 2023.

Outtes, J., 1991. **O Recife pregado à cruz das grandes avenidas: contribuição à história do urbanismo (1927-1945).** Recife: Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco. Acesso em: 10 Abril de 2023.

PONTUAL, Virgínia. **O urbanismo no Recife: entre idéias e representações.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, n.2, 89-110, 1999. Acesso em: 10 Abril de 2023.

PORTAL FOLHAPE. **Recife tem o 2o pior tempo de espera por transporte público no mundo**. Folha de Pernambuco, 18 de março de 2023. Disponível em: www.folhape.com.br/noticias/recife-tem-o-2-pior-tempo-de-espera-por-transporte-publico-no-mundo/127858/. Acesso em: 10 Abril de 2023.

RECIFE. **Lei Municipal nº 17.511/2008. 18 de dezembro de 2008**. Disponível em: <https://licenciamento.recife.pe.gov.br/sites/default/files/2008%20-%20Plano%20Diretor%20Lei%20n%C2%BA%2017511.08.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

SETTE, Mario. **Arruar: historia pitoresca do Recife antigo**. 3.ed. -. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.. 368p. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/267/um-porto-que-virou-cidade>

SOUZA, Rayane Barcellos Marinho de. **Precariedade da moradia em ocupações irregulares em Centros Históricos: Uma análise dialógica da Ocupação Leonardo Cisneiros em Recife**. 2023. Dissertação de mestrado, FAAC, UNESP, Bauru Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/243848>

STOUHI, Dima. **O que é desconstrutivismo?**. ArchDaily Brasil, 28 de agosto de 2018, Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/900679/o-que-e-desconstrutivismo>. Acesso em: 10 de março de 2023.

ZERO QUATRO, Fred. **Caranguejos Com Cérebro (manifesto)**, 1992 Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html. Acesso em: 10 de abril de 2023.

VASCONCELOS, Priscila Batista; MACIEL, Caio Augusto Amorim; LACERDA, Norma. **“Pelos Frestas e Becos do Patrimônio”: O lugar do (in)visível no Centro Histórico protegido do Recife**. In: Revista de Geografia (Recife), v, 35, n. 1, 2018, p.89-102. Acesso em: 10 Abril de 2023.

ZANCHETI, Sílvio Mendes. **O Recife do século XVIII como cidade barroca**. Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 6, n. 3, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/22316063/O_Recife_do_s%C3%A9culo_XVIII_como_cidade_barroca. Acesso em: 10 Abril de 2023..

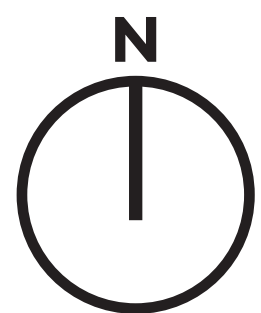
R. Siqueira Campos

Rio Capibaribe

Av. Martins de Barros

R. Marquês do Recife

R. do Imperador II



TÉRREO
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE

01/18



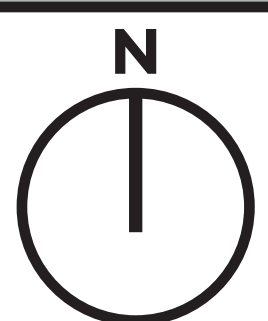
R. Siqueira Campos

R. do Imperador II

Rio Capibaribe

Av. Martins de Barros

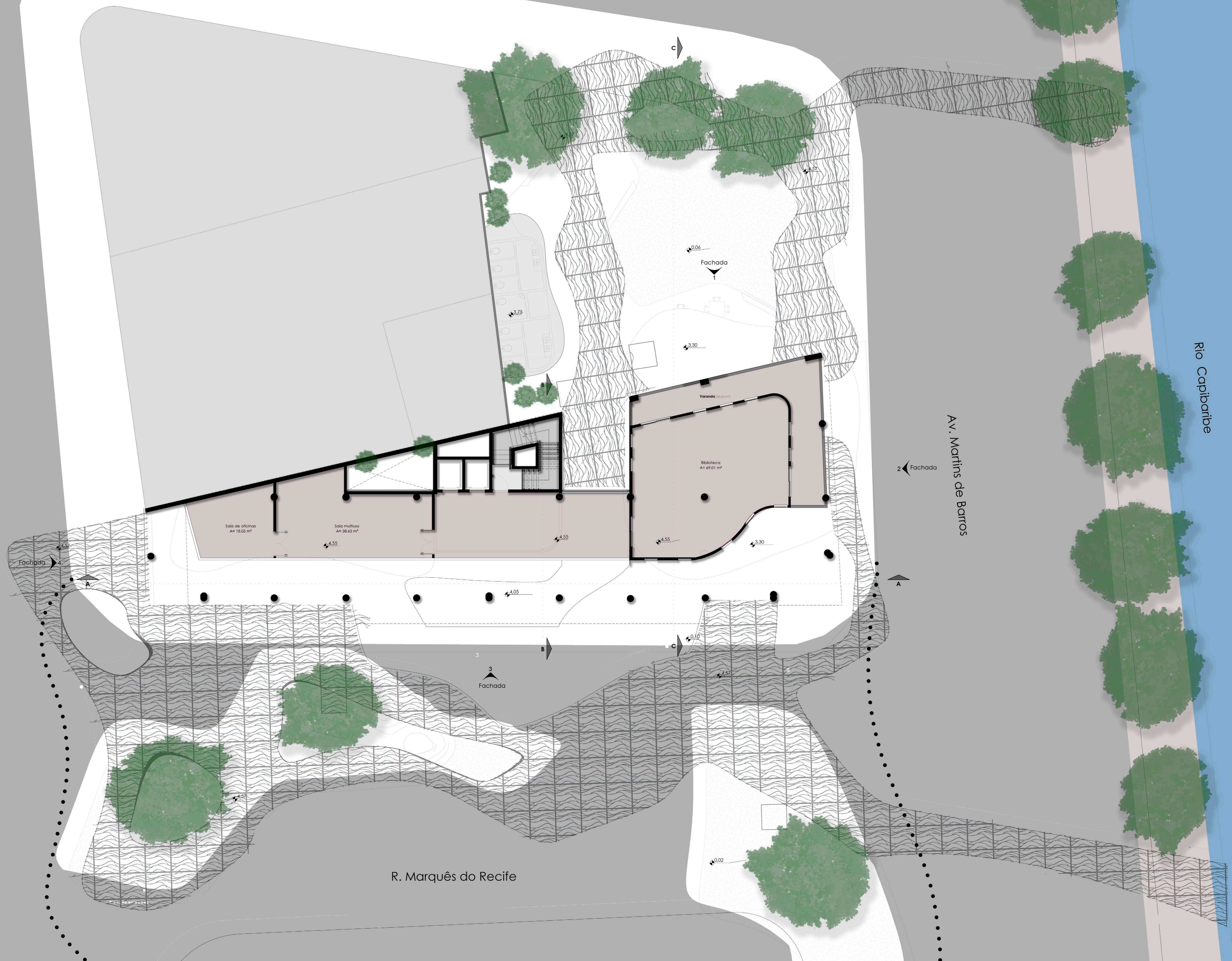
R. Marquês do Recife

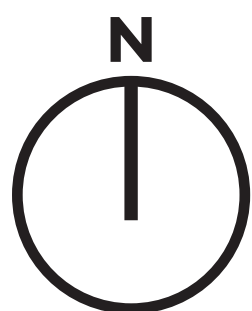
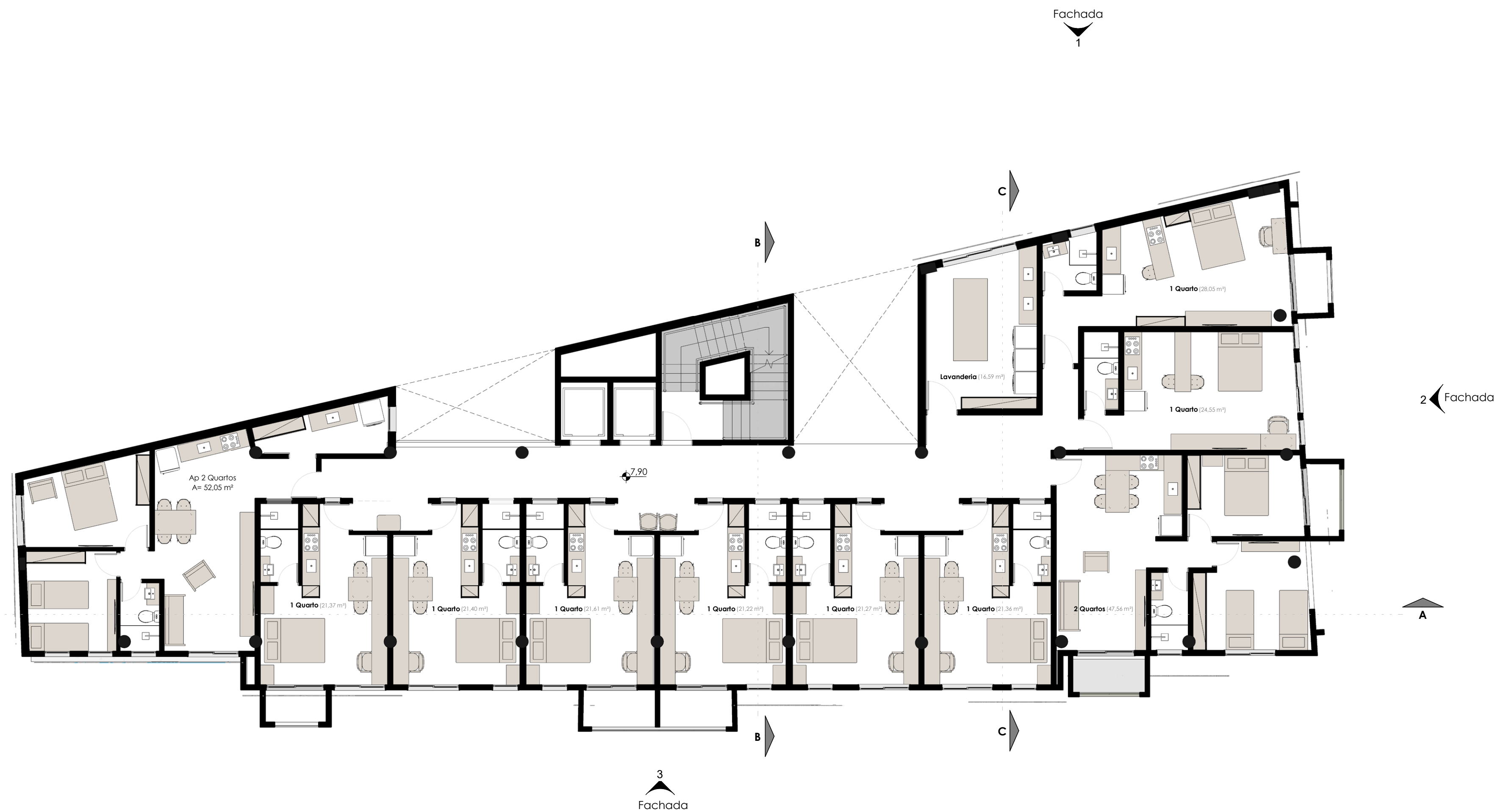


MEZANINO
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE

02/18





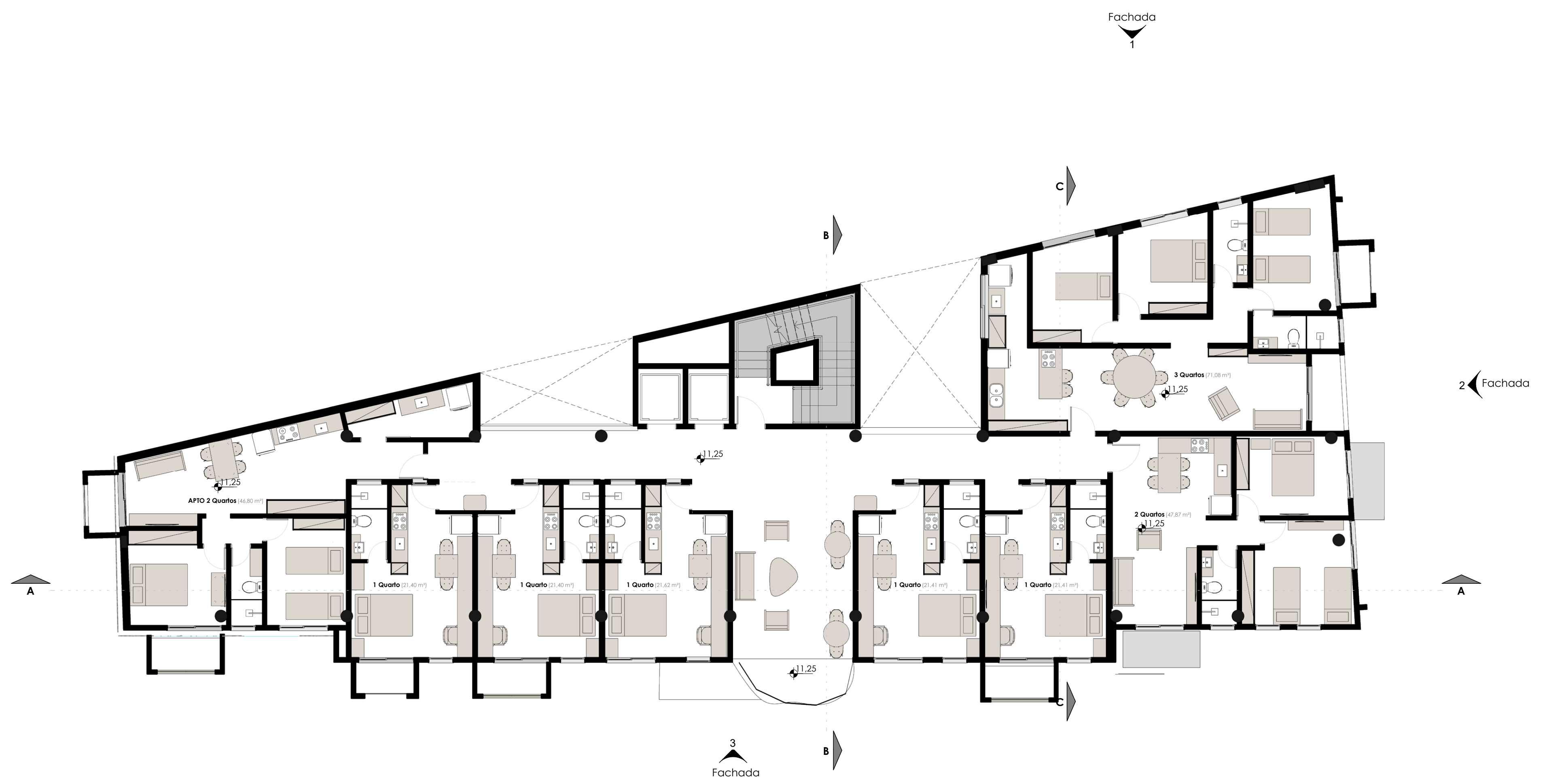
1º PAVIMENTO

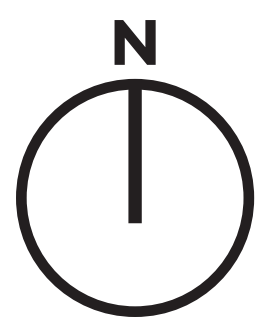
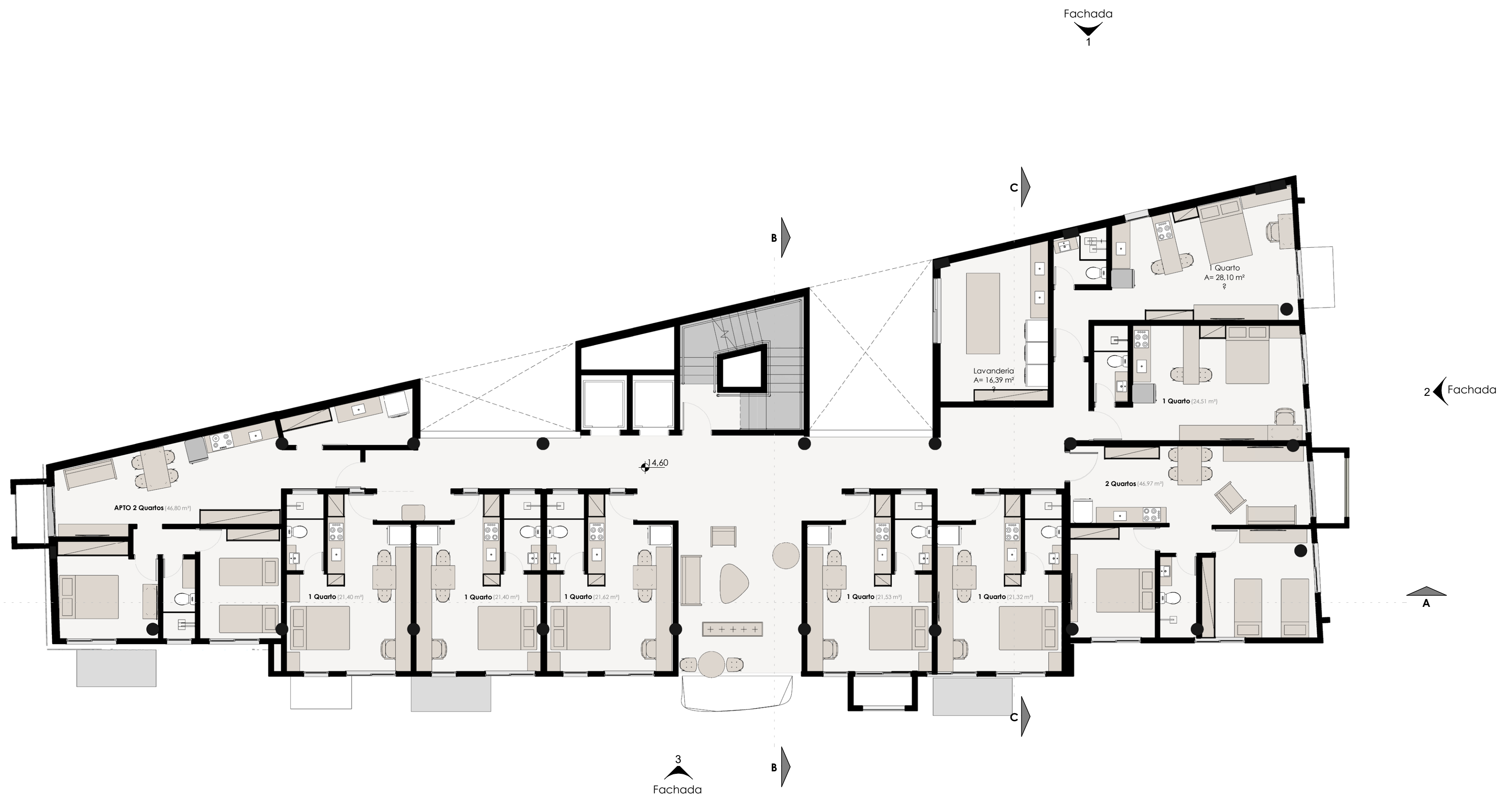
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

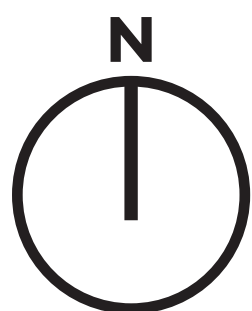
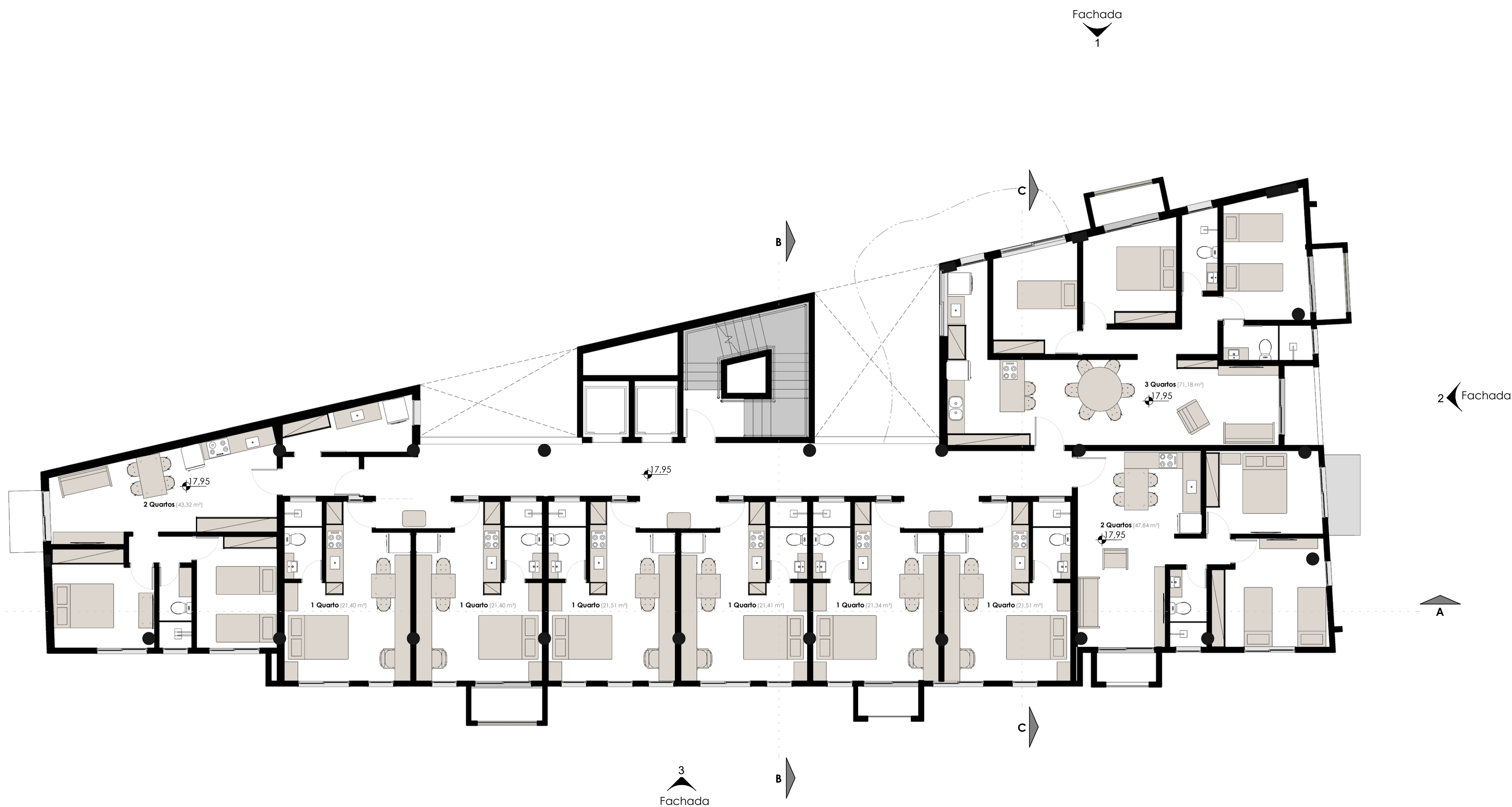
03/18





3º PAVIMENTO
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE



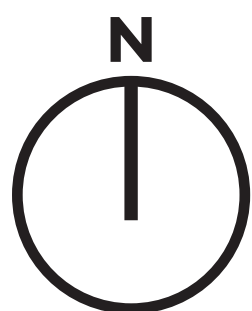
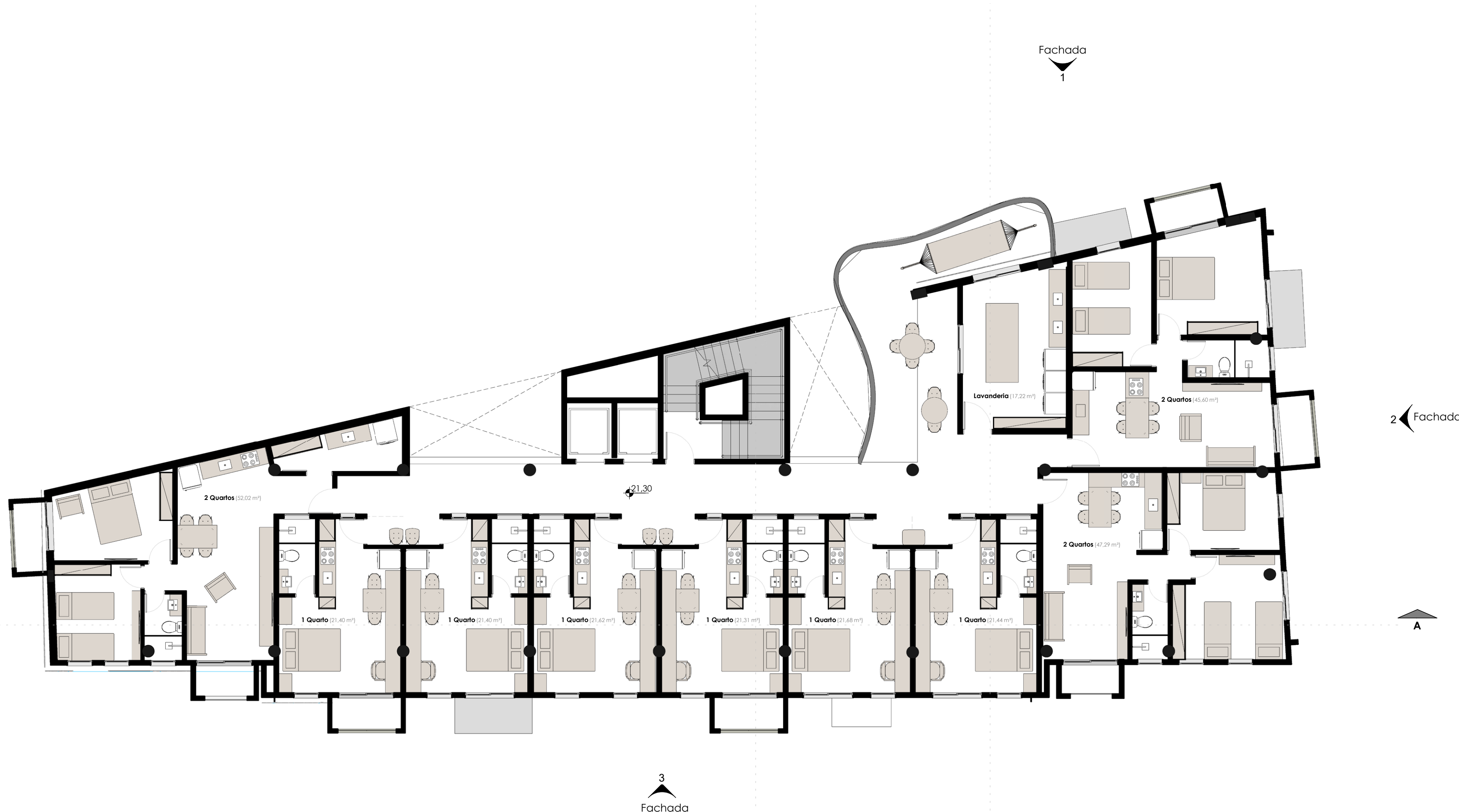
4º PAVIMENTO

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

06/18



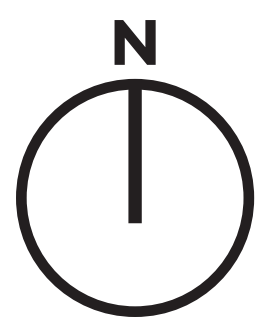
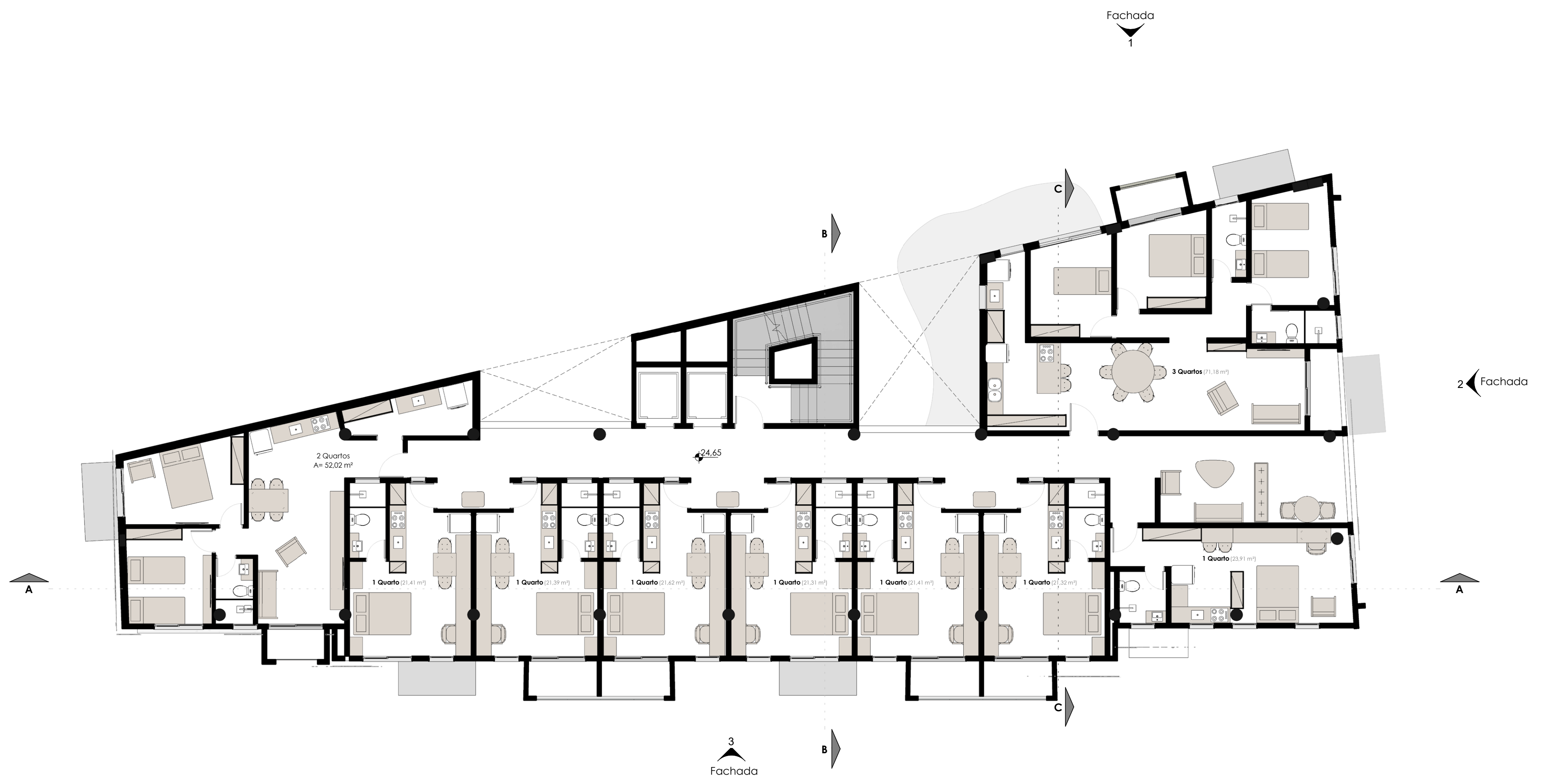
5º PAVIMENTO

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

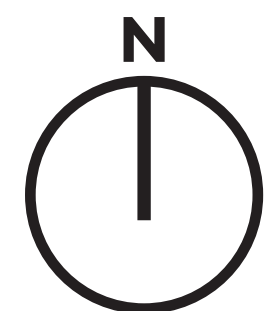
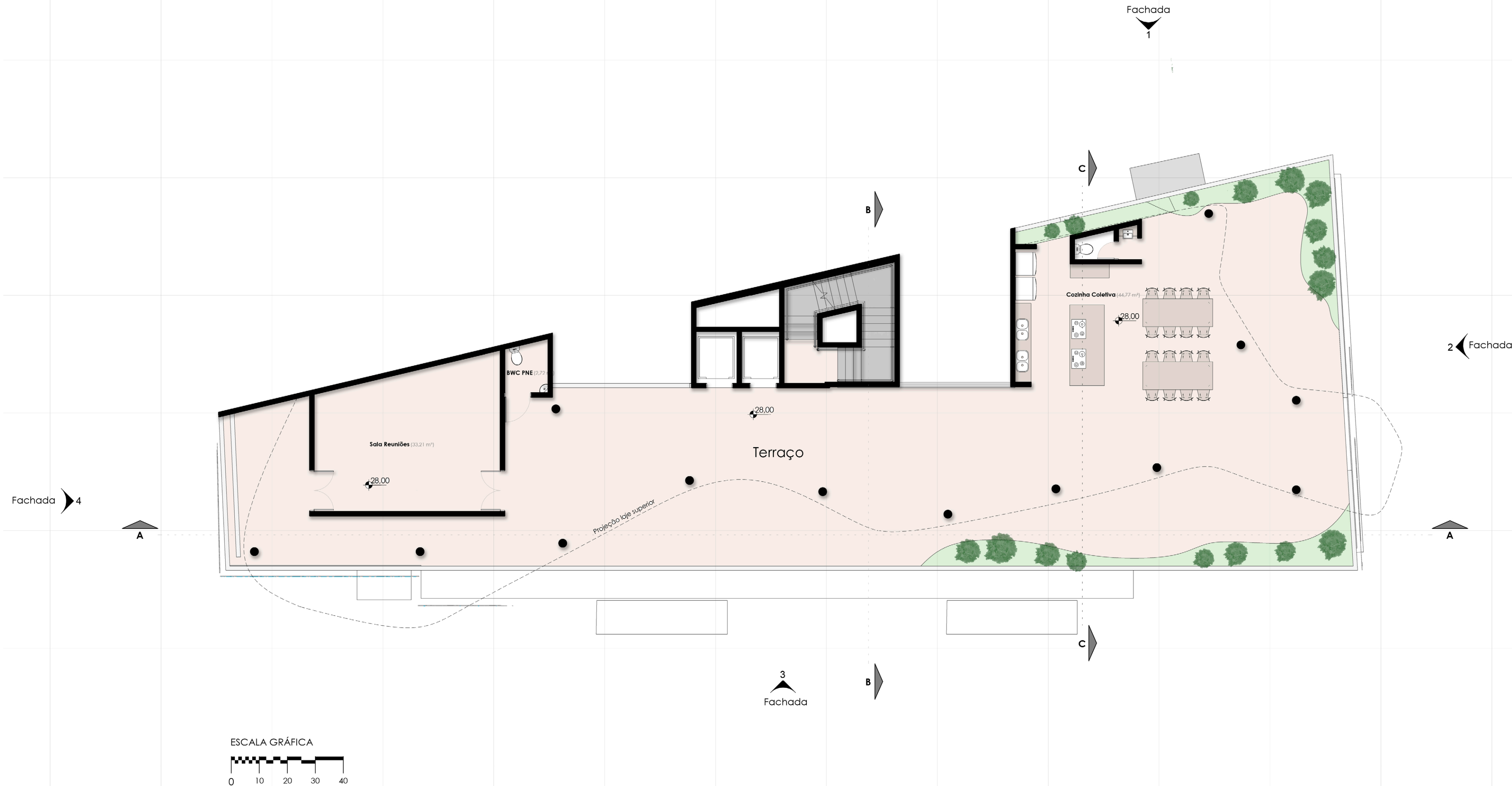
07/18



6º PAVIMENTO
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE

08/18



7º PAVIMENTO - TERRAÇO

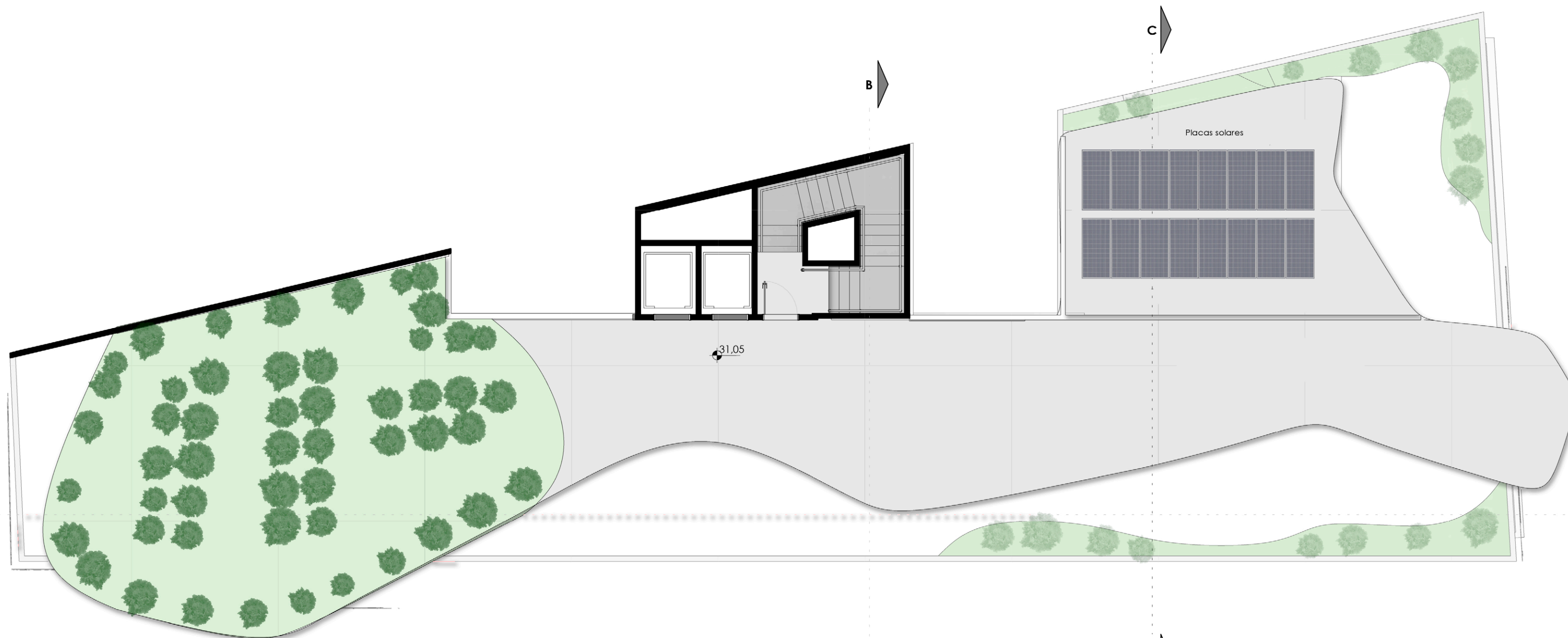
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE

09/18

Fachada 4

A



3
Fachada

B

C

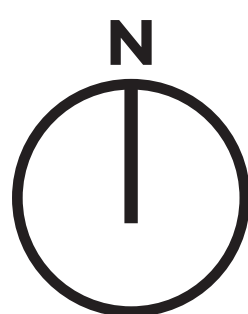
C

B

Fachada
1

2
Fachada

A



8° PAVIMENTO - HORTA
Escala 1-100

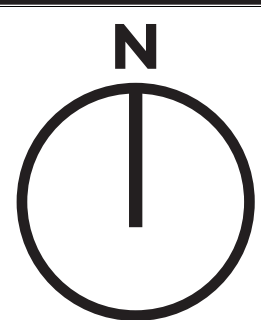
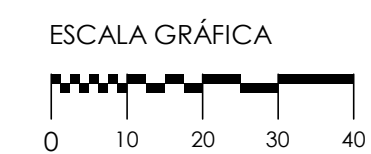
Desenho: Diego Lopes
UFPE

10/18

R. do Imperador II

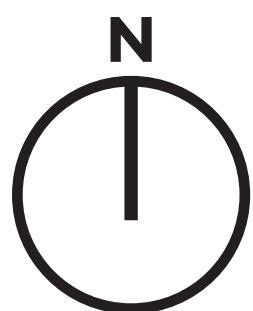
Av. Martins de Barros

R. Marquês do Recife



COBERTA
Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE



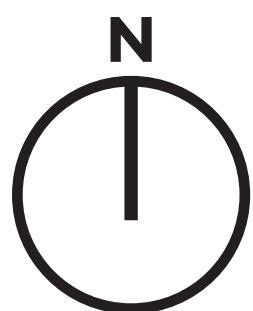
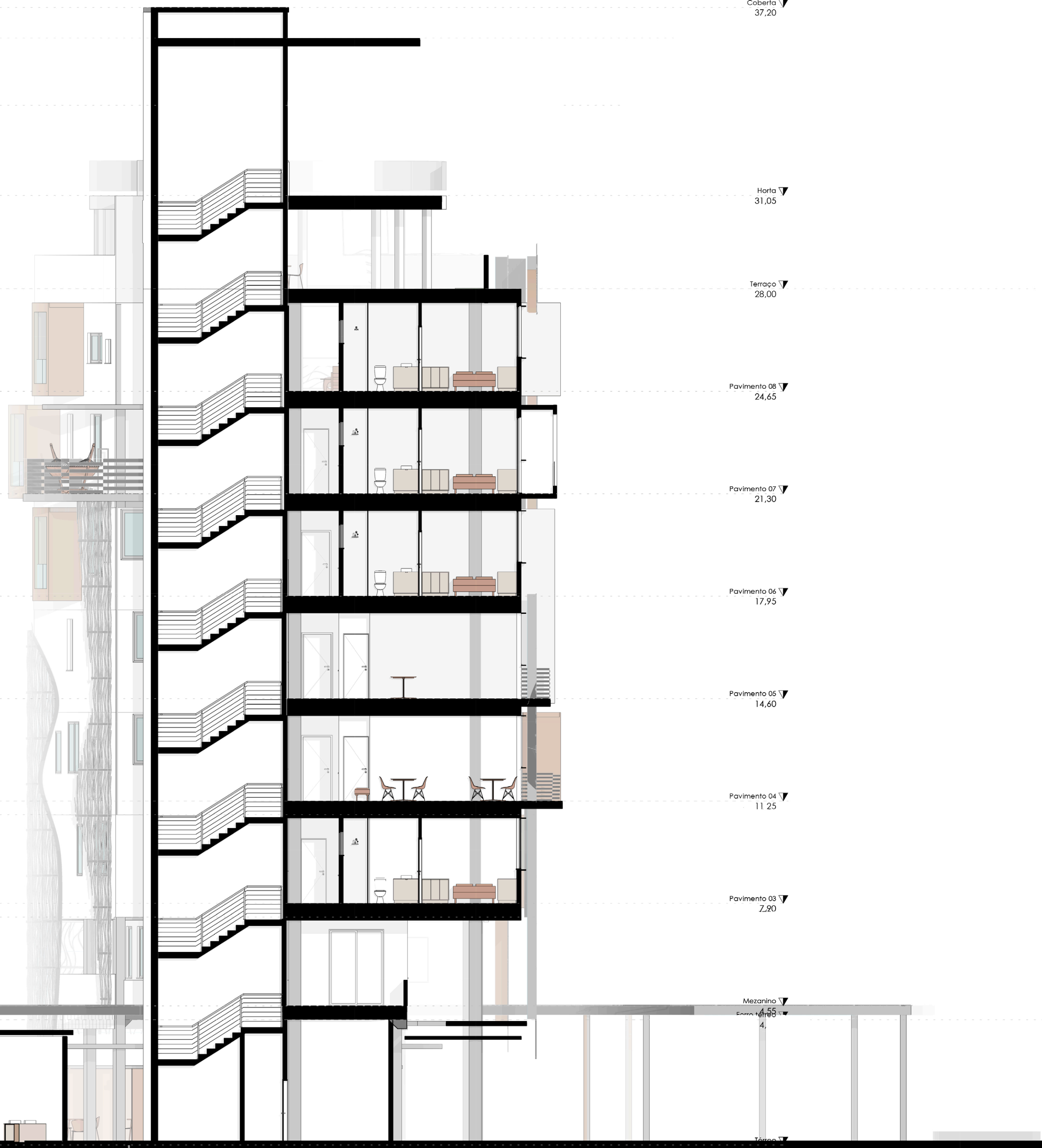
CORTE AA

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

12/18



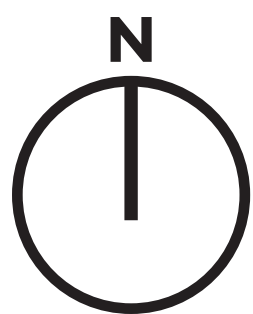
CORTE BB

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

13/18



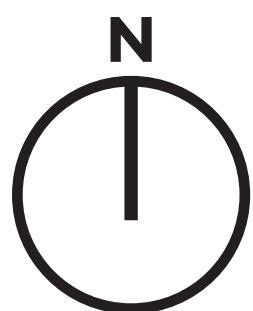
CORTE CC

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

14/18



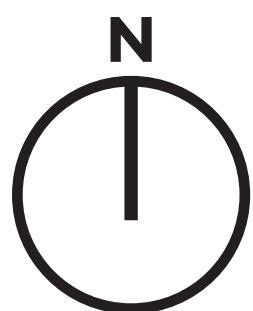
FACHADA 1 - NORTE

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

15/18

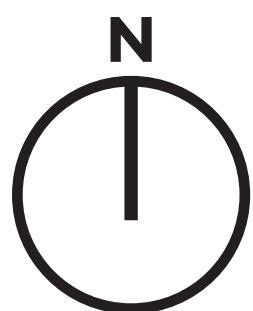


FACHADA 2 - LESTE

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE



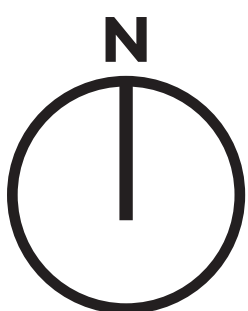
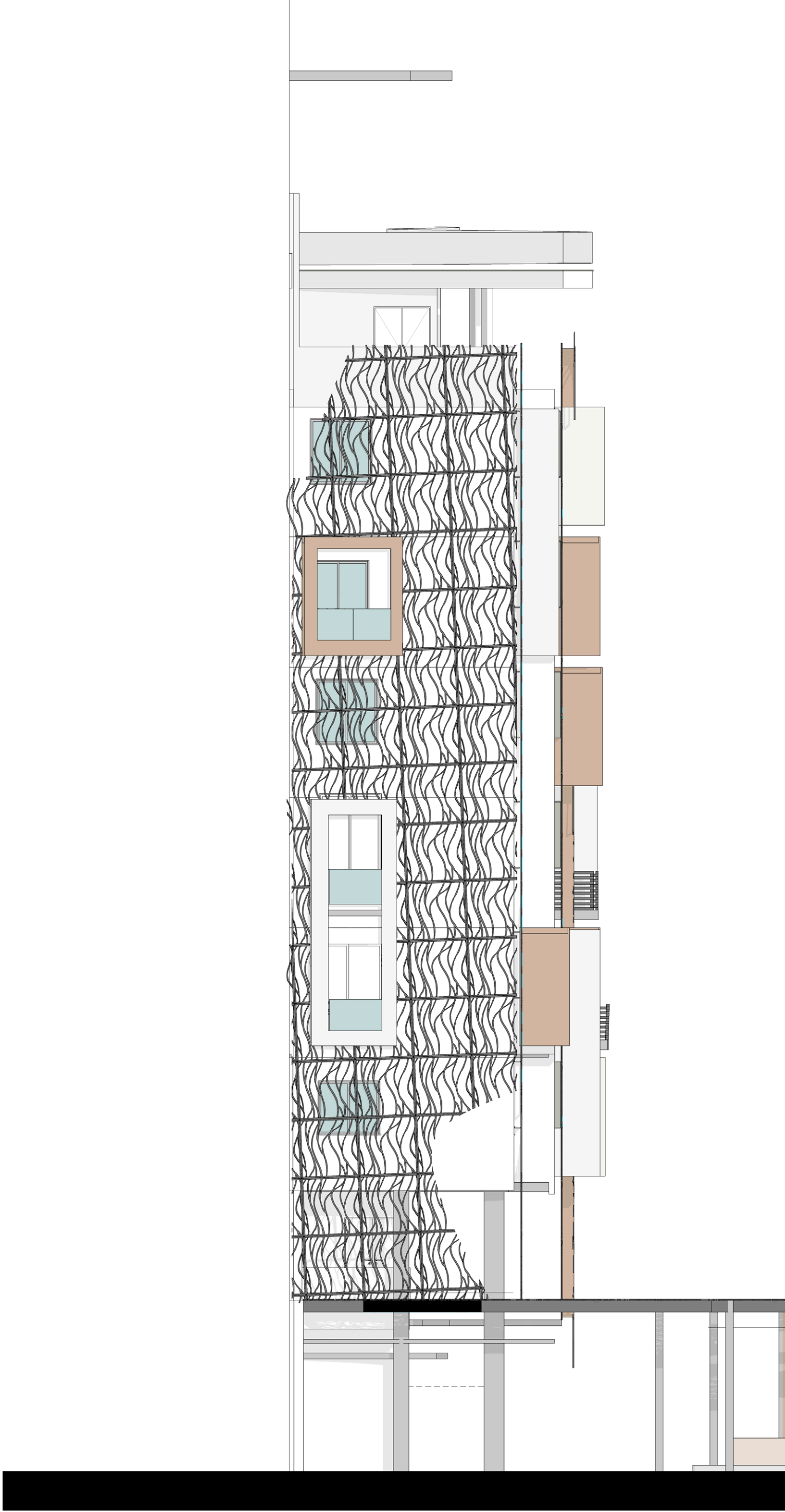
FACHADA 3 - SUL

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes

UFPE

17/18



FACHADA 4 - OESTE

Escala 1-100

Desenho: Diego Lopes
UFPE